

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO RURAL DE ASTORGA: PRÁTICAS
EDUCATIVAS E ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA ESCOLA
RURAL ÁGUA ASTORGA (1957-1980)**

ELENA PERICIN GOMES CORNICELLI

**MARINGÁ
2015**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO RURAL DE ASTORGA: PRÁTICAS EDUCATIVAS E
ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA ESCOLA RURAL ÁGUA ASTORGA
(1957-1980)**

Dissertação apresentada por ELENA PERICIN GOMES CORNICELLI, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientadora:

Prof^(a). Dr^a.: EDNÉIA REGINA ROSSI.

MARINGÁ

2015

ELENA PERICIN GOMES CORNICELLI

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO RURAL DE ASTORGA: PRÁTICAS EDUCATIVAS E
ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA ESCOLA RURAL ÁGUA ASTORGA
(1957-1980)**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. EDNÉIA REGINA ROSSI – UEM

Prof^a. Dra. SANDRA APARECIDA PIRES FRANCO – UEL

Prof^a. Dra. MARIA CRISTINA GOMES MACHADO – UEM

Maringá/Pr, 14/04/2015

Dedico meus esforços aos meus pais Antonia e Sebastião (in memoriam) e ao meu irmão Miramar (in memoriam). A caminhada foi difícil, mas não impossível.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, meu pastor em todos os momentos. Desfalecimento, incerteza e fraqueza de corpo e de alma me atingiram. Agraciada por Ele ofereceu-me coragem, fé e determinação. Fortaleceu-me a prosseguir nas trilhas e rumos que a vida traçou, Ele próprio carregou-me nos braços. Ao meu Senhor e meu Deus, louvor e glória.

À Maria, Senhora de todas as Senhoras, Senhora Aparecida, que me cobriu com Seu manto Sagrado, aliviando-me, acalmando-me e permanecendo junto a mim nos momentos de aflição.

A minha alma gêmea, Luiz Cornicelli, meu companheiro fiel de todas as horas. Obrigada, meu amor, por sua compreensão mesmo incompreendida, por seu incentivo quando percebia meu esmorecimento. Essencial foi sua presença e contribuição, ouvindo atento a produção que pouco a pouco ia se constituindo. Amo você!

Aos meus filhos, Kamilla, Luigi e Isabella, por me entenderem e me amarem. As batalhas enfrentadas valeram à pena, por ver em seus olhos e em seus corações o orgulho desta mãe. Amor incondicional...

Aos meus netos de hoje, Arthur e Sofia, que me sustentaram com seu amor e meiguice. Ser avó é muito gratificante. Na voz de Rachel de Queiroz "Netos são como heranças: você os ganha sem merecer. Sem ter feito nada para isso, de repente lhe caem do céu. É, como dizem os ingleses, um ato de Deus. ...". À medida que o cansaço e o sofrimento me abateram, vocês foram a energia que se encrustou em mim para que depois dos doces encontros, voltasse à jornada. Vovó ama muito vocês.

As minhas irmãs Nair, Ida e Sonia, por não me permitirem sentir sozinha. Vocês são meu porto seguro.

Ao Jonathan Felizari por me auxiliar com a localização das Escolas rurais no mapa e tratar as imagens deste trabalho e a Kamilla Cornicelli por me ajudar com a digitalização das fotos e documentos.

A Neuza Maria Julião Fortunato, Diretora do Departamento de Educação, pela amizade e apoio constante na jornada profissional. Por abrir o acervo documental e histórico das escolas do município de Astorga para que essa pesquisa fosse concretizada. Agradecida eternamente.

Aos colegas de trabalho do Departamento de Educação de Astorga, principalmente à Vilma Maria Spinella de Almeida e Daíse de Oliveira Campos Barduzzi, por compreenderem minha justa ausência e se desdobrarem no setor do Ensino Fundamental na rotina diária. À Aparecida Garcia pela empenho na separação das fontes e documentos relacionados a Educação Rural de Astorga. À Sueli Ferrari que com sua memória e experiência auxiliou na busca das fontes vivas e documentais e na exata demarcação da localização das 35 escolas rurais de Astorga. Aos demais colegas pelo essencial apoio e incentivo.

À sempre amiga Roseli Gall do Amaral Silva pelo apoio incondicional. Se não fosse seu incentivo e sabedoria, com certeza, os rumos seriam outros. Mesmo traçando outro caminho se fez presente no momento que mais precisei. Obrigada, irmã.

Aos colegas da Faculdade Astorga por abrirem possibilidades de estudo. Todos vocês contribuíram com meu crescimento profissional e humano.

A Ex Inspetora de Ensino, Maria José Lopes, aos ex professores e alunos da escola Rural Água Astorga, Orendina Carolina de Deus, Maria Zélia Cardoso dos Santos, Sebastião Simão dos Santos, Jandira Malta, Maria José Malta e Sueli Malta Perugini pela contribuição dada à História da educação de Astorga, por meio deste mergulhar no tempo.

À secretaria do PPE, nas pessoas do Hugo e da Márcia pela solicitude e ao Jeferson e a Margareth pelo bom atendimento na PEN.

À profª Drª Sandra Aparecida Pires Franco, pelas orientações na qualificação, por aceitar e continuar participando da minha caminhada acadêmica. Meu orgulho eterno.

Às professoras Drª Maria Cristina Gomes Machado e Drª Fátima Maria Neves pela valiosa contribuição no momento de qualificação e a profª Drª Elaine Rodrigues. Levarei comigo, nas trilhas por onde passar, o conhecimento adquirido nas aulas de mestrado.

A minha orientadora, profª Drª Ednéia Regina Rossi, pela competência, profissionalismo e humanidade que me fez parar e pensar diversas vezes sobre os trilhos por onde passei. Você, além de orientadora, foi minha amiga! Deus não dá a cruz maior do que se possa carregar, pois Ele coloca intercessores, verdadeiros anjos na caminhada para aliviar as dores, amenizar o peso, ajudar a carregar a cruz. O medo, as incertezas e o desânimo me abateram durante o trajeto e você confiou em mim. Abraçou-me, deu-me seu apoio em todos os momentos de dor. Você bem sabe que não foi fácil, mas, teria sido impossível sem você ao meu lado. Eternamente agradecida.

Muito obrigada a todos!

"Mas tudo está sempre por fazer, e em primeiro lugar nós mesmos" (Gaston Bachelard).

CORNICELLI, Elena Pericin Gomes. **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO RURAL DE ASTORGA: PRÁTICAS EDUCATIVAS E ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA ESCOLA RURAL ÁGUA ASTORGA (1957-1980)** 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Ednéia Regina Rossi. Maringá, 2015.

RESUMO

Esta investigação se insere no campo da História e Historiografia da Educação, de caráter documental e descritivo, tem como objetivo investigar a história da Educação Rural do município de Astorga, contada por meio das práticas educativas da Escola Rural Água Astorga no período de 1957 a 1980. A delimitação temporal se fez a partir de 1957, ano do início das atividades da Escola Rural Água Astorga e 1980 período de mudanças nas práticas educativas, tendo em vista a implantação das novas orientações da LDB nº. 5.692/71. A cultura escolar é tomada como categoria de análise buscando discutir componentes como o tempo e espaço escolar; a materialidade; as relações interpessoais; os métodos de ensino e de avaliação; o disciplinamento dos atores; a profissão docente. Autores como Michel de Certeau (1982) e Dominique Julia (2001) contribuíram com o diálogo. Os aportes metodológicos estão vinculados aos estudos de Marcus Levy Bencostta (2011) e Marieta Moraes Ferreira (2002). Para o debate específico da Educação Rural, buscaram-se autores mais recentes da historiografia como Faria Filho e Vidal (2000), Leite (2002), Bezerra Neto (2003), Passador (2006), Marinho (2008), Schelbauer e Gonçalves Neto (2013), Schelbauer (2014). Como fontes deste trabalho foram utilizadas: Decreto nº. 001/80, Plano de Implantação da Lei nº. 5.692/71, livro-ata de reuniões mensais de 1961 a 1970, livro ata de reunião de Associação Pais e Mestres (1972 – 1980); livros de frequência da Escola Municipal Rural Água Astorga, livros de frequência da Escola Isolada de Ossórida dos anos de 1949, 1960, 1965 e 1968, rotas do transporte escolar, Catálogo intitulado: “Astorga 1979” e o Livro: Os municípios sua História & sua Gente – Astorga (1980). Ainda foram realizadas análises de dados qualitativos por meio de entrevistas semiestruturadas no intuito de perceber a mudança de mentalidade dos profissionais da educação tendo em vista a troca da legislação e as diversas relações que a Inspeção de Educação construiu com os professores das escolas rurais do município de Astorga. Com esse estudo pode-se compreender as diversas relações ocorridas no âmbito escolar, especialmente as sucedidas na Escola Rural Água Astorga, sendo que, a mudança na legislação exigindo uma melhor formação não foi acompanhada de mudanças na estrutura das escolas rurais, o professor continuou atuando nos mesmos locais afastados e precários realizando múltiplas funções.

Palavras-chave: História e Historiografia da Educação. Educação Rural. Educação Rural do município de Astorga. Escola Rural Água Astorga. Práticas Educativas.

CORNICELLI, Elena Pericin Gomes. **HISTORY OF RURAL ASTORGA EDUCATION: EDUCATIONAL PRACTICES AND INSTITUTIONAL ORGANIZATION FROM OF THE RURAL SCHOOL ÁGUA ASTORGA (1957-1980)** 121 f. Dissertation (Master of Education) – State University of Maringá. Advisor: Ednéia Regina Rossi. Maringá, 2015.

ABSTRACT

This research is within the field of History and Historiography of Education, document and descriptive character, aims to investigate the history of Rural Education in the city of Astorga, was told through the educational practices of the Rural School Água Astorga, in the period from 1957 to 1980. The temporal delimitation was made from 1957 year of the beginning of the activities of the Rural School Água Astorga and 1980s period of change in educational practices, with a view to implementation of the new guidelines of the LDB no. 5,692 / 71. The school culture is taken as a category of analysis, attempt to discuss components such as time and space school; materiality; interpersonal relations; the teaching and assessment methods; the discipline of the actors; the teaching profession. Authors such as Michel de Certeau (1982) and Dominique Julia (2001) contributed to the dialogue. The methodological contributions are tied to studies Marcus Levy Bencostta (2011) and Marieta de Moraes Ferreira (2002). For the specific discussion of Rural Education, we searched for recent authors of historiography as Faria Filho and Vidal (2000), Faria Filho (2000), Leite (2002), Bezerra Neto (2003), Passador (2006), Marinho (2008), Schelbauer and Gonçalves Neto (2013), Schelbauer (2014). As sources of this work were used: the Decree no. 001/80, Implementation Plan of Law. 5692/71, minutes book of monthly meetings from 1961 to 1970, the minutes book of meeting Parent and Teacher Association (1972-1980); books frequency of the Rural School Água Astorga, frequency books Ossórida Isolated School in the years 1949, 1960, 1965 and 1968, the school transport routes, entitled Catalog "Astorga 1979" and the Book: The municipalities its history and its people – Astorga (1980). They were still carried out analyzes of qualitative data through organized interviews in order to realize the change in the mindset of education professionals with a view to exchange of the legislation and the various relationships that the Inspectorate of Education has built up with teachers in rural schools of the city Astorga. With this study, we can understand the different relationships occurring within the school, especially the successful in Rural School Água Astorga, being that, the change in the legislation requiring a better training was not accompanied by changes in the structure of rural schools, the teacher continued acting in the same distant locations and precarious performing multiple functions.

Keywords: History and Historiography of Education. Rural Education. Rural Education in the city of Astorga. School of Rural Água Astorga. Educational Practices.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Propaganda usada para divulgar o empreendimento ofertado pela Empresa Colonizadora São Paulo/Paraná em 1920	34
FIGURA 2: Instalações da Serraria Santa Terezinha, propriedade de José Pinto e filhos, 1949	39
FIGURA 3: Década de 1940, início do desenvolvimento de Astorga	40
FIGURA 4: Igreja Matriz de Astorga em 16 de abril de 1949.	41
FIGURA 5: Primeiro posto de combustível da cidade construído em alvenaria demonstra o início do desenvolvimento da cidade na década de 1950.	42
FIGURA 6: Primeira Escola de Astorga em 16 de abril de 1949.	45
FIGURA 7: Escola Estadual Rural Sória São Bento em 1972.....	50
FIGURA 8: Escolas Rurais instadas na década de 1950.	51
FIGURA 9: Planta baixa da escola indicando suas dependências e respectivas metragens	70
FIGURA 10: Fachada da Escola Municipal Água Astorga.	71
FIGURA 11: Escola Municipal Rural Água Astorga.....	72

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Dados proporcionais do analfabetismo no Brasil na década de 1950..	28
GRÁFICO 2: Taxa de alfabetização e de analfabetismo para pessoas com 15 anos ou mais no Brasil, entre as décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980.....	30
GRÁFICO 3: Variação de alunos da primeira escola rural de Astorga.....	49
GRÁFICO 4: População recenseada e situação de domicílio.	55
GRÁFICO 5: Índice das instalações de escolas rurais no município de Astorga nas décadas de 1950, 1960 e 1970;	56
GRÁFICO 6: Comparação da porcentagem referente a instalação das escolas rurais na década de 1960.....	57

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. A EDUCAÇÃO RURAL: DISCUSSÕES EM TORNO DO TEMA	21
2.1 Mais uma pausa para o debate: História da Educação Rural no Brasil e no Paraná.....	25
3. VIAJANDO PELAS TRILHAS DA HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE ASTORGA ...	33
3.1 Primeiros Investimentos	39
4. PRIMEIROS OLHARES PARA A EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ASTORGA	44
4.1 As Escolas Municipais Rurais do Município de Astorga.....	48
5. TRAÇOS E TRILHAS DA ESCOLA RURAL ÁGUA ASTORGA	59
5.1 Início de suas Atividades.....	60
5.2 Traços da Materialidade	66
5.3 Rotina Escolar	74
5.4 Traços do Relacionamento.....	80
5.5 Traços da Avaliação.....	83
5.6 Percursos da Profissão Docente	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS.....	101
ANEXOS	106
APÊNDICE.....	117

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo investigar a história da educação rural paranaense, em particular, com a do município de Astorga, contada por meio das práticas educativas da Escola Rural Água Astorga no período de 1957 a 1980.

A delimitação temporal se fez a partir de 1957, ano do início das atividades da Escola Rural Água Astorga, sendo que em 1961 ocorrera sua implantação oficial. As trinta e cinco escolas rurais existentes¹, sendo trinta municipais e cinco estaduais, tiveram suas atividades reguladas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº. 4.024/61. Por outro lado, a década de 1980 seria um período de mudanças nas práticas educativas, tendo em vista o final do período em que a lei prescrevia a obrigatoriedade de implantação das novas orientações da LDB nº. 5.692/71².

O interesse pelo tema surgiu a partir dos estudos e reflexões realizadas no grupo de pesquisa História da Educação Brasileira, Instituições e Cultura Escolar - HEDUCULTES³, da Universidade Estadual de Maringá, cujas pesquisas estão relacionadas às Instituições e à Cultura Escolar⁴.

Os debates realizados no grupo de pesquisa foram a mola propulsora para buscar nos arquivos do Departamento de Educação de Astorga fontes para pesquisa. Compondo a equipe de Assessoria Pedagógica do Ensino Fundamental FASE I, na função de coordenar a organização do ensino e encaminhamentos pedagógicos, uma grande proximidade com as escolas do município e com a prática educativa do cotidiano foi possível estabelecer.

¹ Devido ao recorte temporal a Escola Rural José Franco Baeza instalada no ano de 1989, após as mudanças legais, não foi contabilizada nos dados deste trabalho.

² A Lei prescreve 10 anos como prazo de adaptação às novas orientações.

³ História da Educação Brasileira, Instituições e Cultura Escolar - HEDUCULTES. O objetivo central do grupo é inserir-se no campo das discussões acerca da pesquisa e do ensino de história da educação no Brasil, com ênfase nas abordagens, conceitos, fontes, objetos e métodos. Aprofundando conhecimentos acerca da cultura escolar, da imprensa periódica de grande circulação e também da pedagógica, do campo disciplinar da História da Educação, das instituições educativas e da infância.

⁴ Pesquisas tendo como categoria de análise as instituições e cultura escolar foram desenvolvidas pelo grupo de pesquisa HEDUCULTES - UEM, sendo “A institucionalização da Educação pré-escolar municipal de Maringá: do “parquinho infantil” à Unidade Polo de Ação da Pré-Escola – UPAPE (1969 - 1974) de Priscila Viviane Souza (2014); “Cultura escolar: Colégio Paroquial Santo Inácio, suas festas e comemorações (1957 – 1965)” de Geslaine Cristina Tamião Piola (2013); “Campo disciplinar e cultura escolar: a trajetória do ensino da arte no curso Normal/Magistério, no Colégio Estadual São Vicente de Paula (Nova Esperança. PR, 1971 – 1997)” de Rosimara Albuquerque Mello.(2013)

Na vivência diária e experiências pedagógicas com todos os profissionais da educação das escolas municipais de Astorga, percebeu-se, ao manusear os documentos históricos, que outras experiências foram vivenciadas por sujeitos, em tempos e espaços distintos. Essas vivências estavam adormecidas e esquecidas na memória ou nos documentos.

Assim, ao verificar que não foi encontrada nenhuma pesquisa sobre a história da educação Rural de Astorga, suscitou tal interesse e por meio da permissão da Diretora do Departamento Municipal de Educação deste município, tive acesso aos arquivos existentes e iniciei o reconhecimento das fontes. Os documentos continham dados e informações, sendo materialidades importantes que preservavam parte da história da Educação Rural de Astorga.

No reconhecimento das fontes, algumas lacunas dificultavam entender as vivências da educação rural. As relações que permearam o período demarcado fizeram surgir os seguintes questionamentos: Quais as motivações que levaram os professores a realizarem uma formação específica para continuarem lecionando nos mesmos locais distantes e precários? Quais as modificações alcançadas, após a mudança da legislação? As funções do professor das escolas rurais mudaram? O método de ensino era outro? Houve modelos diferenciados de avaliação? As relações entre a inspetoria de educação e professores sofreram alterações? Esses são alguns dos questionamentos que deram um norte à pesquisa.

Diante das indagações e das possibilidades do objeto, pesquisar sobre a educação rural seria desafiador. Como mapear as informações de todos os professores que atuaram nas escolas rurais? Alguns poderiam ter se mudado para outra cidade, outros falecidos, há quem não seria identificado, desprovida de registros, pois parte dos documentos foram perdidos e/ou esquecidos pelo tempo. No princípio da investigação as fontes que possuíamos, para construir uma narrativa sobre a história da educação rural de Astorga, resumiam-se nos livros atas de aprovação, atas de reuniões da Associação de Pais e Professores (APP) e livros de registro de frequência com informações fragmentadas. Os poucos dados de que dispunha impulsionaram-me à busca de outras fontes de pesquisa.

Com este primeiro reconhecimento, sentiu-se a necessidade de verticalizar a investigação, delimitando o objeto de pesquisa para uma vivência, um caso em particular. Assim, decidiu-se tomar a Escola Municipal Rural Água Astorga como locus de investigação. A escolha se justifica pelo fato dessa escola ser uma das

primeiras criadas e, acrescenta-se o fato de seu ex-professor ser um atual morador na cidade de Astorga, o que facilitaria a coleta das fontes orais.

Feitas as primeiras definições, iniciou-se a investigação das produções sobre a educação rural nos Programas de pós-graduação de quatro Universidades do Paraná, sendo elas: Universidade Estadual de Londrina; Universidade Estadual de Maringá; Universidade Estadual de Ponta Grossa e Universidade Federal do Paraná.

Ao adentrar nas discussões propostas sobre a educação rural no estado do Paraná, observou-se que o objeto escolhido mostra-se como um problema pertinente, uma vez que alguns estudos realizados revelam dados a respeito da história da Educação Rural no Brasil de forma mais geral. Em relação ao Estado do Paraná, poucos estudos foram realizados, havendo muitas lacunas no que diz respeito à história regional e local.

Mesmo tendo a dificuldade de encontrar estudos sobre a educação rural, a construção da dissertação foi ganhando envolvimento e interesse a cada dia e, várias vezes foram necessárias voltar às mesmas fontes, direcionando o olhar a elas e descobrindo outras possibilidades, outros caminhos e outras direções. Vale ressaltar que esse movimento ora se apresenta como motivação, ora como desespero, porém, essas desestabilizações impulsionaram a continuidade da pesquisa.

O processo de localização das fontes escritas e oficiais foi demorado e, ao final dele, foram selecionados os seguintes documentos: decreto de criação das escolas rurais; processos de autorização, de renovação e cessação das escolas rurais de Astorga; livros de registros de matrícula e frequência, livros-atas, livros de avisos, livro de reuniões, livros-pontos, processos de implantação de leis, e rotas do transporte escolar. Todos estes documentos estão conservados no Departamento de Educação de Astorga e organizados em caixas-arquivos por ordem cronológica.

As práticas educacionais tiveram os registros feitos em livros específicos, mas muitos deles se perderam com o tempo, sobretudo os da década de 1950 e 1960. Contudo, um livro de frequência foi entregue no início de 2013 ao Departamento de Educação, por uma professora aposentada que lecionou em uma escola rural do município, sendo disponibilizados para a pesquisa mais três que estavam sob sua guarda, esses dos anos de 1949, 1960, 1965 e 1968. Neles há registros do nome e quantidade de alunos, frequência, nome da escola, da professora, mês e ano.

Trezentos e noventa e sete livros de chamada de todas as escolas rurais estão guardados no Departamento de Educação.

Os documentos localizados nos arquivos do Departamento de Educação tratam de períodos e assuntos diferentes, por isso a primeira providência foi a de separar, dentre os documentos, as fontes da pesquisa. Destarte, como fontes deste trabalho serão utilizadas: o Decreto nº. 001/80, o Plano de Implantação da Lei nº. 5.692/71 do Município de Astorga, Plano de Implantação da Lei nº. 5.692/71 do Estado do Paraná, livro ata de reuniões mensais de 1961 a 1970, livro ata de reunião de Associação Pais e Mestres (1972 – 1980); livros de frequência da Escola Municipal Rural Água Astorga, livros de frequência da Escola Isolada de Ossórida dos anos de 1949, 1960, 1965 e 1968, além das rotas do transporte escolar.

No rastreamento das fontes, outros documentos foram localizados no Arquivo da Biblioteca Municipal de Astorga: três catálogos impressos elaborados pela administração do município dos anos de 1979⁵, 1988⁶ e 1992⁷. Tais catálogos tinham como objetivo divulgar as realizações das respectivas administrações, sendo abordadas questões educacionais em que foram referenciados os empreendimentos realizados nas escolas rurais de Astorga. Para a presente pesquisa foi utilizada como fonte a revista “ASTORGA 1979”.

O livro “Os municípios sua História & sua Gente – Astorga”⁸, conta a história da cidade de Astorga por meio de depoimentos de moradores e pioneiros da cidade, no final da década de 1970. Sua narrativa tem o objetivo de registrar a colonização e desenvolvimento do município nos diversos aspectos econômico, político, cultural, educacional, histórico, entre outros.

Além da pesquisa em fontes escritas e iconográficas, optou-se, também, pelo desenvolvimento da pesquisa oral, de caráter qualitativo. Foram entrevistados uma ex-inspetora de ensino do município, três ex-professores da Escola Rural Água Astorga e três ex-alunas que estiveram presentes, em seu cotidiano, durante o

⁵ Contendo 38 páginas, a revista intitulada “ASTORGA 1979” foi organizada pelo prefeito Sr. Egídio Prete e acompanhado por sua equipe.

⁶ Intitulada “Astorga: olhos voltados para o futuro, 5 anos da administração João Zampieri”, edição especial da Revista Paranaense em setembro de 1988, faz um balanço dos 5 anos da administração.

⁷ Com o objetivo de promover e divulgar os feitos pela a administração do Sr. Francisco Carlos Londero Benetti, a revista produzida em 1992 teve como responsável o jornalista o Dr. José de Arimatéia. A impressão ficou a cargo da empresa Art & Cia de Londrina-PR.

⁸ Publicado em agosto de 1980 pela Cendí Editora S/C LTDA. O livro foi distribuído gratuitamente pela Prefeitura, para todas as escolas do município, biblioteca municipal e Secretarias da Prefeitura.

período de 1957 a 1980. Em relação à História Oral, metodologia de pesquisa caracterizada pelos testemunhos orais, foi necessário que:

Os instrumentos para se atingir tais objetivos seriam a formulação, no caso dos estudos acadêmicos, de roteiros de entrevistas consistentes, de maneira a controlar o depoimento, bem como o trabalho com outras fontes, de forma a reunir elementos para realizar a contraprova e excluir as distorções (FERREIRA, 2002, p.327).

Os depoimentos orais são reconhecidos como meio eficaz de compor os espaços não preenchidos pelas fontes escritas. Nesse sentido, é possível incorporar outros elementos de investigação reintegrando o papel do indivíduo no processo social e enfraquecendo as “[...] desconfianças quanto à utilização da história oral” (FERREIRA, 2002, p.328).

Como aporte teórico da pesquisa, optou-se pelos estudos de Certeau (1982) e Julia (2001). O primeiro sinaliza que a composição da narrativa historiográfica não consiste apenas em descrever simplesmente o fato vivido, pois, o vivido não existe a não ser quando relatado. Nesta perspectiva, o fato vivido se torna história à medida que é contada a outras pessoas, sendo este o trabalho do historiador. Por outro lado, as reflexões em torno da cultura escolar como objeto de pesquisa, possibilita observar as mutações e permanências resultantes do entrelaçar dos diferentes modos de pensar e agir ao longo do tempo. Para Julia (2001):

[...] no momento em que uma nova diretriz redefine as finalidades atribuídas ao esforço coletivo, os antigos valores não são, no entanto, eliminados como por um milagre, as antigas divisões não são apagadas, novas restrições somam-se simplesmente às antigas (JULIA, 2001, p. 23).

Por essa óptica, adentrar no campo da história permite investigar as particularidades levando em consideração as estruturas e mecanismos que regulam suas práticas de sentidos e sua forma de fazer história.

O estudo se desenvolveu por meio das metodologias de pesquisa bibliográfica, documental, iconográfica e oral. A análise das imagens iconográficas se apoiou na perspectiva exposta por Bencostta (2011, p. 401) que se refere à utilização de iconografia como fonte de pesquisa, sendo ela “[...] suporte material da memória e testemunho da informação histórica [...]”. Por outro lado:

A fotografia ou um conjunto de fotografias não reconstituem os fatos passados. A fotografia ou um conjunto de fotografias apenas congelam, nos limites do plano da imagem, fragmentos desconectados de um instante de vida das pessoas, coisas, natureza, paisagens urbana e rural. Cabe ao intérprete compreender a imagem fotográfica enquanto informação descontínua da vida passada, na qual se pretende mergulhar (KOSSOY, 2001, p.114-115).

Assim, o diálogo com outras fontes é salutar, implicando na ação de conferir a memória, checar as fontes e as representações históricas, nas palavras de Le Goff: “[...] confrontar as representações históricas com as realidades que elas representam é que o historiador apreende mediante outros documentos e métodos [...]” (LE GOFF, 2003, p. 12).

Para apresentação dos resultados optou-se pela estruturação do texto em 5 seções, distribuídos da seguinte forma: a introdução, como primeira seção, preocupa-se em apresentar a finalidade da pesquisa, a sua periodização, o percurso de localização dos documentais que compõem o acervo público do município de Astorga, as fontes de pesquisa, os interlocutores de pesquisa, bem como os autores do campo teórico e metodológico que deram forma a esta pesquisa.

Na segunda seção é organizado o levantamento das discussões dos últimos 10 anos relacionadas à Educação Rural no Brasil e no Paraná em quatro programas de Pós-Graduação do Estado do Paraná e também em estudos de historiadores nacionais. A revisão de literatura se apoiou, portanto, nas produções mais recentes sobre o tema e em autores como Faria Filho e Vidal (2000), Faria Filho (2000), Leite (2002), Bezerra Neto (2003), Passador (2006), Marinho (2008), Schelbauer e Gonçalves Neto (2013), Schelbauer (2014), que ajudaram a compor o debate em torno da educação rural do Brasil e do Paraná. O levantamento permitiu visualizar a ínfima produção do cenário paranaense.

Iniciando as discussões de minha pesquisa, considerações históricas sobre o município de Astorga foi o debate proposto na terceira seção, sendo traçado um panorama desde o início da colonização até o desenvolvimento da cidade, apontando aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais daquele período.

As primeiras iniciativas educacionais no município de Astorga foi o tema proposto na quarta seção, sobretudo no movimento das ações presentes na Educação Rural do município de Astorga.

Na quinta e última seção afinilamos a investigação “fitando os olhos” para a rotina dos sujeitos que pertenceram a comunidade da Escola Municipal Rural Água Astorga, no final da década de 1950 e nas décadas de 1960, 1970 e 1980. A seção foi composta fundamentalmente de entrevistas, que revelaram aspectos importantes para a construção da memória da Educação Rural de Astorga. Carregadas de significações, as lembranças e as recordações, dos sujeitos que vivenciaram a trajetória da escola, foram confrontadas com outras fontes permitindo desvendar aspectos importantes da história da educação local.

Revisitar o tema da história da educação rural paranaense, por meio de uma escola rural do Município de Astorga, significou adentrar no terreno propriamente escolar, nos seus costumes e tradições, observando o movimento de suas rupturas e continuidades. Cabe ao historiador no processo de desvendamento utilizar a imprecisão buscando à “[...] dúvida, talvez da suspeita, por certo, na qual tudo é posto em interrogação, pondo em causa a coerência do mundo. Tudo o que foi dito, um dia contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra” (PESAVENTO, 2004, p. 15 -16). Assim, a motivação para a pesquisa não foi somente atrelada à busca por preencher espaços e lacunas percebidas no início da pesquisa, sobretudo, para compreender as relações educacionais estabelecidas entre alunos, professores e Inspeção de Ensino.

2. A EDUCAÇÃO RURAL: DISCUSSÕES EM TORNO DO TEMA

Para o reconhecimento do debate mais recente acerca da história da educação rural do Paraná optou-se por mapear a produção existente em torno do tema, circunscrito ao período de 1950 a 1980, dos últimos 10 anos nas produções dos Programas de Pós-Graduação em Educação do Paraná⁹, sendo eles o da Universidade Estadual de Maringá (UEM); da Universidade Federal do Paraná (UFPR); da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

A produção de teses e dissertações dos quatro programas foi levantada com o objetivo de conhecer a produção historiográfica em torno da temática da Educação Rural no Estado do Paraná, sendo possível perceber que há pouca investigação sobre a periodização. Constatou-se que as produções existentes concentram sua temática a partir da década de 1990, quando se vê surgir outra nomenclatura, a saber, a educação do campo.

De acordo com as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, na história da educação rural, os povos camponeses eram reconhecidos como indivíduos indefesos, vivendo em um local de atraso. “Trata-se do rural pensado a partir de uma lógica economista, e não como um lugar de vida, de trabalho, de construção de significados, saberes e cultura” (SEED-PR, 2006, p. 24). Por outro lado, a nova terminologia, segundo as mesmas diretrizes, surgiu do entendimento de Educação do Campo que se consolidou a partir dos movimentos sociais ocorridos no final do século XX, expondo que a Educação do Campo tem como referência “[...] a identidade e cultura dos povos do campo, valorizando-os como sujeitos que possuem laços culturais e valores relacionados à vida na terra” (SEED-PR, 2006, p. 24).

A mudança na nomenclatura revela uma diferenciação que exprime mentalidades distintas para o mesmo espaço, demonstrando que o campo deve ser considerado um local de produção de trabalho, de cultura e de conhecimento, relacionando-os com o próprio modo de ser e viver.

⁹ Pesquisas da educação rural/campo de outros estados brasileiros foram desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação pesquisados, mas o mapeamento pautou-se somente nos números das produções que caracterizavam a Educação Rural/Campo do Paraná, tendo o recorte temporal os últimos dez anos.

Segundo Vendramini (2007), o termo Educação Rural foi utilizado até o ano de 1998, quando vários educadores, integrantes do MST e representantes de Universidades se reuniram para a primeira Conferência Nacional “Por uma Educação Básica do Campo”. Nesse momento foi inaugurada a expressão Educação do Campo e não mais Educação Rural, por “[...] reafirmar a legitimidade da luta por políticas públicas específicas e por um projeto educativo próprio para os sujeitos que vivem e trabalham no campo” (VENDRAMINI, 2007, p. 123).

As discussões envoltas a essa temática resultaram, em 2006, nas preliminares das Diretrizes Curriculares da Educação do Campo para o Estado do Paraná, fomentando o seguinte argumento:

Caracterizada como o resgate de uma dívida histórica do Estado aos sujeitos do campo, que tiveram negado o direito a uma educação de qualidade, uma vez que os modelos pedagógicos ora marginalizavam os sujeitos do campo, ora vinculavam-se ao mundo urbano, ignorando a diversidade sociocultural do povo brasileiro [...] (PARANÁ, 2006, p. 9).

O I Seminário Estadual da Educação do Campo, ocorrido entre 09 e 11 de março de 2005, teve como um de seus objetivos “[...] fortalecer e difundir a identidade do campo” (PARANÁ, 2008, p. 65). Em debate realizado após palestra proferida por Arroyo nesta mesma conferência, o autor fez o seguinte questionamento:

A Educação do Campo tem de ser outra porque o campo hoje é outro, não porque há outro modelo de escola para o campo diferente da cidade, ou mesmo um modelo da cidade igual para o campo. Não se trata de modelos de escolas, trata-se de como os seres humanos vivem, humanizam-se ou se desumanizam-se, formam-se sujeitos mentais, sociais, éticos, de cultura, de identidade, em cada tempo da vida, em cada momento histórico. Esse deve ser nosso horizonte (PARANÁ, 2008, p. 50).

É possível observar que a alteração de expressão traz uma mudança de mentalidade, em que serão valorizadas as minorias e suas identidades. Esclarecida a mudança de nomenclatura, sinalizo para a complexidade que envolve o estudo da educação destinada aos sujeitos do campo e esclareço que neste trabalho, por possuir seu recorte temporal nas décadas de 1960 a 1980, utilizarei a expressão educação rural.

No levantamento de dados destacamos que nos arquivos eletrônicos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá não foi encontrada nenhuma referência em relação à história da educação rural em particular, mas foram localizadas duas produções que trabalham com a temática da Educação do Campo, produções que se somam aos estudos mais recentes do tema e da luta pela educação do Movimento Sem Terra (MST).

Os dois trabalhos abrem um debate sobre a Educação do Campo: um, na modalidade de Jovens e Adultos e o outro, em políticas específicas para o campo. As duas pesquisas trazem aspectos em torno da história da educação rural, aspecto que acabei por me ater em função de interesse particular na pesquisa.

A próxima investida direcionou-se ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina, onde não há nenhum estudo sobre a história da Educação Rural do Paraná.

No Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná foi encontrado um trabalho que se aproxima da temática de interesse da Educação Rural ou Campo do Estado do Paraná. A dissertação intitulada “A escola do campo e seu significado: o ponto de vista de professores e professoras da rede estadual de educação do Paraná”, de Marciane Maria Mendes (2009), propõe uma reflexão em relação às políticas para a educação rural, historicizando a Educação do Campo por meio das políticas estabelecidas às escolas e ao “povo” do meio rural. A partir das análises das políticas públicas para o ensino na zona rural, a autora considera que houve um abandono dessa educação no decorrer do tempo.

A autora, ao direcionar a atenção para a legislação brasileira, assinala que a partir da aprovação da Constituição Federal de 1934 iniciou-se um olhar tímido para essa modalidade. Ao fazer essa afirmação faz referência ao parágrafo único do artigo 156 da referida lei: “Para a realização do ensino nas zonas rurais, a União reservará no mínimo, vinte por cento das cotas destinadas à educação no respectivo orçamento anual” (BRASIL, 1934).

Da mesma maneira, destaca que foram incluídas regras gerais para a educação, sem especificações diretas ao ensino rural na Constituição de 1937, em seu artigo 132. Vejamos:

O Estado fundará instituições ou dará o seu auxílio e proteção às fundadas por associações civis, tendo umas; e outras por fim

organizar para a juventude períodos de trabalho anual nos campos e oficinas, assim como promover-lhe a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-la ao cumprimento, dos seus deveres para com a economia e a defesa da Nação (BRASIL, 1937).

Em consonância com a Constituição de 1937, a de 1946 também não faz menção específica à Educação Rural, contudo estabelece regras gerais para o ensino, enunciando em seu art. 172 que “Cada sistema de ensino terá obrigatoriamente serviços de assistência educacional que assegurem aos alunos necessitados condições de eficiência escolar” (BRASIL, 1946a).

Dessa forma, a autora expõe que nas primeiras décadas do século XX, poucas referências foram dadas à Educação Rural nas especificações da legislação da educação brasileira, inferindo que a Educação Rural estava em consonância às determinações dadas ao meio urbano.

A história desta educação não é recente, mas só foi percebida, jurídica e educacionalmente falando, nas primeiras décadas do século XX, quando os movimentos migratórios entre campo e cidade se intensificaram e começaram a provocar o aumento da população das cidades. Isso fez com que se iniciassem discussões mais intensas em torno da Educação Rural do Brasil (MENDES, 2009, p. 2).

É destacada a pouca atenção dada à educação rural na história da educação no Brasil, da mesma maneira são evidenciadas as manifestações de grupos específicos ligados ao campo para que mudanças fossem ocorrendo com o passar do tempo. A autora observa que o debate em torno da Educação do Campo foi se intensificando à medida que o campo e a cidade foram se distanciando. Mendes (2009) sinaliza, também, a mudança conceitual que a educação do campesino alcançou. Para ela,

O sentido da educação rural aparece quando há referência à política educacional no início e decorrer do século XX, cuja preocupação era com ações que pudessem superar o “atraso” presente entre os trabalhadores e moradores do espaço rural. Já o sentido da Educação do Campo aparecerá quando estiver em destaque a ação dos movimentos sociais e as parcerias em desenvolvimento neste início do século XXI, oriundas da dinâmica social do campo no final do século XX (MENDES, 2009, p. 4).

A diferença conceitual entre os termos rural e campo foi destacada pela autora, explicando que isso ocorreu por conta das lutas em torno de uma melhor educação para o campo.

Não se trata, obviamente, apenas de uma mudança de nome; uma série de transformações aconteceu durante o último século, em decorrência dos processos de luta por escolarização para as populações que vivem no campo e essa nova denominação pretende ser indicativa de uma nova posição diante dessa Escola (MENDES, 2009, p. 3 - 4).

As discussões sobre esta modalidade de ensino não são recentes, porém se tornaram mais presentes nas primeiras décadas do século XX, à medida que a migração entre campo e cidade se energizou e provocou o aumento da população nos centros urbanos. Isto fez com que se iniciassem discussões mais intensas em torno da Educação Rural no Brasil.

2.1 Mais uma pausa para o debate: História da Educação Rural no Brasil e no Paraná

Na aproximação com o debate acerca da história da educação rural paranaense optou-se por recuperar estudos historiográficos também da educação rural do Brasil, tendo selecionado publicações dos últimos quinze anos. O diálogo foi estabelecido com autores como Faria Filho e Vidal (2000), Leite (2002), Bezerra Neto (2003), Passador (2006) e Marinho (2008).

Segundo Marinho (2008), a educação no meio rural teve, durante muito tempo, os mesmos moldes da educação da cidade, sem respeitar as peculiaridades da comunidade campesina, assim:

Autores como Fernando de Azevedo, Maria José G. Werebe e Vanilda Paiva, falam do fracasso que a proposta educacional aplicada na zona rural teve, pois levou-se para essa área o mesmo projeto pedagógico feito e executado na zona urbana e tratou-se o educando rural como se tratava o urbano, sem dar a ele condições de viver como o da zona urbana (MARINHO, 2008, p. 12).

É nítido que o referido autor considera que não houve alteração no projeto pedagógico da escola da zona rural para a escola da zona urbana, fazendo um

balanço das políticas educacionais do Brasil. Destaca, ainda, a submissão da educação rural à educação urbana. Desse modo, a Educação Rural, para Marinho (2008), teria se configurado de forma anacrônica, retrógrada e antiquada, pois não fazia emergir mudanças neste meio.

Tomando como princípio o processo de urbanização, Marinho (2008), retomando as reflexões de Fernando de Azevedo, argumenta que:

Fernando de Azevedo (1953) nos diz que a educação na zona rural, para levar o homem a despertar-se a desenvolver-se, precisa ser acompanhada da infra-estrutura necessária para a vida humana, e não querer que o homem da zona rural viva contemplando o que tem na zona urbana e vivendo a carência de sua realidade, mesmo que ele tenha condições intelectuais para transformar o seu meio (MARINHO, 2008, p. 93).

Marinho (2008) esclarece que para tentar amenizar os problemas advindos do movimento migratório da zona rural para a urbana, se desencadeou um intenso movimento denominado ruralismo pedagógico¹⁰. Intencionava-se formar o camponês por meio da escola, fixando-o no campo. Relata, também, que na década de 1930 foi realizada a IV Conferência Nacional da Educação, caracterizada pelo intenso entusiasmo dos educadores e pela oposição da Igreja Católica que insistia na educação tradicional.

A meta era acabar com o analfabetismo, considerado o anacronismo frente aos ideais desenvolvimentistas, apresentando-se como “[...] uma doença e uma marginalização dentro da sociedade” (MARINHO, 2008, p. 75). Essa iniciativa de acabar com o analfabetismo no país, teve como finalidade propagar a educação em todo o espaço rural, disseminar o folclore do povo do campo por meio da ação da Sociedade Brasileira de Educação Rural, demonstrando a importância dessa população e abrindo as discussões em torno da educação do povo camponês.

Marinho (2008, p. 69) reporta-se às ideias de Fernando de Azevedo sobre a “[...] necessidade de pensar na Educação Rural em função do homem que habita a zona rural.” Essa preocupação estaria atrelada ao movimento ruralista, que tinha como objetivo lançar formas diferenciadas para a ação educativa do campo. “Intelectuais e educadores em geral da escola pública aderem ao movimento

¹⁰ O termo ruralismo pedagógico foi dado a uma corrente de pensamento surgida no final do século XIX e início do século XX e tinha como ideal ampliar nacionalmente a formação do homem do meio rural, fixando-o ao campo por meio do sistema educacional.

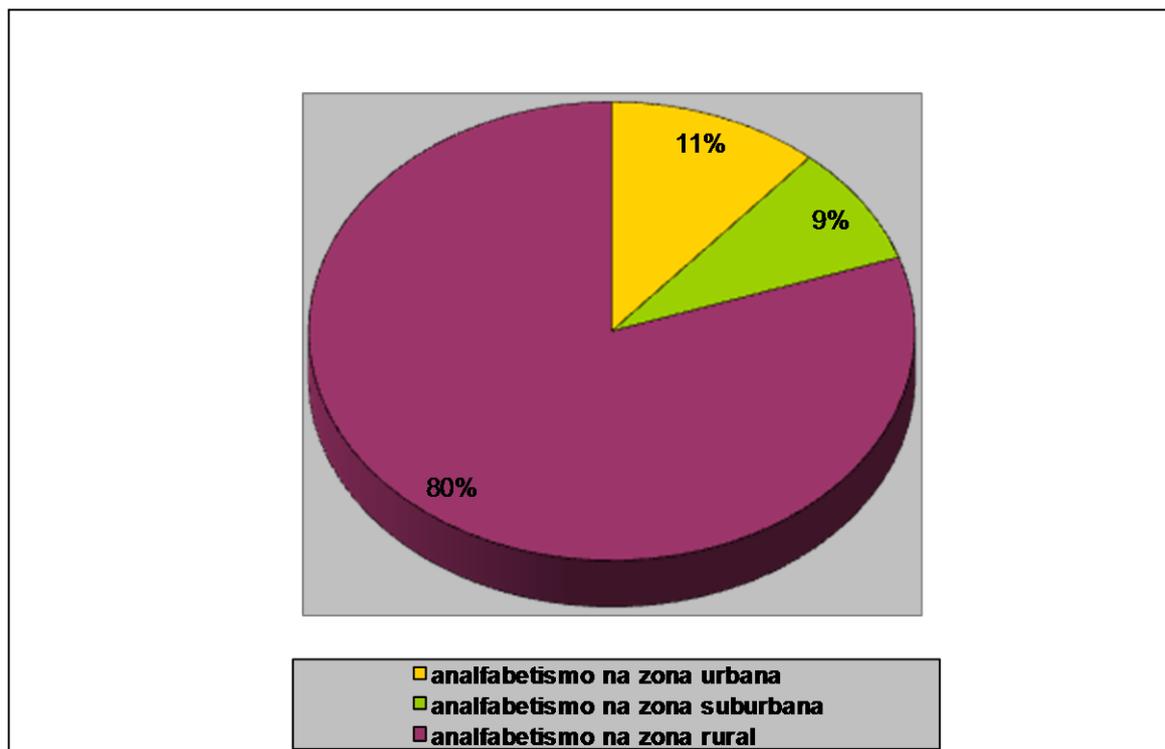
ruralista com o intuito de determinar formas de ação pedagógicas no campo, buscando sanar, por intermédio da educação, o êxodo rural” (BEZERRA NETO, 2003, p. 11).

Políticas voltadas à Educação Rural foram pensadas e diversas campanhas foram realizadas no intuito de problematizar as condições básicas de vida das populações carentes, especialmente as da zona rural, tentando atingir o mal que o analfabetismo causava ao país, sendo considerado “fator de segurança nacional” (LEITE, 2002, p. 32).

Para Leite (2002), as campanhas contra o analfabetismo foram consequências das descontinuidades dos projetos pensados para transformar as condições de vida do homem ruralista. Distantes dos centros urbanos, falta de infraestrutura, estradas precárias e sem condições de ir e vir, as comunidades sem perspectiva foram alvo da bandeira levantada em favor da educação. Em 1950, campanhas em prol de uma educação de qualidade foram pensadas, propondo iniciativas voltadas à educação da zona rural. A Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) e do Serviço Social Rural (SSR) foram projetados com o objetivo de “[...] desenvolverem projetos para a preparação de técnicos destinados à educação de base rural” (LEITE, 2002, p. 36). A partir desses primeiros programas, CNER e SSR, o dilatamento de outros foi preciso para atender as expectativas do meio rural, surgindo, posteriormente, a Campanha de Educação de Adultos e as Missões Rurais de Educação.

Essas campanhas se fizeram num contexto em que as taxas de analfabetismo no país eram enormes. O Censo demográfico de 1950 revela os índices de analfabetismo em relação ao campo e a cidade. Observemos o gráfico:

Gráfico 1: Dados proporcionais do analfabetismo no Brasil na década de 1950



Fonte: Censo demográfico de 1950, adaptado de Marinho (2008).

Os dados do Censo apontam que na década de 1950 o agrupamento da maioria da população no Brasil era na zona rural, já que nesse período, e anterior a ele, a economia era basicamente agrária. Por esse motivo, o índice de analfabetismo se concentrou no meio campestre. Após essa data, a especulação em torno de uma vida próspera rondou os centros urbanos, modificando a distribuição do analfabetismo.

Na interpretação de Leite (2002), a Educação Rural e a sua expansão se fizeram à medida que, nas décadas de 1930 a 1950, os setores agrário exportador e urbano industrial se ampliaram e a política interna do país se amparou nas expectativas de “inserção do Brasil na modernidade do século XX” (LEITE, 2002, p. 27). Tal iniciativa incidiu, sobretudo, no processo educativo com vistas ao país obter melhores resultados em nível quantitativo, alavancando o “progresso”.

Leite (2002) retrata que esse processo de expansão era considerado como “utopia” pelo fato de almejem democratizar e universalizar a educação, fato que foi acelerado diante das transformações sociais e econômicas do período.

Para Passador (2006, p. 89), “[...] a explicação básica desse processo se baseia nas profundas modificações¹¹ por que passou a economia brasileira [...]”. A autora apregoa que,

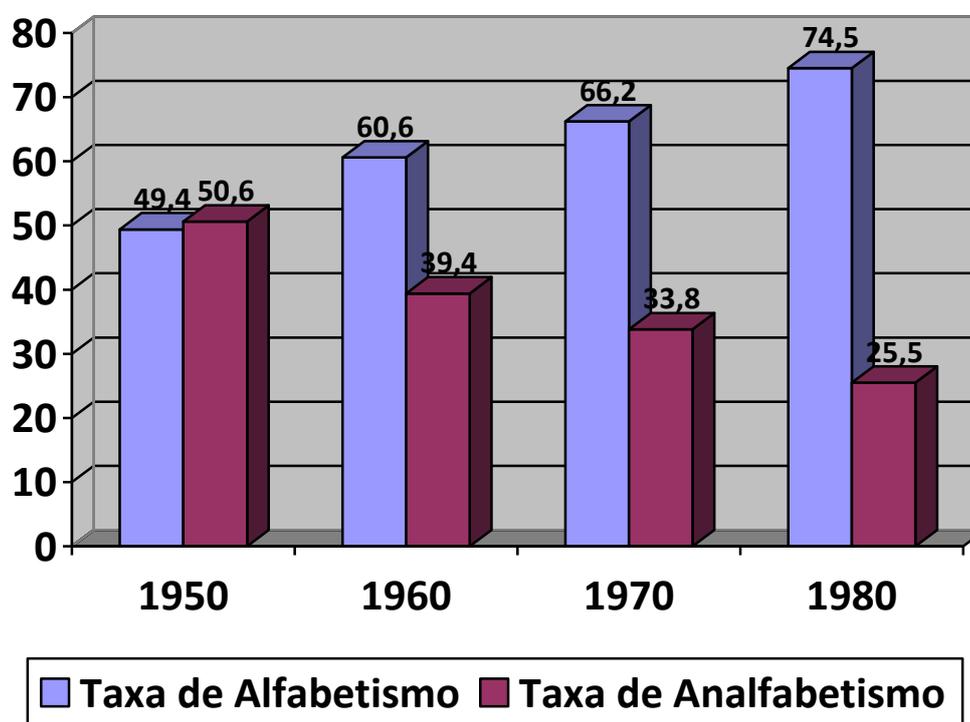
[...] projetos de educação rural capaz de “fixar o homem a terra” são ilusórios, pois os trabalhadores rurais abandonam seu trabalho e seu local de vida e moradia porque não há mais condições políticas e econômicas de reprodução da vida familiar (PASSADOR, 2006, p. 115).

Para Passador (2006, p.117), a educação do meio rural foi direcionada para formação de técnicos e que nela se apresentara as “[...] maiores percentagens de reprovação, ausências às aulas, número de professores leigos e distorções idade-série”. Para a autora “não existe educação rural, mas fragmentos da educação escolar urbana introduzida no meio rural” (PASSADOR, 2006, p. 115).

É importante observar que o Censo Demográfico da educação brasileira, entre as décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, trouxe um significativo aumento na taxa de alfabetização do país. Vejamos:

¹¹ A autora faz referência às profundas modificações relacionando com a economia brasileira que a partir da metade do século XX se desestabilizou em decorrência de questões políticas, econômicas e sociais.

Gráfico 2: Taxa de alfabetização e de analfabetismo para pessoas com 15 anos ou mais no Brasil, entre as décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1950/2000.

Percebe-se que houve um aumento na taxa de alfabetização da população brasileira acima de 15 anos entre 1950 e 1980, demonstrando que as políticas de erradicação do analfabetismo no país, resultaram de alguma forma, em mudanças positivas na estatística nacional. De 51% de analfabetos em 1950 passou-se para 25% em 1980. E de 49% de alfabetizados em 1950, passou-se para aproximadamente 75% em 1980. Contudo, esse processo se fez em meio a uma diversidade de ideias e posições.

Em relação ao Estado do Paraná, poucos estudos abordam a história da educação rural das décadas de 1950 a 1980. Destaco os estudos de Schelbauer e Gonçalves Neto (2013) que discutem as necessidades regionais e suas especificidades, enfatizando a importância de criar condições para a manutenção do brasileiro ruralista. Assim escrevem:

Manter o homem no campo, atender à diversidade das necessidades regionais, formar professores para educar a população na escola primária rural, institucionalizar e criar políticas de expansão da escola primária na zona rural que fosse capaz de preparar homens e mulheres a resolverem seus problemas regionais e integrarem-se ao seu mundo rural (SCHELBAUER; GONÇALVES NETO, 2013, p. 87).

Os autores destacam a diversidade regional e enfatizam a necessidade de formação de profissionais que atendessem a essas diferenças integradas ao mundo rural. A desestabilização do espaço rural e urbano foi percebida no Estado do Paraná e debatida por Erasmo Pilotto (1954), segundo Schelbauer e Gonçalves Neto:

O debate entre os defensores de uma educação geral, de uma escola única para o campo e para a cidade versus escola diferenciada para a zona rural também ocupou a cena no território paranaense na voz de Erasmo Pilotto ao questionar as finalidades de tais instituições e a necessidade de aproximá-las do quadro da educação geral do estado (SCHELBAUER; GONÇALVES NETO, 2014, p. 103).

A polêmica nacional entre uma escola única versus uma escola para o campo e outra para cidade esteve presente no cenário paranaense e, remonta às primeiras décadas do século XX.

Antes de adentrar no cenário educacional paranaense, é preciso expor mesmo que de maneira sucinta, sobre o processo de colonização do Estado do Paraná. Schelbauer (2014) comenta que a região se desenvolveu em passo acelerado. O Paraná foi constituído a partir do século XIX pela migração, primeiramente por paulistas e mineiros e, em seguida, por imigrantes japoneses e italianos, deslumbrados pelas férteis terras.

No Paraná, o contexto analisado foi marcado pela ocupação do território, aumento populacional, surgimento dos novos centros urbanos e colonização das áreas rurais, movimento que não sem conflitos, foi vislumbrado pelas pessoas da época como um período de progresso e modernização, no qual a educação foi enfatizada como um dos fatores desta modernidade (SCHELBAUER, 2014, p. 71).

Os estudos da autora revelam que a inquietação tomada pelo governador Bento Munhoz da Rocha Neto, na década de 1950, faz menção à necessidade de assistência ao trabalhador rural, uma problemática apresentada no cenário nacional que “[...] reside no desamparo e no esquecimento das populações rurais” (PARANÁ, 1951, p. 6).

Ocupado de forma diversa por diferentes grupos étnicos, por imigrantes europeus e asiáticos e processos de migrações internas, o Paraná manteve uma forte relação com o mundo rural durante a fase de ocupação de seu território (SCHELBAUER, 2014, p. 78).

A autora aponta dados populacionais demonstrando o rápido crescimento. Em 1940, o Paraná possuía 1.235.849 habitantes, dez anos depois, o número de habitantes dobrou e na próxima década triplicou. A modificação do espaço tornando colonizado e urbanizado suscitou um planejamento tanto urbano quanto rural, estratégias foram pensadas para suprir as necessidades dos habitantes, por isso os lotes foram demarcados levando em consideração o acesso à água e às vias de transporte.

Tomadas medidas estruturais, o Estado garantiu acesso à educação tendo como objetivos “garantir a riqueza do estado”, por meio da formação dos filhos dos proprietários de lotes e “civilizar” os moradores da área rural, ensinando-lhes além do convencional, leitura, escrita e cálculos, o cuidado diário com o corpo tendo hábitos de higiene e “valorização da vida no campo” (SCHELBAUER, 2014, p. 79).

Arelado às bases federais, políticas educacionais foram criadas pelo governo paranaense com o objetivo de difundir o ensino primário rural, os recursos financeiros investidos delegava ao estado a manutenção das escolas em funcionamento, assistência técnica e de materiais. A categoria de Escolas Isoladas primárias do Paraná monitoradas por um único professor se fazia presente no meio rural, já que dados apontados anteriormente mostram a concentração da maioria da população nessa área. A década de 1950 transcorreu com investimentos na construção de casas escolares devido à importância que o estado obteve, assumindo lugar de destaque na economia cafeeira.

Por apresentar característica peculiar de desenvolvimento, o Estado do Paraná se torna foco de investigação e a educação passa a ser vista como parte integrante do progresso, alvo de debates e lutas. Schelbauer (2014) pontua que investigar a educação rural regional é contribuir para compor espaços vazios na historiografia do Estado do Paraná.

Após apresentadas discussões em torno da Educação Rural no cenário paranaense e nacional, os debates serão aproximados ao cenário educacional e histórico do município de Astorga, buscando refletir sobre aspectos políticos, culturais, sociais e econômicos da região e, em particular o seu desenvolvimento educacional.

3. VIAJANDO PELAS TRILHAS DA HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE ASTORGA

Desde o início da década de 1930, o norte do Paraná, região de terra roxa, começou a ser colonizado por meio da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) constituída em meados da década de 1920, quando comprou do governo do estado 515.000 alqueires paulistas de terras na região com o objetivo de cultivar algodão. Mas, os planos da cultura branca não prosperaram e surgiu a ideia de lotear a grande expansão de terras adquiridas.

Os primeiros funcionários da Companhia chegaram ao local em 21 de agosto de 1929, onde mais tarde seria a cidade de Londrina. O trabalho dos homens pioneiros era de dar início ao processo de demarcação e venda de terras, bem como montar a infraestrutura mínima necessária para as atividades da companhia.

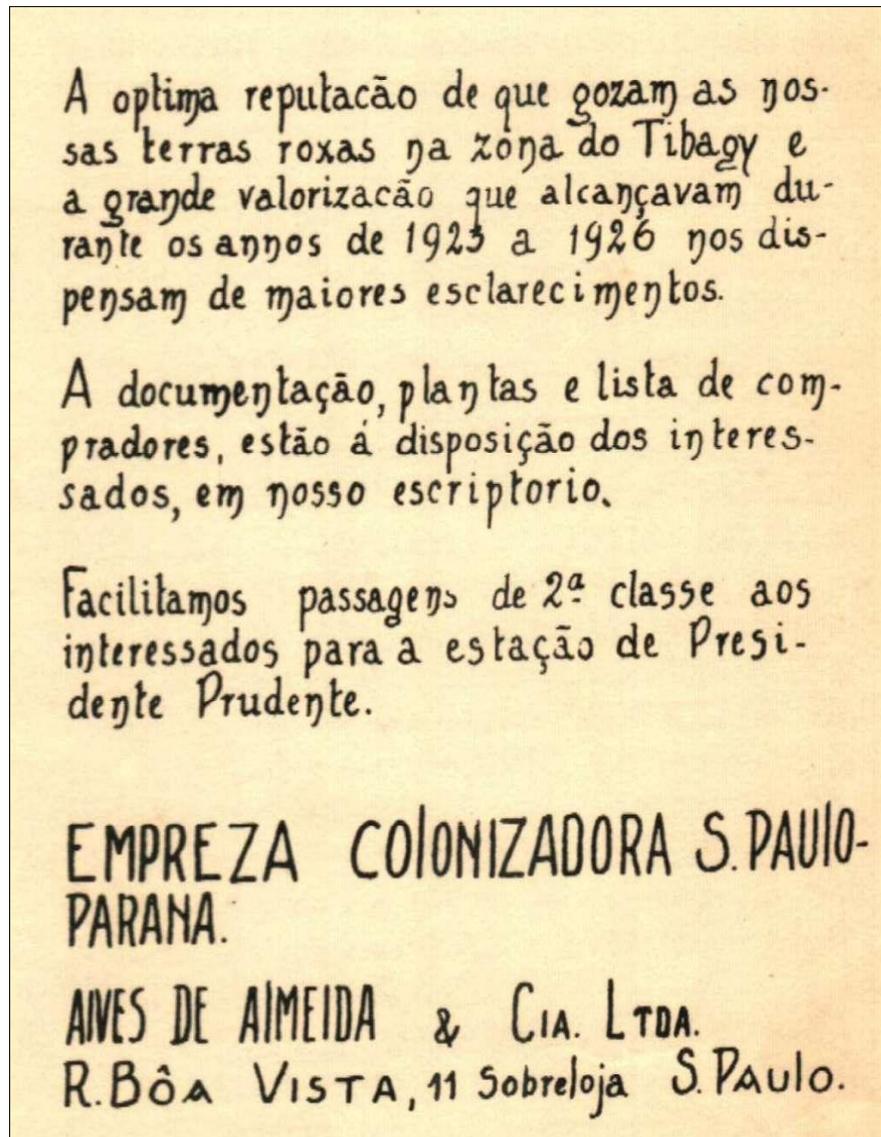
Assim, destaca-se que essa região passou a ser organizadamente colonizada no início da década de 1930, por meio da CTNP que tinha como meta estruturar o processo de povoamento das terras presentes no Estado. A companhia colonizadora estabeleceu rapidamente um meio eficaz de povoamento em terras paranaenses, por meio da divulgação dos lotes. Muitas famílias se deslocaram, migrando para o chamado norte pioneiro do estado, atraídos pela divulgação realizada por meio de propagandas e utilização de panfletos. Quanto ao contexto desenvolvimentista vivido pelo país nos anos 30, em que o progresso e a modernização eram ansiados pelos sujeitos, Schelbauer (2014, p. 77) lembra que:

[...] foi marcado pela ocupação do território, aumento populacional, surgimento dos novos centros urbanos e colonização das áreas rurais; movimento que, não sem conflitos, foi vislumbrado pelas pessoas da época como um período de progresso e modernização, no qual a educação foi enfatizada como um dos fatores desta modernidade.

Para a autora, tais características, advindas do progresso e da modernização, estiveram presentes no período de 1930-1960 no contexto rural do Estado do Paraná, destacando o encantamento pela garantia de prosperidade.

Uma das formas encontradas para divulgar o empreendimento foi por meio de propaganda impressa.

Figura 1: Propaganda usada para divulgar o empreendimento ofertado pela Empresa Colonizadora São Paulo/Paraná em 1920



Fonte: Astorga (1980c, p. 9).

A propaganda apresentada anteriormente utilizada para divulgação de vendas das terras teve papel importante à medida que promovia o interesse sobre o empreendimento. Foi claramente utilizada para aumentar a procura e o desejo de prosperidade, promovendo uma rápida invasão do norte paranaense por compradores que foram formando a cidade, tornando-se pioneiros na região.

Ferreira (2006), explica que a região do Rio Tibagi obteve um crescimento surpreendente na década de 1920, contudo, devido a fatores econômicos, políticos e climáticos, muitas pessoas abandonaram o local e, conseqüentemente, os preços

baixaram (FERREIRA, 2006). Na propaganda destaca-se a menção em relação à disponibilidade de documentos que comprovem a origem do lote, demonstrando confiabilidade e transparência na negociação. O incentivo oferecido pela empresa é uma forma de estimular a visita e a compra do imóvel.

A crença na ascensão econômica fez com que essa área fosse rapidamente povoada por agricultores e comerciantes, sobretudo, vindos dos Estados de São Paulo e Minas Gerais e, assim como em outros municípios, a história da colonização da cidade de Astorga foi semelhante aos outros espaços do norte paranaense. Apesar de não ser possível precisar com exatidão o ano em que se iniciou o povoamento efetivo de civilizados nessa região, assinala-se que, conforme destaca Schelbauer (2014, p. 79) “[...] o território não era inóspito e nem desabitado, havia a presença de caboclos e índios [...]”.

Contar a história da cidade de Astorga não é tarefa fácil, pela inexistência de pesquisas sobre o assunto. O único material encontrado foi o livro “Os municípios, minha história, minha gente, Astorga”¹², em que se conta a história da cidade e dos seus primeiros colonizadores. Nele é narrado, por pioneiros, como se organizaram as primeiras iniciativas de colonização do município e como foi seu desenvolvimento.

Segundo os pioneiros, Astorga tem seus primeiros povoados nas terras de Santa Zélia¹³ e na colônia Içara¹⁴, locais que foram povoados antes mesmo da colonização do município de Astorga, em 1925 e 1939, respectivamente. Santa Zélia foi colonizada pelas famílias Balarotti e Storti que compraram terras da Colonizadora Nova Bahia, sendo que a formação da Vila ocorreu a partir de 1944. Os primeiros lotes de terras da Colônia Içara foram adquiridos por lavradores que ali residiam desde 1935 (ASTORGA 1980C).

Na data de 8 de maio de 1945, foi organizado o projeto do patrimônio de Astorga pelo engenheiro chefe do Departamento de Topografia e Procurador da Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná, Vladimir Babkov¹⁵. O projeto

¹² O livro editado em 1980, foi impresso e distribuído para vários departamentos do município.

¹³ Santa Zélia é atualmente um dos distritos de Astorga.

¹⁴ A Colônia Içara tem o mesmo nome de uma variedade de palmito existente no local, na atualidade constitui distrito de Astorga. O livro editado em 1980, foi impresso e distribuído para vários departamentos do município.

¹⁵ Vladimir Babkov chegou a Brasil na década de 1930, era engenheiro e agrimensor na Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, responsável pela demarcação do espaço resultando na colonização do município de Astorga.

representado em forma de triângulo possui a simbologia que homenageia a vitória dos aliados¹⁶. O projeto foi simbolizado pela letra V.

Legalmente, o Distrito de Astorga foi criado pela Lei Estadual nº 2¹⁷, sendo subordinado ao município de Rolândia¹⁸. Após essa medida, foi realizada nova divisão territorial em 01 de dezembro de 1950, ficando o Distrito de Astorga sob a responsabilidade do município de Araçongas¹⁹.

Em dezembro de 1951, a cidade de Astorga foi elevada à categoria de município pela lei estadual nº 790²⁰. Sua sede passou a ser composta por quatro distritos: Astorga, Içara, Santa Fé e Santa Zélia. Mais tarde, o Distrito de Tupinambá foi integrado a Sede²¹.

Em divisão territorial datada de 01 de dezembro de 1955, o município de Astorga é constituído de cinco distritos²²: Por fim, foi desmembrado do município de Astorga o distrito de Santa Fé²³, sendo elevado à categoria de município. A última divisão territorial do município que permanece até hoje é composta por quatro distritos²⁴: Astorga, Içara, Santa Zélia e Tupinambá. A seguir o mapa do município de Astorga demarcando os limites e apresentando os três distritos e o distrito sede.

¹⁶ A vitória dos aliados corresponde ao triunfo da aliança dos Estados Unidos e União Soviética contra a Alemanha nazista no dia oito de maio de 1945 (FERRON, 2008, p. 18).

¹⁷ A Lei Estadual nº 2 foi sancionada no dia 10 de outubro de 1947.

¹⁸ Rolândia, município do Norte Pioneiro distante de Astorga aproximadamente 46 km.

¹⁹ Araçongas foi declarado município em 1947, sua distância do distrito de Astorga é de 35 km .

²⁰ Lei Estadual sancionada em 14 de dezembro de 1951.

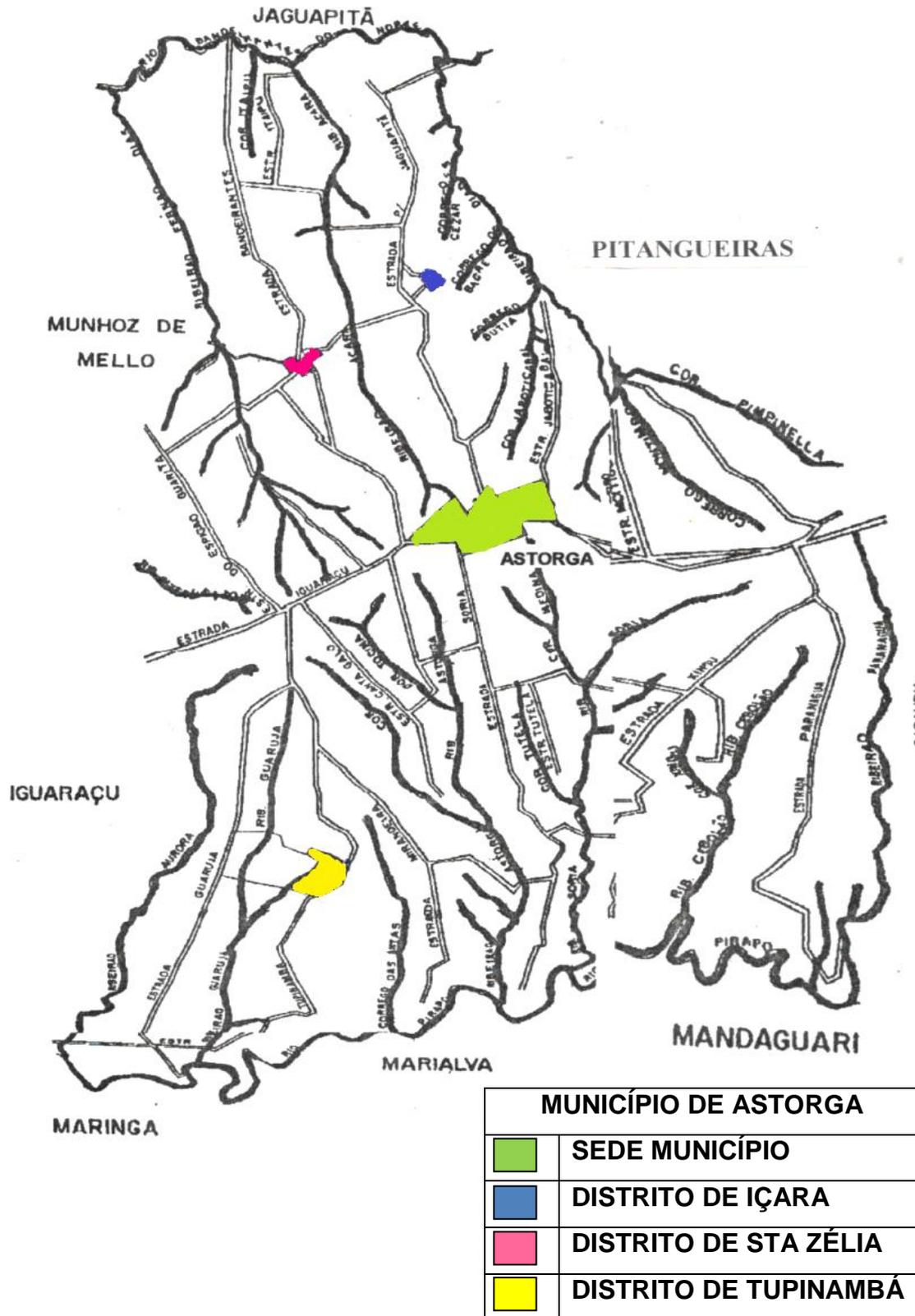
²¹ Fato que ocorreu em 14 de dezembro de 1954 pela Lei nº. 253.

²² Os cinco distritos que compunham o município eram: Astorga, Içara, Santa Fé, Santa Zélia e Tupinambá.

²³ Lei estadual nº 2486, 14 de novembro de 1955.

²⁴ Em 01 de julho de 1960.

Mapa 1: Divisão Territorial do Município de Astorga.



Fonte: Arquivo do Departamento de Educação.

Em relação à escolha do nome, tanto nos documentos históricos quanto nos dados do IBGE foram encontradas duas explicações. Uma delas se fundamenta na ideia de que o nome “Astorga”²⁵ foi tomado pelo russo, Wladimir Babkov, que utilizava mapas de outros países²⁶ para dar nomes às águas que banhavam as regiões desbravadas. Ao buscar um nome para o rio de maior extensão que banhava o local, apontou no mapa para a cidade de Astorga, batizando-o com esse nome, que mais tarde seria o nome do patrimônio. Assim, a versão de que o lugar foi batizado em homenagem a um dos diretores da Companhia de Terras Norte do Paraná, é desconsiderada pelo depoimento em carta do engenheiro.

Levantamento topográfico da área, abrangendo a atual Cidade Astorga, foram executados quase totalmente por agrimensor Spatarco Príncipe Bambi, já falecido, e os nomes dos córregos e ribeirões foram batizados por nós. Como o dicionário da língua Guarani foi esgotado, dando os nomes de todas águas, levantadas anteriormente nas Terras da Cia, eu fui obrigado procurar outras fontes das nomenclaturas, até usando os mapas da Espanha e Portugal e também de Itália. O Ribeirão com sua Bacia, relativamente grande, recebendo diversos afluentes, foi por nós batizado com o nome Astorga, nome de procedência espanhola (ASTORGA, 1980d).

Nesse depoimento, temos a suposta ideia do grande número de distritos que foram colonizados pela Companhia Norte do Paraná, tendo em vista que o chefe da operação já havia utilizado todos os nomes contidos no dicionário da língua Guarani.

No mapa do Plano diretor Municipal de Astorga é possível identificar nomes de águas, córregos, ribeirões e rios como: Rio Pirapó, Ribeirão Paranaguá, Córrego Pimpinela, Córrego Noitimbó, Água da Sória, Ribeirão Sória, Córrego Xingu, Ribeirão Aurora, Ribeirão Guarujá, Córrego Mirandeira, Córrego Jaboticabal, Ribeirão Astorga, entre outros utilizados para batizarem as águas que contornam o município e, posteriormente, nomes dados às escolas rurais do local.

²⁵ Astorga é o nome de uma cidade na Espanha. O termo vem do latim “Asturica” (Augusta), cidade romana no país dos Ástures, dedicada a Augusto.

²⁶ Mapas da Itália, Portugal e Espanha.

3.1 Primeiros Investimentos

Após as primeiras investidas no desbravamento em que os primeiros colonizadores chegaram ao local, o engenheiro Vladimir Babkov alude a este fato em sua carta:

Visitando a turma de engenharia, acampada na mais próxima cabeceira no futuro Patrimônio de Astorga, qual demarcava no terreno eixos de ruas, datas, encontrei o primeiro morador da cidade. Sr. Antenor, serrando madeira com o primitivo sistema, para construção de sua casa (ASTORGA, 1980d).

A madeira foi a matéria prima mais utilizada pela região na construção de suas edificações. Na figura seguinte, uma das empresas responsáveis pelo rápido desenvolvimento do município de Astorga foi a Serraria instalada na área. A empresa era responsável pelo beneficiamento da matéria prima utilizada na construção dos primeiros imóveis.

Figura 2: Instalações da Serraria Santa Terezinha, propriedade de José Pinto e filhos, 1949.



Fonte: Arquivos do Departamento de Educação de Astorga.

Na história do desenvolvimento dos municípios da região, o desmatamento e o uso das madeiras das árvores era o primeiro passo para que a cidade pudesse ser construída. Na foto, observa-se a madeira bruta no pátio da serraria para o beneficiamento da construção de casas residenciais e comerciais. Além disso, pelo tamanho do empreendimento supõe-se que a empresa estava preparada para atender a uma grande demanda.

Os pequenos comércios foram se estabelecendo na cidade e a população, conseqüentemente, crescendo. A década de 40 do século XX foi marcada pela abertura de ruas, construções de casas e de comércios. Como mostra a foto seguinte.

Figura 3: Década de 1940, início do desenvolvimento de Astorga.



Fonte: Arquivos do Departamento de Educação.

Na imagem anterior, observa-se que à esquerda da foto há um campo de futebol, uma atividade de lazer possível para os primeiros habitantes do local. O domingo, tido como “Dia do Senhor²⁷” e dia de descanso, era vivenciado pelos moradores como uma atividade que a família toda participava. Depois de irem à missa dominical poderiam se divertir com as peladas realizadas no campo de futebol

²⁷ Devido a tradição apostólica que tem origem no próprio dia da ressurreição de Cristo, a Igreja celebra o mistério pascal a cada oitavo dia, no dia chamado com razão o dia do Senhor ou Domingo. (Ver Aquino, Felipe. O catecismo da Igreja responde de A a Z, 2003, p.96)

adaptado, esquecendo-se por ora da lida do dia a dia. Percebe-se, portanto, que esses dois elementos, o campo de futebol e a Igreja eram espaços essenciais nas primeiras comunidades.

A Igreja de tábuas, construída no final da década de 1940, demonstra sua importância e imponência. Importância na medida em que reunia as pessoas da cidade aos domingos, não só para a celebração Eucarística, mas também para buscar a convivência na comunidade que se formava. Imponente porque mesmo sendo uma construção simples, não deixava de representar a instituição religiosa. Seguindo o exemplo de seus pais, garantiam a manutenção da cultura às demais gerações.

Fonte: Arquivos do Departamento de Educação de Astorga.



Figura 4: Igreja Matriz de Astorga em 16 de abril de 1949.

A cidade foi crescendo, a população aumentando, os serviços e comércios foram se estabelecendo de acordo com a necessidade e com os investimentos realizados por empresários que chegavam à cidade. Na lista dos primeiros empreendimentos estão:

[...] o armazém de cereais de Antonio Húngaro, o de ferragens e armarinhos de Ermelindo Lopes Barroso, o bar e hotel progresso de

Antonio e Ladia Augustaites. Vieram também a pequena farmácia do prático Cândido Coutinho, seguida da do farmacêutico Leonidas Macaroff, Zdenek Chiad instala sua padaria, que só fazia pão de centeio devido a economia da guerra, e ao seu lado, um açougue construído com o pau de palmito. Destaca-se a chapelaria propriedade de João Zanin, comércio importante da época, pois era raro um homem andar sem chapéu. O posto de gasolina (Gulf²⁸) de José Francisco Guapo e seu cunhado Abílio Pinto, além da quitanda do Sr, Eugenio Grano. Sebastião Luiz Rosa vendia secos e molhados, montando depois a primeira sorveteria de Astorga (ASTORGA, 1980c, p. 28).

Figura 5: Primeiro posto de combustível da cidade construído em alvenaria demonstra o início do desenvolvimento da cidade na década de 1950.



Fonte: Arquivos do Departamento de Educação de Astorga.

Embora não se apresente como um prédio imponente, a construção em alvenaria, representada na imagem anterior, abre possibilidade de abastecimento de caminhões, automóveis, tratores e motosserras, solidificando as diversas iniciativas para o desenvolvimento.

Ao mesmo tempo em que aspectos econômicos, políticos e sociais foram se alargando, outras iniciativas seriam necessárias com o intuito de amparar as necessidades da população. A educação era fator importante para o

²⁸ Presente no mercado brasileiro entre 1936 e 1959, o posto Gulf tinha função de resgatar e consolidar sua atuação inovadora no mercado de combustíveis e lubrificantes. A empresa chegou a ter 400 postos de bandeirantes no país. Ver <<http://gulfdobrasil.com.br/?page=gulf>>.

desenvolvimento do município e os registros das primeiras iniciativas marcam a segunda metade de 1940.

4. PRIMEIROS OLHARES PARA A EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ASTORGA

Como explicitado na seção anterior, o crescimento do novo empreendimento deu abertura para outras iniciativas necessárias para manter o desenvolvimento. Assim, à medida que o município se formava, além da Igreja Católica e do comércio, a escola se tornou também um foco de interesse. “Não há, pois, política de educação que não esteja ligada à situação social, e, portanto, às necessidades e às aspirações fundamentais de um grupo determinado” (AZEVEDO, 1953, p.139).

Neste contexto, a professora Maria Celestina Machado foi convidada a iniciar o projeto educacional da cidade e ensinar as crianças do local, tomando frente das primeiras iniciativas da educação escolar de Astorga.

Após termos tomado às primeiras providências (local, bancos, mesa rústicas), iniciamos as aulas, eu e minha filha Edna, a 17 de fevereiro de 1946, em uma casa de madeira, cujas paredes internas foram removidas e que ficava no terreno ao lado do Cartório D. Constancia, à Rua Joaquim Nabuco. Após dois meses de aula estávamos com 60 alunos (ASTORGA, 1980c, p. 84).

A primeira escola do município iniciou suas atividades no ano de 1946, sendo que durante três anos a professora Maria Celestina lecionou na casa de madeira adaptada. Tal característica também marcou as escolas da zona rural, sem ter um local apropriado, donos de propriedades rurais, desocupavam locais e cediam espaços adaptados para a educação das crianças.

Em consequência dos esforços de D. Maria Celestina, o Prefeito de Arapongas Júlio Junqueira (1948-1951)²⁹, construiu a primeira casa escolar, de tábuas, possuindo 2 salas de aula. O terreno foi doado pela Companhia de Terras, em que atualmente está instalada a Faculdade Astorga.

²⁹ Informação retirada do portal do município de Arapongas. Disponível em: <[http:// www.arapongas.pr.gov.br](http://www.arapongas.pr.gov.br)>.

Figura 5: Primeira Escola de Astorga em 16 de abril de 1949.



Fonte: Arquivos do Departamento de Educação.

A imagem permite observar que o número de crianças que frequentavam a escola, em 1949, era significativo. Dezenas de crianças, meninos e meninas, dividiam o espaço escolar. Das três mulheres adultas que aparecem na fotografia, duas eram professoras, a D. Celestina e sua filha Edna, porém, a terceira delas não foi possível identificar. A imagem nos possibilita materializar uma cultura escolar dos anos 40. A organização em filas de meninos e meninas, por ordem crescente, lembra uma estratégia da cultura escolar em busca do ordenamento e da disciplina no seu cotidiano. A utilização de uniformes, padronizando trajés, mesmo para uma cidade em início de criação, já se faz presente e diferencia os seus utilizadores das demais crianças. A valorização e o ensino do respeito aos símbolos da nação brasileira e do Estado do Paraná podem ser percebidos pelas Bandeiras do Brasil e do Paraná hasteadas na frente da escola de madeira nativa - elementos caracterizadores do espaço escolar dos anos 40.

Essa mesma Casa Escolar passou a ser chamada de Grupo Escolar em 1950 pelo decreto 11.333 de julho. Com o depoimento da professora Maria Celestina Machado. “E a minha escolinha, tão pequenina, com bancos de madeira tosca, transformar-se em Grupo Escolar” (ASTORGA, 1980c, p. 84).

O modelo das escolas públicas republicanas foi formulado e disseminado num panorama de variações sócio-político-econômicas e, conseqüentemente, de modificações na estrutura física dos prédios, adequando-os a fim de acomodar este novo processo educativo. A euforia decorrente da novidade implantada em Astorga, demonstrada pela professora, segundo Faria Filho e Vidal (2000), reporta às iniciativas deste novo modelo de escola, repensado e esboçado para atender os ideais que propunham construir uma nação baseada em pressupostos contidos na civilização europeia e que tinham como objetivo a escolarização da população iletrada, sendo que o município de Astorga apresentava as mesmas particularidades do cenário nacional.

Características específicas circundavam os grupos escolares, já que esse tipo de instituição previa uma organização em âmbito administrativo, didático e pedagógico, além da alteração no currículo e da distribuição dos espaços da nova arquitetura. As iniciativas do grupo escolar vistas para o progresso foi uma conquista para um município do interior do Paraná, mesmo sendo em uma menor dimensão.

Dentre as particularidades desse novo modelo educacional, Rossi (2003) sinaliza sobre a racionalização do tempo. “Tendo por modelo ou referência os grupos escolares, sugerem que essas escolas dividam seu horário de funcionamento em dois turnos” (ROSSI, 2003, p. 118). Tal questão é debatida por Faria Filho e Vidal (2000) uma vez que a racionalização do tempo tornaria o processo mais eficaz e menos dispendioso.

Para fazer cumprir um horário assim determinado, no qual se contavam os minutos e se distribuía as disciplinas pelos respectivos horários todos os dias da semana, em todos os anos do curso, pretendeu-se dotar os grupos escolares de normas e instrumentos de controle do tempo e dos horários escolares (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p. 25-26).

O tempo se tornou aliado na consolidação dos ideais republicanos, os procedimentos modernos da divisão dos espaços e do tempo previam o ensino no modo de seriação e da uniformização dos conteúdos, tornando-se um modelo de escola graduada.

Sinalizo que essa novidade ocorreu nas cidades, pois na zona rural as escolas mantinham o modelo de organização das chamadas escolas isoladas. Estas escolas possuíam um único professor que ensinava as quatro séries

simultaneamente, as classes multisseriadas. A organização do ensino primário e os tipos de estabelecimentos existentes eram regulados pela Lei Orgânica do Ensino Primário, Decreto-Lei nº 8.529, de 02 de janeiro de 1946, que estabelecia:

Art. 28. Serão assim designados os estabelecimentos de ensino primário mantidos pelos poderes públicos:

- I. Escola isolada (E.I.), quando possua uma só turma de alunos, entregue a um só docente.
- II. Escolas reunidas (E.R.), quando houver de duas a quatro turmas de alunos, e número correspondente de professores.
- III. Grupo escolar (G.E.), quando possua cinco ou mais turmas de alunos, e número igual ou superior de docentes.
- IV. Escola supletiva (E.S.), quando ministre ensino supletivo, qualquer que seja o número de turmas de alunos e de professores (BRASIL, 1946b).

Pelo que estabelecia a lei, para ser transformada em grupo escolar, a escola deveria ter cinco ou mais turmas e professores. Dessa forma, é possível interpretar que a primeira casa escolar de Astorga cresceu consideravelmente em quatro anos, uma vez que se transformara em grupo escolar. Aos grupos escolares estava assegurado o direito de ministrar o curso elementar e o curso complementar. O capítulo II, da citada lei nº 8.529, trata da educação primária e seus cursos. A escolarização primária era composta de fundamental e supletiva. A primeira destinada às crianças de 7 a 12 anos, tendo duração de 4 anos para o curso elementar e um ano para o curso complementar. Este seria um preparatório para o exame de admissão ao ginásio (BRASIL, 1946b).

A diversidade de tipos de instituições revela a realidade do país, naquele momento, um país rural com altas taxas de analfabetismo. Para regiões diferentes organizaram-se tipos de instituições mais próximas à realidade e as condições locais.

4.1 As Escolas Municipais Rurais do Município de Astorga

Com aproximadamente 20.709 habitantes³⁰ residindo na zona rural, um percentual de 89% de sua população total, o município de Astorga, a partir da década de 1950, fundou 35 escolas em uma área de 434 mil Km². Apesar da distância que variava de 3 a 20 km da sede e da precariedade do momento, a população rural foi favorecida educacionalmente.

Foram criadas diversas escolas rurais, sendo que a primeira delas, de acordo com os livros de registro de frequência, foi a Escola Isolada de Ossórida³¹, localizada na estrada da Sória, situada na bacia do rio da Sória.

O livro de registro desta primeira escola rural data do ano de 1949, mais precisamente do mês de abril, antes mesmo da emancipação política do município. No primeiro ano, a responsável pela escola era a professora Maria Aparecida Castro³² que fez o registro das informações educacionais entre o mês de abril a dezembro desse mesmo ano. No início do ano letivo, foram matriculados vinte e seis alunos do sexo masculino e vinte e três alunas do sexo feminino, totalizando quarenta e nove alunos registrados.

Nesse escrito escolar consta o nome do professor José Joaquim Lima, morador do local, inicialmente um profissional sem habilitação exigida, o qual trabalhou desde a criação do estabelecimento até sua aposentadoria como professor normalista. Nesse primeiro registro constam a escritura dos anos escolares de 1949, 1950 e 1953³³, como demonstra o gráfico:

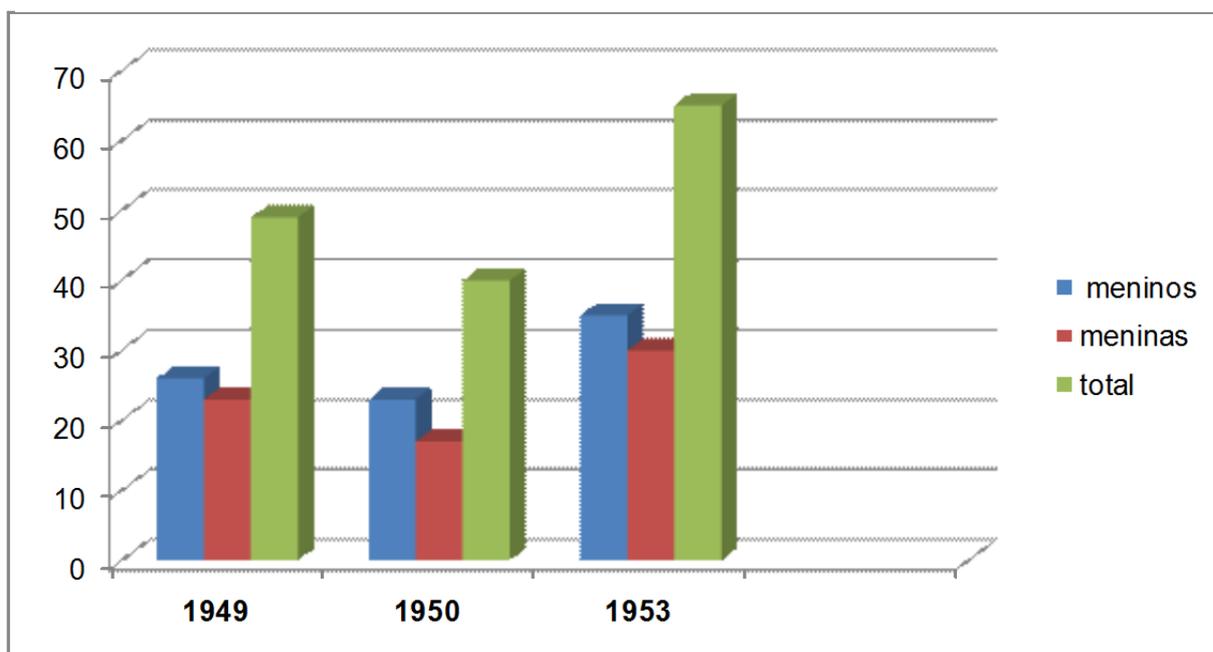
³⁰ Os dados foram retirados da seção de aspectos humanos do livro “Os Municípios: sua história & sua gente – Astorga”, fornecidos por dados do IBGE-Censo 1950.

³¹ A primeira escola rural de Astorga passou por variações em seu nome. No primeiro livro de registro está inscrito Escola Isolada de Ossórida, no decorrer dos anos outros registros escolares trazem essa variação, Escola Rural da Sória, Escola Rural Sória São Bento, Escola Estadual Rural Sória São Bento até a sua cessação.

³² A professora Maria Aparecida de Castro foi a primeira professora da escola rural Sória São Bento.

³³ Os anos de 1951 e 1952 não constam registros, não podendo averiguar a quantidade de alunos matriculados.

Gráfico 3: Variação de alunos da primeira escola rural de Astorga



Fonte: Livros de Registro e frequência da Escola Isolada de Ossórida, acervo do Departamento de Educação doação da professora Ione Cardoso Grilo.

O gráfico permite observar que do ano de 1949 para 1950 houve uma redução no número de alunos que frequentavam a escola, de aproximadamente 48 para 39 alunos. Contudo, no ano de 1953 o número de alunos tinha se elevado para aproximadamente 62 alunos.

Na imagem a seguir, é possível visualizar a materialidade da primeira escola rural do município de Astorga, a Escola Estadual Rural Sória São Bento, localizada na comunidade da Sória. Esta escola rural seguia o mesmo padrão de construção do período de outras escolas rurais. Nos arquivos do Departamento de Educação de Astorga existem fotos de outras escolas rurais, sendo que a arquitetura de todas se assemelhava: uma construção em madeira, com uma varanda na mesma extensão da construção, algumas varandas com proteção outras não, dependendo da altura da construção. A simplicidade de suas edificações as caracterizava. Observemos:

Figura 6: Escola Estadual Rural Sória São Bento em 1972.



Fonte: Arquivos de Departamento de Educação de Astorga.

Embora a escola fosse construída em 1949, a imagem foi registrada em 1972, ou seja, 23 anos após a sua fundação. A deterioração provocada pelo tempo e a falta de conservação do espaço escolar saltam aos olhos. Destaco a simplicidade e falta de estrutura do espaço, sem ao menos uma identificação, contava apenas com uma cerca de proteção, delimitando o ambiente a ser explorado pelos alunos e, facilitando o monitoramento do professor.

Outras três escolas foram criadas na década de 50 do século XX: Escola Rural Km 88 (1952), Escola Rural Gleba Paranaguá (1952) e Escola Rural D. Pedro I (1957). As escolas rurais Km 88 e D. Pedro I configuravam-se nos mesmos moldes da maioria das escolas; já a escola Gleba Paranaguá possuía uma diferenciação na construção - duas salas de aula e uma cantina. As escolas eram edificadas em madeira, a cobertura com telhas de barro. As que ofereciam risco de queda e acidentes eram cercadas com ripas de madeira, todas com pintura para uma melhor conservação. Vejamos:

Figura 7: Escolas Rurais instadas na década de 1950.

Escola Rural Km 88 – criação 1952



Escola Rural Gleba Paranaguá
criação 1952



Escola Rural D. Pedro I –
criação 1957



Fonte: Arquivos do Departamento de Educação.

A primeira escola municipal foi instalada na década de 1950, a Escola Municipal Rural Km 88. Seu nome origina da designação do nome de uma fazenda que se localizava no Km 88 da antiga estrada que ligava a cidade de Astorga à cidade de Maringá. Já a Escola Rural Gleba Paranaguá³⁴ pertencia à rede estadual de ensino, localizada à beira da principal estrada do Paranaguá, saída para a cidade de Pitangueiras. A imagem apresenta um prédio diferente das demais, de madeira, possui sala de aula e cantina separadamente, além de um abrigo entre os dois ambientes. Ao fundo, há um muro que separa as divisas da escola das outras áreas do espaço rural.

A Escola Rural D. Pedro I, criada em 1957, também pertencia à rede Estadual e era localizada na região nomeada Água da Mirandeira. Extinta em 1980.

³⁴ Havia cinco Escolas Estaduais Rurais de Astorga, as quais são: Escola Rural Estadual Sória São Bento, Escola Estadual Rural Gleba Paranaguá, Escola Estadual Rural Placa Paranaguá, Escola Estadual Rural Barro Preto, Escola Estadual Rural D. Pedro I. Todas elas não constam Decreto Lei nº. 1/80 que decreta a criação das escolas rurais do município de Astorga.

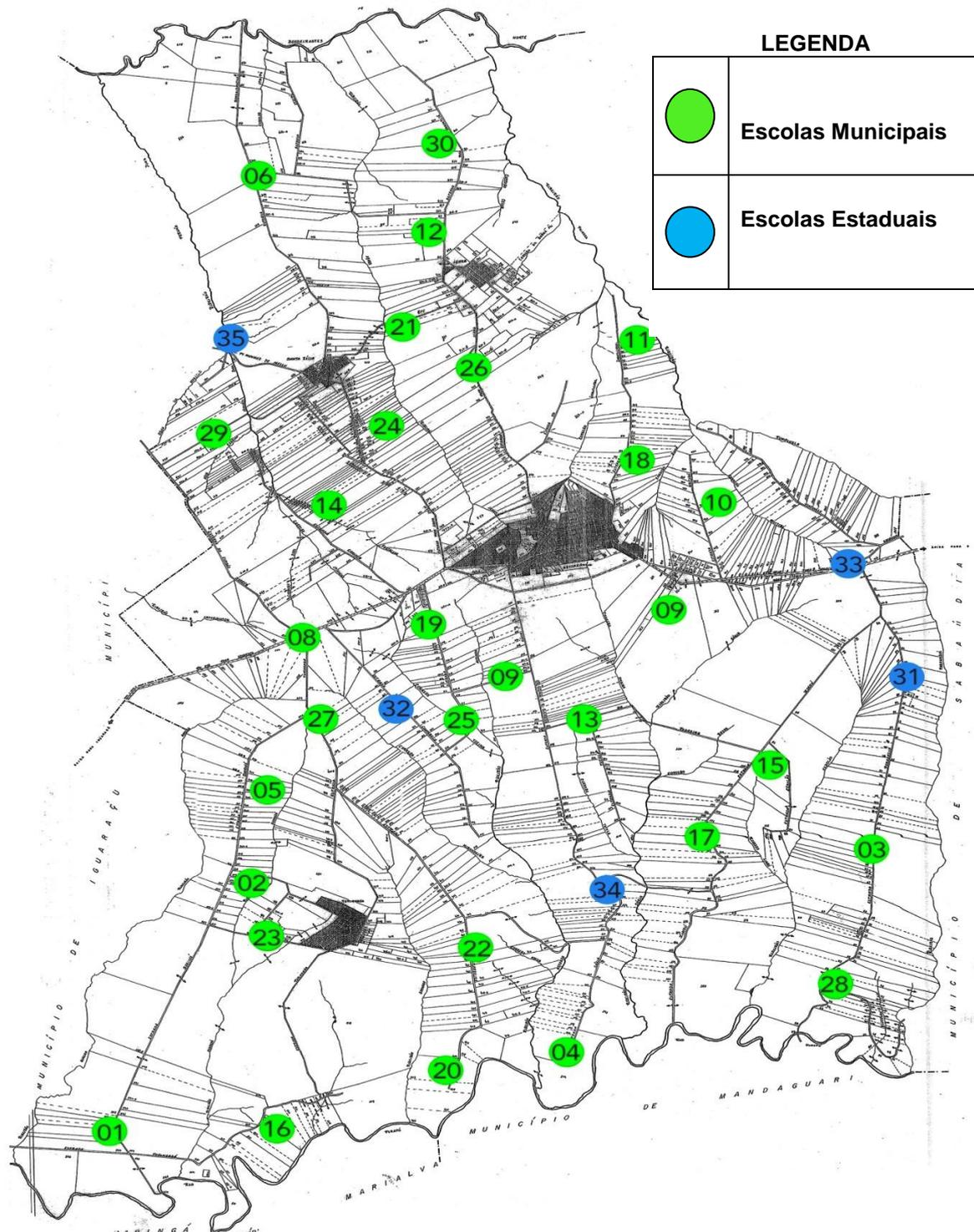
Não se conhece os trâmites legais das instalações das escolas rurais. Em depoimento, a ex-inspetora auxiliar de ensino do município relatou que à medida que as regiões foram sendo habitadas, grupos de proprietários rurais solicitavam à Prefeitura a instalação de uma escola. O terreno era cedido por um sitiante ou fazendeiro, bastava a Prefeitura ou ao Estado construir as instalações da escola e garantir um professor ou professora.

[...] os fazendeiros foi assim, eles pediam escola, porque as vezes era longe pra uma criança transportar de um lugar para outro, então eles solicitavam pra prefeitura e era construída ali a escola (

Ao Considerar a cultura do local, agricultores se reuniam, doavam um espaço em suas propriedades para a construção de uma escola e permitiam a socialização do saber com os filhos de outros sítiantes da redondeza. No mapa, a seguir, foram localizadas as 35 escolas fundadas na zona rural do município de Astorga, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, sendo que cinco delas eram estaduais. Vejamos:

Mapa 2: Mapeamento das 35 escolas rurais no município de Astorga

LOCALIZAÇÃO DAS ESCOLAS RURAIS DE ASTORGA



Fonte: Mapa do Município de Astorga, arquivos da Prefeitura Municipal de Astorga.

Tabela 1: Legenda das escolas Municipais e Estaduais rurais instaladas no município de Astorga

Nº	Nome da Escola	Ano de instalação	Distância da sede	Data de extinção
1	Esc. Munic. Rural Km 88	1952	18 Km	1994
2	Esc. Munic. Rural Guarujá	1960	9 Km	1983
3	Esc. Munic. Rural 7 de Setembro	1961	15 Km	1991
4	Esc. Munic. Rural Água Astorga	1961 ³⁵	14 Km	1994
5	Esc. Munic. Rural Duque de Caxias	1962	15 Km	1991
6	Esc. Munic. Rural Bairro Itaipu	1963	18 Km	1997
7	Esc. Munic. Rural São José	1963	3 Km	1990
8	Esc. Munic. Rural D. João VI	1963	7 Km	1998
9	Esc. Munic. Rural Guarani	1963	4 Km	1986
10	Esc. Munic. Rural Água Noitimbó	1963	6 Km	1994
11	Esc. Munic. Rural Olavo Bilac	1963	8 Km	1994
12	Esc. Munic. Rural Driades	1964	14 Km	1988
13	Esc. Munic. Rural Sória Medina	1965	4 Km	1994
14	Esc. Munic. Rural Fortaleza	1965	6 Km	1994
15	Esc. Munic. Rural Fazenda Xingu	1965	11 Km	1989
16	Esc. Munic. Rural Serrinha	1966	20 Km	1997
17	Esc. Munic. Rural Sória Xingu	1966	13 Km	1992
18	Esc. Munic. Rural Água Butia	1966	5 Km	1983
19	Esc. Munic. Rural Tocina	1966	3 Km	1984
20	Esc. Munic. Rural Mirandeira	1966	20 Km	1990
21	Esc. Munic. Rural Sta Izabel	1966	16 Km	1980
22	Esc. Munic. Rural Água Mirandeira	1966	13 Km	1983
23	Esc. Munic. Rural Santa Josefina	1966	14 Km	1988
24	Esc. Munic. Rural Santa Terezinha	1966	7 Km	1998
25	Esc. Munic. Rural D. Pedro II	1967	9 Km	1991
26	Esc. Munic. Rural Boiadeira	1967	6 Km	1981
27	Esc. Munic. Rural Sítio Spinelli	1967	14 Km	1982
28	Esc. Munic. Rural Santa Clara	1968	20 Km	1992
29	Esc. Munic. Rural Sítio Bolzon	1971	14 Km	1998
30	Esc. Munic. Rural Ermelindo L. Barroso	1971	17 Km	1988
31	Esc. Estadual Rural Gleba Paranaguá	1952	10 Km	1998
32	Esc. Estadual Rural D. Pedro I	1957	9 Km	1980
33	Escola Estadual Rural Placa Paranaguá	1961	6 Km	1995
34	Escola Estadual Rural Sória São Bento ³⁶	1962	7 Km	1996
35	Escola Estadual Rural Barro Preto	1966	17 Km	1990

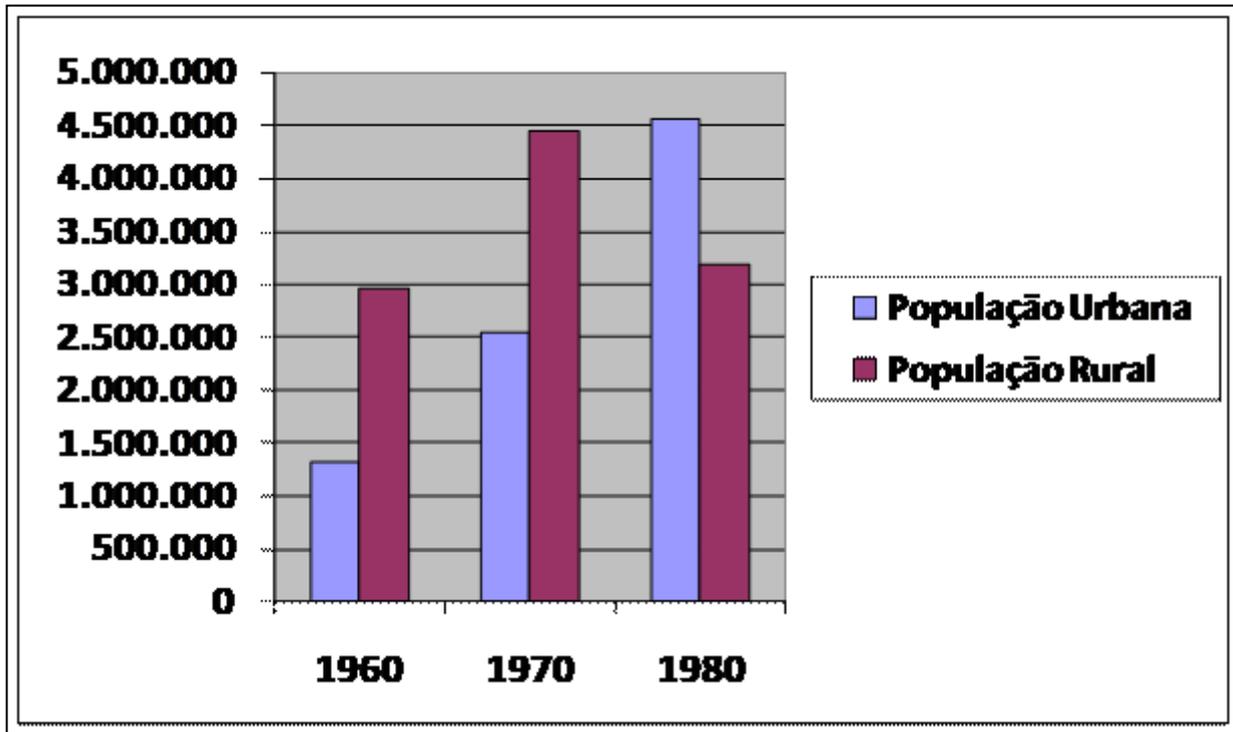
Fonte: Municípios: sua história & sua gente (ASTORGA, 1980c), Decreto Lei nº. 1/80 (ASTORGA, 1980a) e Processos de cessação: arquivos de Departamento de Educação.

³⁵Em depoimento a professora Orendina Carolina de Deus relatou que iniciou as atividades educativas na Escola Rural Água Astorga em 1957, em uma sala adaptada de uma casa em um sítio da vizinhança. Em virtude das fontes orais utilizadas no trabalho assumirei como ano de instalação, 1957.

³⁶Apesar da tabela apontar para o ano de instalação da Escola Rural Sória São Bento ser 1962, as fontes documentais sinalizam que a data de instalação é de 1949. (Fonte: Livro de Registro de Frequência, Astorga, 1949).

O mapeamento geral das escolas rurais de Astorga, apresentado em forma de tabela, traz informações das trinta e cinco escolas existentes, no qual é identificado o ano de fundação, a distância de cada uma em relação à cidade, as escolas da rede municipal, as escolas da rede estadual, bem como o ano de extinção. Observando os dados, principalmente ao ano de extinção e a distância entre a escola e a cidade, percebe-se que a partir da década de 1980 houve um agrupamento de escolas. Agregando a esses dados, o Censo Demográfico de 2010 que apresenta a sinopse dos dados dos anos de 1960, 1970 e 1980, sobre a população recenseadas residente na zona urbana e na zona rural no Estado do Paraná, aponta que na década de 1960 a população se concentrava na zona rural, sendo aproximadamente o dobro da população urbana. Na década de 1970, a população diminuiu, mas ainda a concentração na zona rural é dominante, no decênio de 1980 a população rural caiu para 1/3 da população urbana. Essa movimentação é caracterizada pelo processo de êxodo rural mostrado no gráfico a seguir.

Gráfico 4: População recenseada e situação de domicílio.

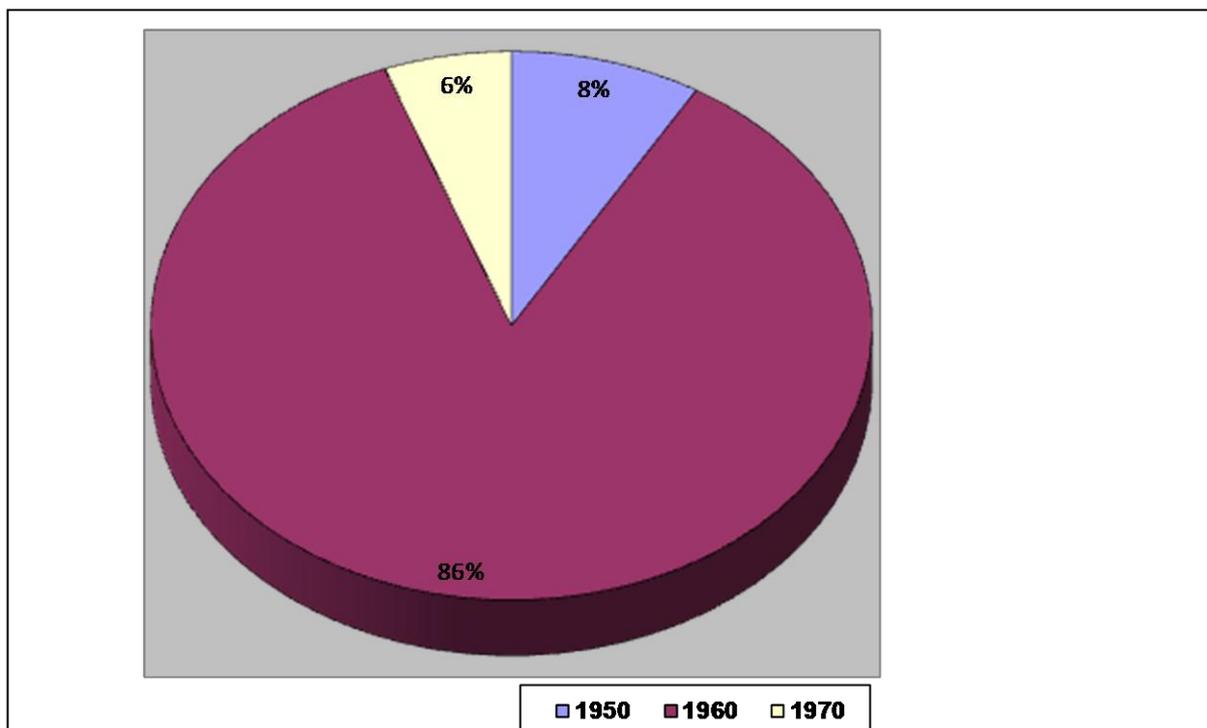


Fonte: IBGE, Sinopse do Censo Demográfico 2010.

Ao Recorrer as informações do mapa e tabela anteriores apresentados, é possível observar, por exemplo, que a Escola D. Pedro I, extinta em 1980, fica próxima a três outras escolas, Escola Sítio Spinelli (1982), Escola Tocina (1984) e Escola D. João VI cuja data de extinção é o ano de 1998, uma das últimas escolas a ser extinta. A escola D. João VI possuía duas salas de aula e cantina, comportando o agrupamento de outras escolas, já que a demanda populacional do meio rural declinava. Para além desta observação, interessa verificar o grande número de escolas rurais instaladas no município da década de 1960 que demonstra o crescimento demográfico.

No gráfico é apresentada a quantidade de escolas rurais criadas em cada década, visando atender às necessidades da comunidade local.

Gráfico 5: Índice das instalações de escolas rurais no município de Astorga nas décadas de 1950, 1960 e 1970.

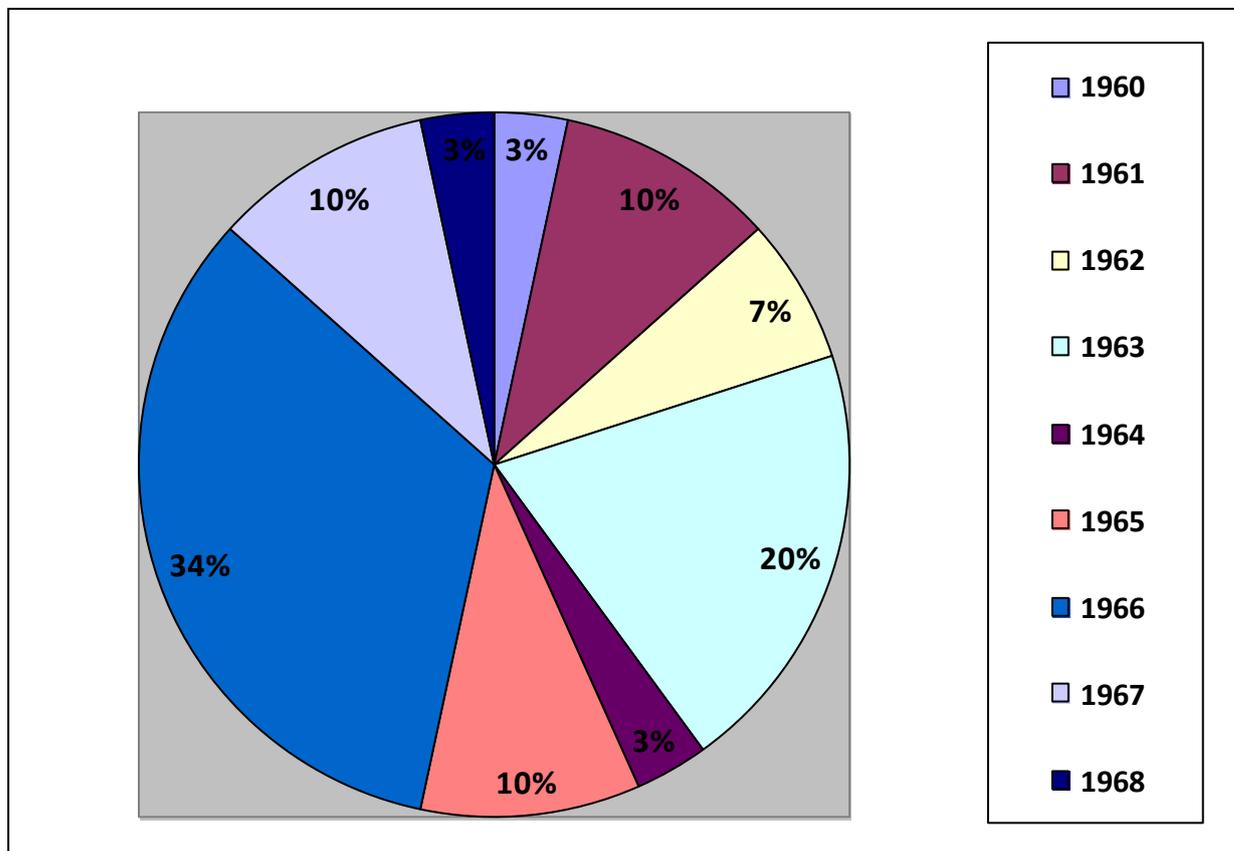


Fonte: Astorga (1980c).

Fazendo a leitura das informações, o decênio com maior incidência de criação de escolas rurais, como mostra o gráfico anterior foi o de 1960, com a criação de 30 escolas, sendo que o ano de 1966 teve o maior número, com 10 escolas rurais criadas. Os dados analisados demonstram um crescimento educacional na década

de 1960 e evidencia que houve um avanço quantitativo para a educação do município.

Gráfico 6: Comparação da porcentagem referente a instalação das escolas rurais na década de 1960.



Fonte: Astorga (1980c).

A década de 1960, como exposto, foi o período em que mais se instalou escolas rurais. Ao observar mais atentamente esta década e investigando outros investimentos, percebeu-se que de 1965 a 1968, efetuou-se a construção de 17 escolas rurais, mais da metade do total dentro do período analisado. Além das novas instalações, outros investimentos foram concretizados, nesse período, pelo administrador.

Com o dinamismo que lhe é peculiar, Ricieri Resquetti realiza no seu mandato inúmeras benfeitorias para o município, das quais destacam-se: [...] Construção de escolas e cantinas: Fazenda Santa Clara, venda do Miro, Fazenda Xingu, Noitimbó, Fazenda Nogueira, Água Taquari, Fazenda Maitá, Água Içara, Barro Preto, Serrinha, Água Mirandeira, usina dos Alemães, lugar denominado Igreja na

Sória, Água Tocina. [...] cantina e residência do professor em Itaipu³⁷
(ASTORGA, 1980c, p. 47).

Em termos quantitativos pode-se interpretar que a administração do município buscou atender a demanda pela construção de escolas em várias localidades. Com as escolas instaladas, o município acumulava uma série de obrigações: contratar professores, manter as construções, estradas e pontes, oferecer apoio financeiro e pedagógico, entre outros.

Com a implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 5692/71, foi necessário legalizar as escolas rurais criadas, documentando-as. Para tanto, foi criado o Plano de Implantação da Lei 5692/71 nas Escolas Municipais Rurais de Astorga. A primeira medida seria criar um decreto lei que amparasse e legalizasse todas as escolas municipais rurais. O Decreto 001/1980, expõe que pelo fato do município ser responsável por todas as escolas rurais, sendo que o mesmo realizou as construções e as mantém em funcionamento, e pelas mesmas não possuírem nenhum decreto de instalação, houve a necessidade de regularizar a situação decretando que a partir da data de 7 de janeiro de 1980, ficavam oficialmente criadas as trinta escolas municipais rurais, nomeando-as uma a uma no decreto.

Da data de fundação da primeira escola rural municipal, 1949, ao decreto de sua criação oficial transcorreram 31 anos de atividades. A regularização, a partir da LDB de 1971, da criação destas escolas, sem dúvida, as colocavam em condições de funcionamento legal. Contudo, interessa-me desvendar o funcionamento destas escolas desde a sua criação. Compreender até que ponto as mudanças na legislação educacional mudou a mentalidade e a prática dos profissionais da educação rural de Astorga, além de identificar as relações da Inspeção de Educação do Município com o funcionamento destas escolas, neste percurso de pouco mais de 30 anos. A verticalização do estudo impôs um recorte preciso, neste sentido optei por observar a cultura escolar da Escola Rural Água Astorga (1961), narrada por seus utilizadores.

³⁷ Tendo em vista que as escolas rurais foram instaladas em propriedades rurais, era comum referir-se as escolas considerando o nome do local de instalação ou identificá-las tendo como ponto de referência, como por exemplo "Venda do Miro".

5. TRAÇOS E TRILHAS DA ESCOLA RURAL ÁGUA ASTORGA

*[...] recordar é viver né, então eu vivi agora.
Orendina Carolina de Deus*

A narrativa que será apresentada foi elaborada por meio de entrevistas semiestruturadas de três professores, três alunos e uma Inspetora municipal que viveram, embora em momentos diferentes, o período que vai da fundação, em 1957 (ver tabela 1, p. 55) da Escola Rural Água Astorga até o decreto de 1980 que regulariza a sua criação de acordo com o exigido pela LDB de 1971.

As narrativas, carregadas de significações, recordações e sentimentos foram compartilhadas e evidenciaram traços gerais da cultura das escolas rurais de Astorga, e em particular Escola Rural Água Astorga, deixando ver como “[...] fatos pinçados aqui e ali nas histórias de vida dão ensejo a percepções de como um modo de entender o passado é construído, processado e integrado à vida de uma pessoa” (CRUIKSHANK, 2005, p.156).

A procura de personagens que atuaram no cenário escolhido foi demasiadamente inusitada. Não havendo registro e documentos suficientes, a expectativa de conhecer a prática educativa na Escola Rural Água Astorga se depositara na informação da existência de um professor que exerceu sua profissão nesta escola até sua cessação. Com posse dessa primeira informação, foi marcada uma conversa informal. No primeiro encontro, o professor revelou que sua esposa também lecionou na mesma escola, e, então, como se encontrava no local foi convidada a participar do diálogo. A professora contou como foi o início de sua carreira relembrando fatos de sua experiência, guardados em sua memória. Após esse primeiro contato, foi marcado o dia para a entrevista.

Durante a entrevista, outras informações foram trazidas, dentre elas, que essa instituição educativa teve três professores e, que se tornaram os meus personagens principais. Assim diz dona Zélia,

[...] na água Astorga eu casei e, nesse ano (1963), daí já estava lá, era a Orendina, que tinha uma professora. Tinha muitos alunos,

então, foi dividido. Eu fiquei com a 1ª e a 2ª série e ela ficou com a 3ª e a 4ª. Eram duas professoras na mesma escola, ela ia de manhã e eu ia à tarde.

Esse depoimento corrobora às reflexões de Almeida (2005, p. 278) quando diz: “Estamos diante de uma história que envolve personagens anônimos, alunos e professores, que constituíram identidades particulares nas escolas afastadas da cidade”. Adentrar no universo interno da Escola Rural Água Astorga é mergulhar num terreno desconhecido. Buscar os pontos de encontro entre a realidade local e a dinâmica nacional será um desafio, que traçarei seus primeiros passos.

5.1 Início de suas Atividades

[...] os arquivos escritos são insuficientes para descrever e, sobretudo, se compreender uma realidade tão complexa quanto a história da educação, e de que precisam ser complementados por grandes pesquisas orais que teremos a oportunidade de realizar (JOUTARD, 2000, p.34)

Instalada em uma área longe, a 14 km do centro urbano, a Escola Rural Água Astorga (1957-1994) destinava-se à escolarização de crianças daquele local. Os trinta e sete (37) anos de sua existência foram palco de vários atores, mais especificamente as professoras Orendina Carolina de Deus³⁸, Maria Zélia Cardoso dos Santos³⁹ e o professor Sebastião Simão dos Santos⁴⁰ que estiveram presentes, em momentos diferentes, no desenvolvimento de sua prática escolar.

As primeiras iniciativas de educação formal no perímetro da Escola Rural Água Astorga foram relatadas em entrevista pela profª Orendina. Segundo ela, as atividades da escola foram iniciadas no final do ano de 1956, e, foi ela quem conduziu inicialmente, naquele espaço e período, o trabalho burocrático com a realização da pré-matrícula dos alunos. A professora buscava o tempo como aliado,

³⁸ A professora Orendina Carolina de Deus foi a primeira professora da escola rural Água Astorga exerceu seu trabalho durante 20 anos, de 1957 à 1977.

³⁹ Maria Zélia Cardoso dos Santos iniciou as atividades educativas em 1963 na Escola Rural Água Astorga, trabalhou no local durante 10 anos, encerrando sua gestão nesta escola em 1973.

⁴⁰ Permanecendo até a cessação da Escola Municipal Rural Água Astorga, o Prof. Sebastião Simão dos Santos trabalhou entre os anos de 1975 à 1994, totalizando 19 anos.

pois além de dividi-lo entre os afazeres domésticos e os da roça; o papel de mãe e de esposa; se empenhava para matricular todos os alunos da redondeza.

Ela relata que ao ter conhecimento da existência de uma família recém-chegada na região com filhos em idade escolar, deslocava-se de sua casa até lá. Visitava cada sítio, cada casa, motivando as famílias para a prática escolar. Nas escolas rurais as matrículas eram efetivadas pelos professores responsáveis pela instituição. O fato também foi exposto pela ex Inspetora⁴¹ de Ensino do município em entrevista, embora em diferentes períodos, corrobora com o depoimento da professora Orendina. Vejamos:

Eram as professoras mesmo quem fazia as matrículas, na escola. A gente anunciava no rádio, ia lá avisava. Porque assim o professor antes de começar ele ia pra escola, fazia tudo. Ele quem limpava, porque não tinha servente. Professor lavava, limpava a escola, fazia a merenda, tudo era ele. Então eles iam antes, já limpava e já avisava o dia de matrículas. E tinha escola que tinha as vezes dois professores, outros que dava para as quatro series seriadas, as 4 séries, 1º 2º 3º 4º.

De acordo com a Lei 4024/61, os municípios se responsabilizariam por convocarem a população para efetuar as matrículas na escola primária, visto que já constava em seu artigo 27 que o ensino primário a partir dos sete anos seria obrigatório. Nas escolas rurais de Astorga, a rádio e o próprio professor ou professora era quem convocava a população para a matrícula das crianças.

Contatou-se que o professor que se dispusesse a ministrar aulas nas escolas isoladas, automaticamente abraçava as outras atribuições, o *‘Professor lavava, limpava a escola, fazia a merenda, tudo era ele’*, além de todos os outros cargos administrativos que compunham uma instituição educativa. “Cabe ao professor se responsabilizar pelo prédio e materiais pertencentes à escola. Seguir o regulamento de acordo com o programa” (ASTORGA, 1980c, 1961-1970, p.18). A prof^a Orendina relata a sua experiência.

Eu comecei em 1956, no finalzinho do ano. Então eu fiquei até o final do ano fazendo as matrículas. Os alunos moravam longe, cada um num sitio. E eu visitei todos e matriculei. E em 1957 nós começamos as aulas.

⁴¹ Maria José Lopes, foi Inspetora de Ensino entre o anos de 1970 e 1983, exercendo sempre essa função.

Tal depoimento evidencia que o processo educacional no perímetro do Ribeirão Água Astorga antecedeu a 1961, data publicada no Livro “ASTORGA. Municípios: sua história & sua gente” (1980c), ou seja, quatro anos após as atividades educativas no local relatadas pela professora Orendina, contudo, somente em 1980, com o decreto 1/80 que foi efetivado legalmente a situação das escolas rurais no município de Astorga.

Pelo relato da professora Orendina, o caminho que a Educação Rural de Astorga trilhou faz supor os esforços despendidos pelos professores para que o projeto educacional iniciado no final do ano de 1956, no caso da escola Municipal Rural Água Astorga, tivesse êxito.

O crescimento do município, consequência da propagação do empreendimento em terras férteis, empolgou pessoas de diversas localidades, entre elas do Estado de São Paulo e Minas Gerais, aumentando a população em toda essa região. Este quadro criou demanda por escolas que atendessem as crianças. Sobre o crescimento do número de escolas rurais, a ex-inspetora de ensino do município considera “[...] que foi o aumento da população, do sítio, veio muita gente de fora pra Astorga, principalmente pra Astorga né, então foi isso”.

Almeida (2005, p, 286) expõe que a educação rural no Brasil, na década de 1940, consistia em “[...] poucas e precárias escolas, distantes umas das outras” (p. 286). Com o aumento da população no município, na década de 1950 e 1960, no meio rural, foi preciso criar espaços para a prática educacional. As primeiras iniciativas locais apresentavam características advindas do cenário nacional.

Em depoimento, a professora Orendina expõe as dificuldades desta experiência, marcada pela falta de estrutura. Vejamos:

[...] eu comecei a lecionar não tinha casa de escola não, foi a prefeitura, alugou uma sala na casa de um vizinho, vizinho nosso, era bem pertinho, uma sala, ele tirou algumas paredes, fez uma sala bem grande, comportava direitinho os alunos, e foi bom, é. As crianças frequentavam bem e ficou lá até que eles construíram a casa de escola.

Este relato revela os caminhos da educação rural, nos anos 50 e 60, do interior do Paraná, em particular o da região de Astorga. Em uma sala, de uma casa vizinha da professora, alugada pela prefeitura, indicam as práticas educacionais que

antecederam a institucionalização da escola primária. Esses anos de atividade, anteriores à construção do espaço propriamente escolar, não foram preservados em documentos oficiais da educação de Astorga. Porém, foram revividos pelas lembranças conservadas na memória dessa primeira professora. O relato da estrutura física da primeira casa escolar é realizado em meio a risos.

Quatro paredes, de tábuas, e coberta de telhas. Não tinha mais nada, não tinha uma varanda, não tinha nada. A água era de poço, de cisterna. Então, a gente chegava, já pegava um balde d'água que estava fresquinha, cada aluno tinha o seu copo e uma caneca de tira do balde pra eles tomar.

As lembranças adormecidas desse tempo que passou, fez com que as alunas Maria José Malta e Jandira Malta⁴² reavivassem momentos vividos naquele primeiro espaço escolar. A recordação do casarão dividido, casa para um lado e escola para outro. Uma sala grande, de madeira e assoalho, sem forro, com vistas as telhas de barro, deixando o ambiente escuro. O entoar da voz da professora que ensinava o beabá, os números e expressões se embaralhavam com os rugidos dos animais que eram criados ao redor do casarão. Mesmo com o aspecto sombrio, aquele lugar era sinônimo de conhecimento, trazia esperança, ensinamento e desejo de mudança.

A precariedade das escolas isoladas no Brasil, de diferentes momentos históricos a depender da região, é relatada em estudos por várias partes do país. Vejamos o que diz Faria Filho (2000) sobre o Estado de Minas Gerais.

[...] produzia-se a representação da “escola isolada”, aquela que funcionava na casa dos professores e em outros ambientes pouco adaptados ao funcionamento de uma escola pública de qualidade, como sendo um obstáculo quase que intransponível à realização da tarefa educativa e salvacionista republicana, materializada na educação primária (FARIA FILHO, 2000, p 30).

Assim, enquanto a região crescia demograficamente, os ideais republicanos de desenvolvimento e o progresso, bem como assumir a educação como condição para tal ideal, também se fazia presente em Astorga. Oferecer condições de

⁴² As irmãs Jandira Malta e Maria José Malta foram alunas da 1ª casa escolar nos anos de 1958 e 1959. Em 1960 segundo depoimento, as meninas ficaram sem estudar porque a professora não tinha autorização para lecionar a 4ª série e somente no ano seguinte, em 1961 que a professora conseguiu reunir alguns alunos dentre elas, as irmãs Malta que terminaram o 4ª ano em 1961, na Escola Rural Água Astorga, recém-construída.

educação ao povo campesino, ensinando-os a ler e escrever, seria alinhar-se aos ideais nacionais.

Na organização e adequação do tempo, as alunas da casa escolar adaptada não tinham folga. D. Jandira Malta revela, em seu depoimento, o tempo despendido entre a rotina da escola e da roça.

Ah, quando a gente sempre estudava, quando era meio período né, então, a gente antes de ir pra escola, a gente estava lá puxando a enxada né, trabalhando né, carpindo né. Aí depois, a gente ia pra casa, se arrumava e ia pra escola. E quando as vezes era na parte da manhã, primeiro a gente ia na escola, depois que a gente chegava da escola [...] e almoçava e ia de novo pra lavoura né.

Com esta rotina exaustiva, a escola para elas e demais alunos era sinônimo de progresso, de conseguir o diploma do 4º ano. O tempo na escola era o tempo de escapar do trabalho pesado da roça e de se alinharem, sem mesmo se darem conta, com as ideias republicanas de acabar com analfabetismo no país, com o apoio do professor. Sobre o papel a ser desempenhado pelo professor frente ao analfabetismo, Almeida (2005) expõe que sua tarefa era considerada essencial. “O professor é percebido como um lutador, um guerreiro, como se estivesse em uma cruzada ou em uma batalha contra o maior inimigo : o analfabetismo” (ALMEIDA, 2005, p. 290).

Desprovidas de oportunidades anteriores, as irmãs Malta iniciaram seus estudos tardiamente. Jandira com 11 anos, Maria José com 10 e ainda um irmão mais novo estudou nessa primeira escola. Tiveram experiência educativa ainda em sua própria casa. Um empregado do pai, todas as noites, ensinava o que ele sabia aos três irmãos. Assim relata Maria José:

Porque assim, eu entrei na primeira série, e ela passou a gente para a segunda série, porque a gente já tinha estudado em casa com um moço que trabalhava com o meu pai. Ele tinha bem estudo, então ele ensinou nós. Então a gente entrou lá no primeiro ano, mas logo ela percebeu que nós não precisava ficar no primeiro, porque nós já estávamos sabendo. [...] então ela deu uma prova. [...] ai ela passou nós para o segundo ano, nós três. Eu, minha irmã e meu irmão.

No depoimento sugere a prática da aceleração dos estudos⁴³ devido ao rendimento individual. No artigo 27 da Lei 4024/61 é declarada a possibilidade de oferecer cursos para classes especiais para os alunos com distorção entre idade e série.

Diferentemente da escola produzida nos grandes centros através dos grupos escolares, as escolas isoladas eram condicionadas ao tempo do professor e dos alunos. Os obstáculos e a realidade vivida pelo povo campesino diferenciava-o da cidade, dessa maneira, na prática, o professor da escola rural levava em consideração as especificidades do local. Sobre essa prática, afirmam Faria Filho e Vidal que:

[...] daí as escolas isoladas insistem em ter seus espaços e horários próprios organizados de acordo com a convivência da professora, dos (as) alunos (as) e levando em conta os costumes locais [...] (FARIA FILHO, VIDAL, 2000, p, 25).

No Livro de Avisos das Escolas Rurais (LAER)⁴⁴ consta, na ata da reunião do dia seis de maio de 1966, que os professores deixassem anotado o local e o horário de funcionamento de cada estabelecimento. Nele, percebemos horários diferenciados demonstrando que cada professor adaptava seu tempo ao tempo disponível. Os horários variavam das 8h às 12h; 8h30min às 12h30min; 9h às 13h; 11h às 15h; 12h às 15h; 12h às 16h; 14h às 18h (Astorga, 1961- 1980, p. 42 e 43). A diferenciação nos horários representava a organização temporal executada por cada professor, cada escola, cada grupo de alunos.

Conforme depoimentos das alunas, as aulas começavam às 8h e terminavam às 12h, e no período vespertino o horário era das 13h às 17h. As irmãs Malta

⁴³ A ação era utilizada para reparar os anos perdidos por falta, às vezes, de um local apropriado para estudar, além de equiparar o conhecimento adquirido com a série de referência. Meios como este eram comuns nas escolas rurais do período, não necessitando dos processos e documentos que atualmente são impostos pelo sistema educativo. Na atualidade, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, que regulamenta sobre o processo de aceleração de estudos no artigo 24, a investigação do rendimento escolar deverá seguir alguns critérios: a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalências dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais; b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar; c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado (BRASIL, LDB 9.394, 1996).

⁴⁴ LAER é a sigla utilizada neste trabalho para denominar o Livro de Avisos para os professores das Escolas Rurais com o registro das atas das reuniões organizadas pela Inspeção de Ensino do Município que tratava de assuntos relacionados à prática educativa, no período de 1961 a 1970.

iniciaram e terminaram sua escolaridade na escola rural Água Astorga, onde estudaram somente até a quarta série porque moravam em um sítio distante da cidade. A distância e a falta de meios de locomoção impediram-nas de dar continuidade aos estudos. Maria José Malta relata que quando terminou seu período escolar recebeu um diploma⁴⁵ e foi realizada uma festa em comemoração ao título alcançado, mas, dar continuidade ao estudo era difícil. Todas as adversidades comungaram para que uma boa parte dos alunos interrompessem seus estudos na 4ª série.

A professora Zélia, que lecionara de 1963 a 1973, também relatou as dificuldades de ir e vir à cidade. Segundo ela, nos períodos em que necessitava fazer cursos, hospedava-se na casa de parentes pela impossibilidade de se locomover, num mesmo dia, de sua casa à cidade.

5.2 Traços da Materialidade

Construída pela prefeitura do município, após aproximadamente 4 anos de seu funcionamento em uma residência, a escola Municipal Rural Água Astorga tinha um padrão próprio com as características e estrutura física relatadas pela professora Maria Zélia e pelas alunas Maria José Malta e Sueli Malta Perugini⁴⁶:

[...] construíram a escola, assim, até boa, com área na frente, tinha a privada, o poço, cercada de balaustra, [...] com carteira, tudo. Tudo bem arrumadinho. [...] Ah, era bem feita a escola, era de madeira, mas era assim forrada, assoalhada, só não tinha cantina que faltava [...].

É aí nós fomos na outra escola, aí nós estudou esse último ano do 4º ano, já foi nessa escola nova. É verdade, tinha uma área de lado, tinha vitrô assim, era forrada, era uma escola boa. [...] só sei que foi construída lá, mas um tamanho bom. [...] já era cercada, bem arrumadinha, ficava num lugar, bem, sem um matinho.

⁴⁵ A Apuração do rendimento escolar era responsabilidade dos estabelecimentos de ensino, estes deveriam “expedir certificados de conclusão de séries e ciclos e diplomas de conclusão de cursos” (BRASIL, LDB 4.024, 1961).

⁴⁶ Sueli Malta Perugini estudou na Escola Municipal Rural Água Astorga no período se 1970 à 1974.

Era de madeira, de assoalho e tinha uma área bem grande pro lado de fora, uma varanda que pegava toda a frente da escola, tinha janelas que tinha vitrô mesmo, de vidro, vidraça e tinha um porão muito grande embaixo daquela varanda. [...] Era pintadinha, bem conservada.

A partir dos depoimentos, percebe-se que o espaço pensado para as ações educativas estavam atreladas ao bem estar dos sujeitos, embora vivenciassem períodos diferentes, professora e alunas expõem realidades das construções das cidades. Janelas com vidros substituem as janelas de madeira que deixavam o ambiente escuro. O forro, além de manter o clima do ambiente mais agradável por diminuir o calor do sol, mantinha a proteção dos ventos e da chuva forte. O assoalho, por sua vez, deixava um ambiente mais higienizado, eliminando o risco da umidade.

Provavelmente, as características apresentadas motivavam a professora Orendina a cumprir seu papel nos 20 anos que lecionou na Escola Rural Água Astorga, mesmo ficando mais distante de sua casa. Acostumada com a vida dura que vivia, os dois quilômetros percorridos por ela, todos os dias, ida e volta, não foi motivo para deixar a docência. Consciente, sabia do seu papel junto à comunidade. Assim, ela justifica a escolha do local de construção:

[...] a prefeitura não podia fazer no nosso sítio, porque ficava longe para os meninos do outro perímetro, porque lá pega o lado da estrada e o outro lado né. Então, era pra ficar melhor para o outro lado do perímetro, e aí ficou longe pra mim, mas eu me acostumei, eu andava, era acostumada a andar toda vida né.

O critério para escolha do local de construção da nova escola considerava a média de distância entre um perímetro e outro. Em 1961, a escola rural Água Astorga foi instalada em outro local. Foi alocada em um espaço específico, distante das estruturas adaptadas da casa de família que funcionara até então. Segundo os depoimentos, alunos e professores enfrentavam a longa caminhada e as dificuldades do trajeto. As recordações dos dias de chuva, hoje, tiram risos de dona Orendina:

A escola não tinha conforto, mas a gente acostumava né, com aquilo. Ia a pé dia de chuva, às vezes eu chegava molhada na escola. Que quando ia chover eu levava uma blusa, a gente ia de guarda-chuva,

mas chuva de vento molha assim mesmo. Aí, chegava na escola e trocava. Meu guardapó ficava na escola e punha ele enxuto; lá com outro calçado, eu tinha uma bota de ir na escola né, a bota de zíper na perna toda. Dia de barro, aí chegava na escola, tirava e punha o sapato. É essa dificuldadezinhas fácil de passar.

A professora conta que os alunos andavam descalços, nos dias chuvosos eles preferiam ir sem sapatos, pois se calçassem o barro era tanto que entrava, atolando o pé. Jandira Malta recorda que os pés descalços chegavam grossos de barro, para adentrar na sala de aula era preciso limpá-lo no limpador, uma espécie de enxada cega presa a dois tocos virada com o corte para cima. Os referidos depoimentos corroboram com os estudos de Almeida (2005), em que relata que “O inverno, período de frio e chuvas intensas, é lembrado como a pior época, em parte pelo sentimento de estar isolado e sozinho em um meio, por vezes, inóspito” (ALMEIDA, 2005, p. 286).

É possível perceber que a mudança de local trouxe desconforto para alguns alunos e para a professora Orendina, mas por outro lado, ascendeu a chance de outros sujeitos terem a mesma oportunidade, equiparando a distância. Nas recordações da aluna Maria José Malta, estudar era tranquilo, mas reconhece que ficou difícil quando a escola foi edificada em outro local, mais longe de sua casa.

A ex-inspetora de ensino do município, Maria José Lopes, relata que o terreno para construção das escolas rurais era cedido pelo dono do sítio, preferencialmente perto de alguma casa para não ficar isolado. A prefeitura construía a escola, depois disto era fundada uma associação de pais e professores que ajudava na sua manutenção. A prefeitura em conjunto com o Estado mantinham as escolas e se comprometiam com os vencimentos. Em ata de reunião da assembleia da associação de escola rural é demonstrada a preocupação em ajudar a manter uma boa educação. Vejamos:

O Sr. Tesoureiro dando a importância [...] de cr\$109,00, nada aumentou e gastou durante os meses passados, e diz que está pronto a ajudar a essa união bela, porque ele não tem filhos em ponto de aula, mas tudo que for bom a Pátria está disposto a trabalhar juntos com a comunidade porque é bom brasileiro (Ata da APP, 1972, p.1v).

Reuniões semelhantes já ocorriam nas comunidades rurais quando da necessidade de construção da escola. Segundo a ex-inspetora, os sitiantes se

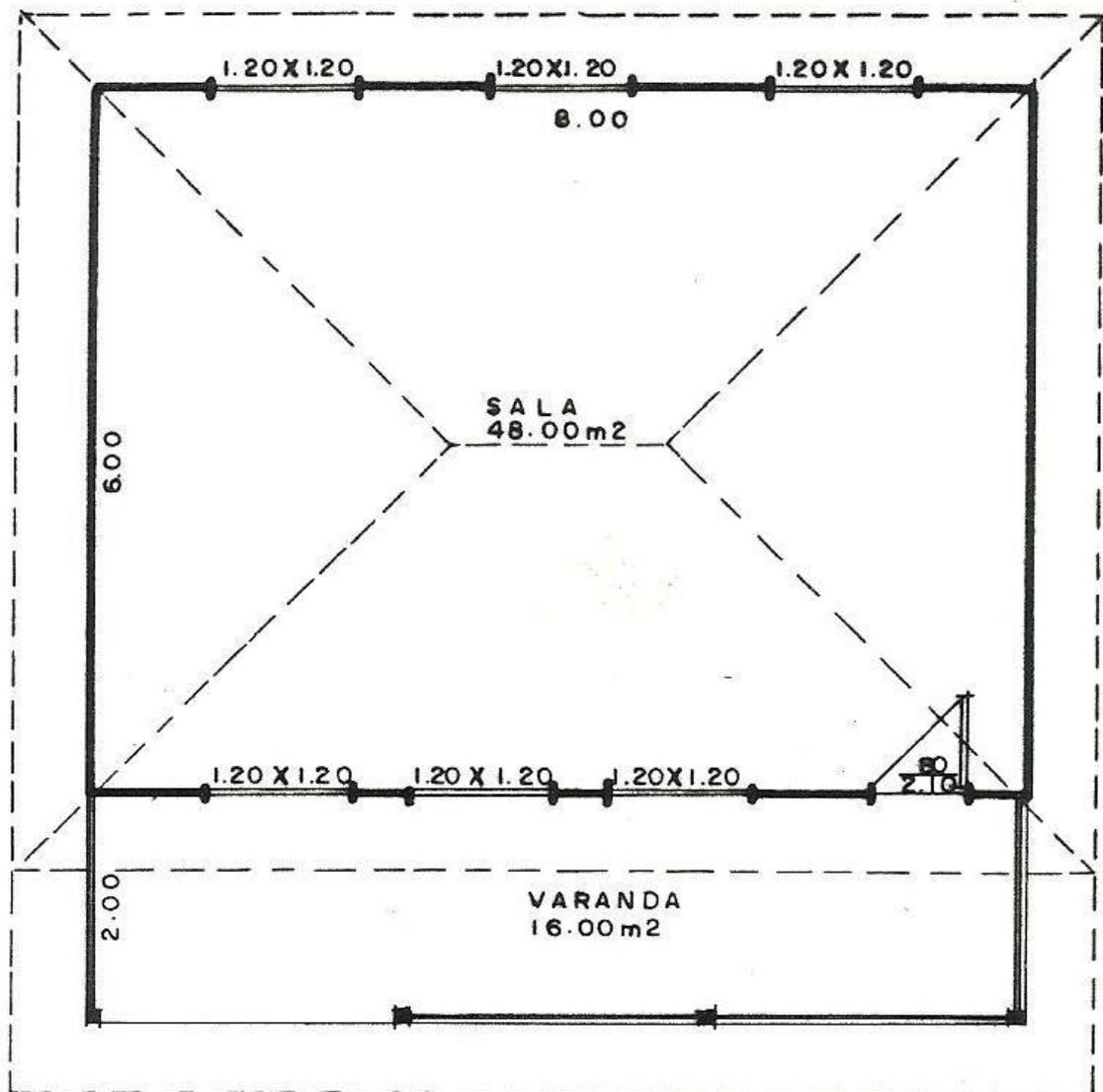
aliavam para solicitar à prefeitura a instalação de uma nova escola na sua região, visto que a distância a ser percorrida era grande ficando inviável transportar as crianças, e, também porque muitas famílias não possuíam nenhum meio de transporte e seus filhos teriam que caminhar grandes distâncias para estudar.

Conforme o projeto⁴⁷ de construção da recém escola, estava previsto uma sala com 48m², sendo oito metros de largura por seis metros de comprimento; o telhado com quatro águas visando a proteção contra as intempéries e o conforto de seus usuários. Incluso em seus limites foi construído uma privada. Na escola não havia luz elétrica e água era de poço.

As experiências ocorridas neste espaço, permite-nos fazer uma reflexão sobre o projeto pensado e o vivido por meio da memória dos sujeitos. Na planta percebemos a preocupação para manter o ambiente iluminado e arejado. A sala de aula tinha seis janelas; três de um lado e três de outro, favorecendo a iluminação e ventilação. Uma porta e a varanda ocupando toda a frente da construção ainda compõem o espaço escolar. Vejamos:

⁴⁷ PARANÁ, Secretaria do Estado de Educação: Departamento de Ensino de Primeiro Grau. Plano de Implantação da Lei 5692/71 – Ensino de 1º grau – Zona Rural (Acervo Departamento de Educação).

Figura 8: Planta baixa da escola indicando suas dependências e respectivas metragens.



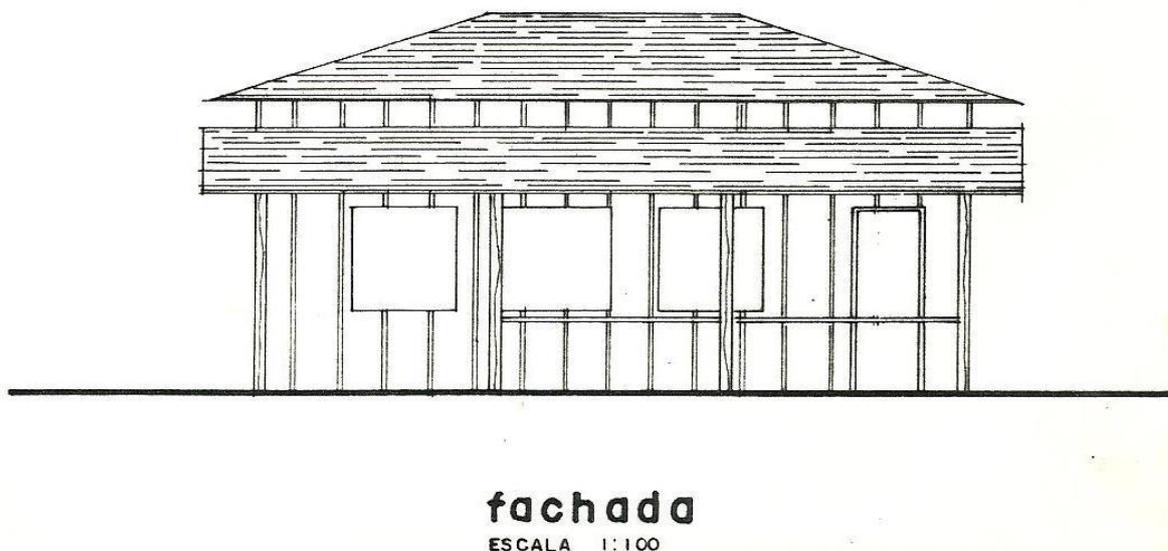
planta

ESCALA 1:100

Fonte: Plano de Implantação da Lei 5.692/71. Arquivos do Departamento de Educação.

A Fachada ilustrada apresenta a construção em madeira da sala de aula e varanda de um extremo ao outro, no intuito de abrigar os alunos contra o sol e chuvas, nos momentos de recreação, antes do início, e posteriormente, ao término das aulas. Utilizariam este espaço para se protegerem enquanto aguardavam o professor. Observemos sua fachada:

Figura 9: Fachada da Escola Municipal Água Astorga.



Fonte: Plano de Implantação da Lei 5.962/71. Arquivos Departamento de Educação.

A professora Orendina relatou que os alunos moradores do perímetro contrário ao dela chegavam primeiro na escola. Quando ela se aproximava com o restante da turma, os demais já estavam na escola pulando e brincando. Sueli Perugini complementa que os alunos sempre chegavam mais cedo para brincar. A varanda projetada servia, também, para abrigar os alunos em qualquer eventualidade. Se o professor tivesse algum problema e não conseguisse cumprir o horário daquele dia, os alunos teriam um lugar adequado para aguardar até serem avisados da dispensa de aula.

Longe de suas casas e desprovidos de comunicação, professores e alunos passavam um longo período no âmbito escolar, por essa razão, a escola foi cercada com balaústras e seu espaço delimitado. Essa medida foi realizada em todas as construções escolares rurais, com o intuito de manter todos em segurança. Nos depoimentos é exposto que animais tinham livre acesso na redondeza e o espaço cercado dificultava a sua presença dentro do perímetro demarcado.

A única imagem localizada em que foi materializada a Escola Rural Água Astorga foi produzida no ano de 1980, ou seja, 21 anos após a sua inauguração. A imagem revela certo abandono. O telhado da varanda retorcido, as paredes sem pintura e manchadas, as janelas sem vidros e a cerca com aspecto de falta de manutenção, como se pode observar na imagem seguinte:

Figura 10: Escola Municipal Rural Água Astorga.



Fonte: Plano de Implantação da Lei 5.692/71. Arquivos do Departamento de Educação.

Este momento cristalizado na imagem, nos limites da moldura revela a falta, ou pouca manutenção ao longo de sua utilização. No entanto, a imagem evidencia a planta ou projeto de construção apresentados anteriormente. Conforme mencionado, o espaço da escola era cercado, protegendo professores e alunos e impedindo a entrada de animais indesejáveis. Tal organização também ajudava a marcar o espaço propriamente escolar, diferenciando o tempo de estudo dos demais tempos da vida.

Embora a construção de escolas melhorasse as condições de estudo da população rural, estudar nesse período era, para muitos alunos, um sacrifício. Para chegar à escola e retornar para casa tinham que caminhar grandes distâncias, enfrentando, não raras vezes, a chuva, o frio, o barro, a poeira. E, todos os dias, sem exceção, as cercas de arame farpado; a travessia pelo pulador de cerca; o encontro com as vacas e cachorros bravos da vizinhança cujo longínquo ruído extraía medo e necessidade de cuidado; além das trilhas marcadas pelas patas dos

animais. Depois desta jornada, tinham que enfrentar, ainda, o duro trabalho exigido pelos pais.

Sob a tutela da professora, um grupo de alunos era conduzido até a escola. A rotina do tempo e espaço foi modificada com a instalação da escola em outro lugar. Em depoimento, Orendina conta que muitos alunos moravam do mesmo lado que ela e todos iam juntos para a jornada escolar.

[...] então era uma turma boa, ia sempre comigo, eles chegavam à minha casa antes da minha saída e a gente ia juntos, e os do lado contrário da escola, eu chegava, já estava todo mundo lá também, fazendo bagunça (risos).

Sobre a comunidade escolar, a professora Zélia comenta que os alunos moravam todos na redondeza, eram vizinhos. Os pais dos alunos eram proprietários de pequenas áreas, onde cultivavam lavouras de milho, arroz e feijão e muita plantação de café.

No período em que a professora Maria Zélia trabalhou na escola rural Água Astorga, de 1963 a 1973, habitou próximo à instituição. Segundo ela, não haveria nenhuma grande dificuldade, pois o sítio em que ela morava ficava bem em frente da escola. Já a professora Orendina nos apresenta uma outra faceta: “Era muito sofrido pra mim”.

A experiência da professora Orendina foi um pouco diferente. Como exposto anteriormente, iniciou suas atividades na primeira casa escolar que ficava em um sítio vizinho, próximo a sua residência. Contudo, com a mudança de endereço da escola, para a professora continuar ensinando seus alunos a ler, escrever e contar, passou a se deslocar todos os dias de sua casa enfrentando dificuldades no trajeto. Assim, ambas possuem experiências diferentes, permitindo-nos observar as diversas situações existentes.

5.3 Rotina Escolar

Na memória dos atores da escola rural, a rotina reunia atividades educativas antes e após o recreio. O recreio com as atividades simultâneas entre professor e alunos e as atividades extraclases incluindo visitas da inspetoria, profissionais da saúde, fotógrafo, religiosos, integrantes da banca examinadora, entre outros; e aulas ao ar livre de ciências e datas comemorativas.

As alunas Maria José e Jandira Malta foram alunas da professora Orendina na primeira casa escolar no ano de 1958, estudaram até a 4ª série, encerrando seus estudos na nova escola instalada em 1961. Em sua memória, Maria José guarda experiência e lembra que o conteúdo era difícil, suas notas não passavam de 7,0 e revela que para ensinar, a professora utilizava dois quadros negros divididos pelo número de turmas. Cada fila de carteiras reservadas ficava em frente de seu quadro, uma medida para facilitar a visualização e dificultar a distração com a matéria das outras turmas. Cada um deveria focar em seus estudos e dar conta dos mesmos. Maria José Malta relatou que os deveres de história, expressão e matemática eram passados pelo professor e cumpridos à risca pela classe multisseriada.

Enquanto a professora ensinava um conteúdo para uma determinada série, os alunos da outra série copiavam a matéria registrada no quadro. Quando acabavam, ele apagava e imediatamente passava matéria para outra série, enquanto os primeiros resolviam as atividades copiadas no caderno. Essa medida tinha o objetivo de não deixar a turma ociosa evitando a indisciplina. Sueli Malta, aluna da década de 1970 relata: “Eu lembro que ele passava o exercício tudo no quadro né, a gente copiava no caderno e muitas vezes ele chamava aluno por aluno pra ir ao quadro fazer, resolver no quadro as continhas”.

Além do uso do quadro negro, Maria José relata que realizavam atividades em um livro indicado pelo professor e comprado pelos pais. Com este recurso os alunos eram instruídos a resolverem as atividades propostas pelo professor. Em uma das reuniões de professores rurais, no LAER, na ata do mês de julho de 1961, é registrado “Que será obrigatório a compra da Gramática Expositiva Portuguesa” (ASTORGA, 1961-1970, p.5v). Segundo relato da aluna Jandira Malta, era utilizado um livro bem grosso para o professor passar atividades no quadro.

Desprovidos de variado material didático, restava ao professor o quadro negro e o caderno dos alunos para que pudesse desenvolver suas aulas. As recordações de como era o ensino na escola rural Água Astorga, é relatado pela aluna Jandira Malta:

Já logo no primeiro dia já foi o a, e, i, o, u, o abc já entrou direto né, tinha que aprender mesmo. [...] sempre copiando, nós fazia muita cópia, nós fazia muito ditado né, história né, escrevia bastante história, a gente inventava, ela mandava a gente inventar, história lá e era assim. [...] a gente inventava da vida gente, qualquer coisa lá inventava. [...] não dava figura não.

O depoimento retrata a metodologia utilizada pelos professores. A cópia caracterizada pelo ensino tradicional, constituía-se de recurso usado com frequência no intuito da memorização e aprendizado. Observa-se que não havia materiais didáticos que motivassem os alunos nas atividades educativas. As lembranças da aluna Jandira Malta acusam a tarefa tediosa executada durante o período que estudou, sem suporte pedagógico dependia de suas experiências para fantasiar e escrever suas redações. A produção de redações era uma exigência da Inspeção, registrada em várias atas do LAER da década de 1960. Era comum, nas reuniões mensais, estimularem os professores na aplicação de produção textual explorando as datas comemorativas. Na ata do mês de agosto de 1964 foi exposto: “Cada professor deverá comemorar as datas históricas do mês com uma festinha interna, aproveitando o tema para aplicar uma redação” (ASTORGA, 1961-1970, p.21v.).

A importância dada às datas festivas, aos feriados nacionais, aos personagens alusivos fazia parte do currículo, acentuando o caráter exaltador, nacionalista e patriótico.

A aluna Maria José, estudante entre 1957 e 1961, lembra que era pedido para os pais comprarem cadernos de aritmética, linguagem, caligrafia e desenho, todos eram encapados pela família. Sueli Malta, estudante da década de 1970, revela que além dos cadernos era preciso comprar a cartilha, lápis e giz de cera. Material de contagem era providenciado pelos alunos. “O professor pedia pra gente levar milho, levava bastante milho numa caixinha de fósforo, quando a gente tava na primeira série, pra gente aprender contar”.

No aviso nº 5 de 24/06/1961 do LAER, foi registrada a distribuição de materiais didáticos pela Inspeção, “Aviso, outrossim, que, possuo todo o material

“existente” na secretaria, no que posso servi-los, sendo inútil qualquer pedido extra, pois não serão atendidos pela falta dos mesmos” (LAER, 1980c, p. 4). Pelo registro, observa-se certa precariedade na disponibilização de materiais. Essa situação vai ao encontro aos estudos de Almeida (2005) que pontua as adversidades da escola rural, afirmando existirem “[...] poucos materiais pedagógicos, falta de livros, entre outros” (p.286).

Apesar das dificuldades existentes, Dona Maria Zélia exalta o lado positivo do trabalho. Segundo ela tinha dois quadros grandes, tinha carteira que acomodava os alunos, o processo de ensino e aprendizagem se dava de forma tranquila. Dona Orendina, por sua vez, expôs o seu medo de parar de lecionar na Escola Rural, de tanta saudade que iria sentir.

Na organização das atividades diárias, a pausa para o descanso, dividindo o tempo escolar em antes e depois do recreio, era vivenciada pelos atores, com atividades diferenciadas pelos alunos e professor. Enquanto o professor aproveitava este momento para colocar em dia as tarefas relacionadas à correção de cadernos e planejamento de atividades, no interior da sala de aula, os alunos usufruíam da liberdade para conversar e brincar no espaço externo. Assim relata uma aluna:

Ah! As brincadeiras às vezes, era nossa mesmo, porque ela coitada, ela ficava lá dentro corrigindo caderno né, então nós ficava no canto, nós era uns aluno muito bonzinho, sabe, a turma inteira não deu trabalho para ela né.

Sueli Malta relatou que, algumas vezes, se afastavam do recinto escolar em busca de frutas da época, nos sítios vizinhos. Coisas de criança. Apesar dessa naturalidade campesina, os professores eram responsáveis por seus alunos. Nos documentos analisados, registra-se que era proibido ao professor “Afastar-se dos alunos quer em classe quer em recreio” e “Corrigir cadernos na hora da aula” (ASTORGA, 1960-1970, p. 9).

Observa-se que o professor não poderia se ausentar, de forma alguma, seja pelo motivo que fosse, porque os educandos ficariam sem atividades ou sozinhos. Apesar de vivenciarem períodos diferentes, as irmãs mais velhas Jandira e Maria José, e a mais nova Sueli expuseram que o tempo reservado para o recreio era equacionado entre se alimentar, receber a merenda, conversar com os colegas e brincar. Vejamos o depoimento de uma delas, Maria José:

Ah, nós brincava lá com os outros, ficava sentava, a gente já era meio grandinha, então a gente tomava leite, era o leite, e ficava lá acho que era uma meia hora de intervalo. Depois voltava tudo pra dentro da sala e já começava estudar de novo.

As alunas Jandira e Maria José justificam que por já serem mocinhas no tempo escolar, pois iniciaram tardiamente, não aderiam às brincadeiras de criança, usavam o tempo em conversas com os outros alunos da mesma idade. Já a irmã mais nova iniciou os estudos na idade ideal. Sueli conta que em seu tempo escolar, no início da década de 1970, as meninas brincavam de amarelinha e os meninos de bola queimada e bets. Relata que certo dia, os meninos brincando com o jogo de bets, se machucaram. Um dos alunos, com seu bastão, atingiu a cabeça do colega, ferindo-o levemente. Estes depoimentos deixam ver as brincadeiras e comportamentos das crianças e adolescentes na escola, durante o espaço do recreio. Uma vivência tipicamente do universo escolar.

Modificando a rotina em alguns dias, os professores e alunos eram visitados por diferentes profissionais. Campanhas ligadas à saúde e serviços de registro fotográfico eram recebidos pelos professores e alunos da Escola rural na década de 1970. Em suas lembranças, Sueli Perugini conta que campanhas de vacinas tiravam o sono de alguns alunos, “Isso eu não esqueço menina! Eu tinha um medo da vacina”. Outra mudança na rotina diária era quando se recebia a visita do fotógrafo, oportunidade de registrar momentos especiais. Assim, fotógrafos e enfermeiros eram os sujeitos que percorriam longas distâncias para marcarem a história dos alunos, quer seja na prevenção de doenças ou na cristalização do tempo. O relato evidencia a importância destes momentos, vejamos:

Ah, ia também um fotógrafo, de vez em quando tirar foto. Só que eu, justo no dia que ele foi, eu faltei (risos). O meu irmão tem foto na escola. Aí ele chegou em casa e falou: - Olha, você não sabe o que você perdeu, foi um fotografo tirar foto de nós tudo lá. Falei: - Ai meu Deus! Fiquei super triste (risos), por que naquele tempo era difícil tirar foto.

A descontração também vem à memória das irmãs mais velhas Maria José e Jandira ao lembrarem das atividades extraclases, que, para elas, cultivava o interesse dos alunos, sendo muitas vezes motivação para continuarem os estudos mesmo com as dificuldades existentes. Elas se recordam dos piqueniques

realizados pela professora em dias que antecederiam feriados importantes, assim relata uma delas:

Ah, lembrança boa é quando a gente fazia piquenique, ai era uma festeira, era bom demais, ai nós íamos à beira do rio, [...] tinha água lá, arvoredo né. Ai, cada um levava um lanche, um bolo, um pão, uma bolachinha, um biscoito [...]. Aquilo lá era muito bom, ai nós passava o dia todo contente. Véspera assim de um dia importante, assim, 15 de novembro, 7 de setembro. Sei lá uma data que marca né, que tem comemoração [...].

Observa-se a estratégia da professora para registrar na memória das crianças dias considerados importantes pela República, como o dia da Independência do Brasil e o dia da Proclamação da República. O piquenique, que como a ex-aluna registra, “*era bom demais*”, anunciava que o feriado tratava-se de uma festividade importante.

A aluna Sueli Malta relatou com entusiasmo as experiências de germinação de plantas que eram realizadas na escola. Segundo ela, a professora solicitava aos alunos sementes variada como feijão e pepino para serem utilizadas nas atividades práticas na disciplina de ciências, que eram submetidos ao método de observação. Vejamos:

[...] era tipo de um trabalho sabe, ele explicava sobre a germinação da semente, como germinava. Não era pra usar daquela verdura, era pras crianças aprender como germinava as sementes de feijão, a semente de arroz, então cada aluno levava um tipo de semente. [...] Oh, mas era muito interessante, a gente todo dia ia lá jogar água nela e esperar ela brotar (risos)[...] ele plantava num saquinho assim né.[...] lá fora num cantinho do pátio.[...] Ia todo dia regar, jogar água e observar ela.

O olhar curioso, no dia a dia, acompanhando o desenvolvimento das plantas, suas modificações no decorrer do tempo ficou marcado na memória da ex-aluna.

Quanto à organização em sala, em depoimento Sueli Malta expõe que as carteiras eram organizadas por filas, cada série era acomodada em uma delas, com isso a professora dividia o quadro negro, um espaço para cada uma das séries e passava fila por fila explicando o conteúdo. Diferentemente, a professora Orendina revela sua estratégia de organização da sala, assim relata:

Eu fazia assim, no fundo da classe eu arrumava o quarto ano, mas no começo da classe eu arrumava o segundo ano, então quando assim, eu dava tarefa, dava uma explicação pro 4º ano e pedia alguma coisa pra eles fazer e eu ia pro segundo ano ensinar. Aquelas meninas mais espertas que acabava vinham me ajuda. Ensinar o 2º ano.

Com o depoimento é desvendado sobre a organização mantida pela professora Orendina, durante o período em que tinha duas séries por turma. Os alunos maiores, da 4ª série eram dispostos no fundo da sala, nesta disposição ela teria melhor visibilidade dos alunos menores, os da 2ª série, e quando os alunos da 4ª terminavam sua tarefa, auxiliavam a professora ensinando os alunos em estágios menos avançados.

No ensino realizado concomitantemente para várias turmas, os alunos do último estágio acabavam auxiliando. A aluna Sueli Malta expôs que os alunos da 4ª série, os maiores e mais espertos, recebiam o programa do professor e passava em uma das partes do quadro negro para o restante da turma da 4ª série. Enquanto isso o professor mantinha o ensino para as outras turmas. O professor Sebastião recorda que dar aula para classes multisseriadas era necessário ter astúcia e inteligência para cumprir as exigências pedagógicas com todas as séries. Assim, ele concluiu:

[...] era uma escola multisseriada⁴⁸, trabalhava com 1ª, 2ª 3ª e 4ª série, tudo junto. [...] mas precisava saber ter um jogo de cintura pra poder controlar senão não conseguia. [...] A 1ª série ficava mais tempo, que as outras turmas. [...] Se trabalhasse com uma série, muito, se desse mais atenção pra um, as vezes ficava faltando pras outras.

As salas multisseriadas impuseram ao professor a busca de estratégias para cumprir com a missão de ensinar, simultaneamente, alunos em estágio de aprendizagem diferente. Recorrer ao auxílio de outros alunos mais avançados configurou-se em uma prática escolar corriqueira, ou melhor, em uma condição *sine-qua-non*.

⁴⁸ De 1964 à 1977 a Escola Rural Água Astorga funcionava com dois professores, depois disso, passou a ser sala multisseriada.

5.4 Traços do Relacionamento

A relação entre a professora e os alunos foi lembrada por uma ex-aluna como sendo de carinho, como de quem queria o bem dos seus alunos, como muito boa. Segundo ela, a professora D. Orendina corrigia com paciência o modo de falar dos alunos, treinando-os para o modo culto da língua portuguesa. Assim relata,

Ah, era muito bom, que ela era muito boa professora pra gente, sabe. É, corrigia alguma coisa da gente, que a gente falava errado. Falava: “É memo né”? [...] a outra, “centium”. Ela: “ai não é memo, é mesmo”, ela falava. E a Geralda “centium”. “Não é centium.

A ex-aluna Maria José percebia a professora como pacienciosa. Por outro lado a professora D. Orendina via entusiasmo e dedicação no comportamento de seus alunos, assim afirma:

[...] mas eu gostava, eu adorava lecionar lá, pelo seguinte, é que os alunos iam pra aprende, não iam pra bagunça não. Sempre tem uma ovelha negra né, mas a maior parte ia pra aprende e perguntava e queria saber mesmo, era muito bom.

É interessante observar que o gosto pela profissão tinha uma relação direta com a boa experiência e vivência com os alunos. A professoras Maria Zélia guarda boas lembranças de seu tempo, para ela, aqueles tempos eram bons, afirma que as turmas eram boas, todos comportados e interessados. O professor Sebastião, que lecionara entre os anos de 1975 a 1994, também afirma:

[...] então, até as vezes quando eles iam fazer visitas nas escolas, os alunos tudo sentado, tudo comportados, até falava para o professor, parece que a escola tava fechada professor, não tem aula (riso), que nada estão todos estudando (risos), quem conversava mais era o professor (risos).

Os depoimentos das professoras Orendina e Maria Zélia e do professor Sebastião se aproximam em relação à forma como viam os seus alunos: interessados e estudiosos. Eles entendiam esse bom comportamento em sala como um sinal de respeito. Por outro lado, há relatos de como os alunos sentiam receios de seus professores. A ex-aluna Sueli relata que o medo excessivo do professor

prejudicava o processo de ensino e aprendizagem, pois ela se esquivava dos questionamentos e esclarecimentos de suas dúvidas sobre o conteúdo. Assim ela relembra:

[...] as vezes atrapalhou um pouco a gente aprender por esse medo que eu tinha do professor. Porque tinha muitas continhas mesmo, em matemática, eu era bem difícil de eu aprender as continhas de emprestar número, subtrair eu não conseguia aprender. Eu fui aprender depois que eu sai da escola. Aí caiu ficha (risos). Aí eu aprendi, ai assimilei, como que era fazer aquelas continhas, mas antes eu não tinha coragem de chegar ao professor e pedir uma orientação certa né, eu tinha muito receio.

É possível perceber que o aluno preservava um distanciamento, determinado na maioria das vezes pelo receio e medo, do professor. Esta situação não permitia um aprendizado mais efetivo em sala. Guardadas para si, as dúvidas prejudicavam o desenvolvimento das atividades. Acrescentava-se a essa situação a dificuldade que os alunos possuíam para realizarem suas atividades em casa. A maioria dos alunos não contava com alguém para orientar. Os filhos mais velhos tinham que resolver sozinhos as atividades de casa, não podiam contar com os pais semianalfabetos, Jandira Malta relata que seus pais, “[...] só sabiam escrever o nome só e lê, eles não tinha como ensinar a gente né, eles não tinham bagagem pra passar pra gente [...]”. Já a irmã mais nova recorda que a ajuda vinha dos irmãos mais experientes, vejamos:

[...] porque meus pais praticamente eles não estudaram, minha mãe mesmo, ela praticamente aprendeu o nome e só, então os irmãos mais velhos é que davam uma ajuda pra gente.

Pode-se perceber as dificuldades enfrentadas no processo de aprendizagem dos alunos que viviam em um ambiente de pouco contato com a língua escrita. Além desta dificuldade, Jandira Malta relata a falta de condição física e de estrutura para realizar suas atividades em casa, assim diz que:

[...] a noite tinha que fazer dever, tarefa com o claro da lamparina né, não tinha luz elétrica. [...] a gente com sono. A gente trabalhava bastante né, no pesado né, na roça né. A gente cansava né, depois acabava de jantar dava aquele sono, ainda tinha que fazer o dever com claro de lamparina.

No depoimento, percebem-se as dificuldades da vida no campo: trabalho pesado durante o dia e sem luz elétrica realizar as atividades de casa se transformava em algo muito penoso.

Esta situação relatada, mais as estradas ruins que dificultavam o acesso, o distanciamento da cidade e o desgaste físico da rotina diária de serviço desanimavam os alunos e a maioria não deu continuidade nos estudos. Lembra Jandira Malta, “[...] foi até bom parar de estudar até certo ponto, a gente trabalhava muito”. Dificilmente os filhos dos sítiantes foram dispensados do trabalho no campo, além do horário que permaneciam na escola. Sustentá-los nos estudos, longe do trabalho e com todos os afazeres e dificuldades da roça demandava uma situação financeira estável, realidade pouco provável da maioria dos alunos das escolas rurais. A condição de trabalho da criança e do jovem era uma realidade dos anos 60. Passador (2006, p. 115) conclui em seus estudos que “[...] o mais comum é o jovem após a quarta série primária, procurar empregos na cidade, como empregado doméstico, no pequeno comércio ou na construção civil”.

Supostamente, a distância e a rotina diária afastavam a família das atividades na escola. De acordo com a professora Orendina, a participação dos pais nas reuniões propostas era insuficiente, ela expôs que as poucas vezes que solicitavam a presença deles, uma minoria comparecia. “Olha, quando eu fazia reunião com os pais, ia alguns homens só. As mulheres não iam. Então não tinha muita colaboração”. Este comportamento desestimulava a prática de reunir as famílias em torno das questões educacionais. A aluna Jandira Malta não se recorda de reuniões e justifica que não era necessário porque “os alunos eram comportados”. Quando a professora necessitava enviar algum comunicado aos pais, ela passava no quadro e os alunos copiavam no caderno. Embora não houvesse reunião de pais, a aluna Maria José diz que seu pai sempre se preocupou com a educação dos filhos, “[...] o pai sempre olhava os cadernos da gente pra ver. Ah, o meu pai era assim, ele dava bastante atenção pros filhos nessa parte”. O incentivo dos pais ao estudo também foi relatado por Sueli Malta, “[...] nunca ele falou hoje você não pode ir, você tem que me ajudar no serviço, não, ele sempre apoiou”. Contudo, apesar de se sentir apoiada pelo pai, as irmãs Malta concluíram a quarta série, encerrando seus estudos.

Diferentemente das reuniões com a professora, as reuniões da Associação de pais e mestres costumava reunir a comunidade . A pauta variava entre o relatório de receita e despesa, orientações nutricionais e assuntos pertinentes a educação.

Passou a palavra ao Tesoureiro que leu o balancete, entrada e compras da mesma e o débito atual. [...], passou a palavra a profª lone, a líder sobre a alimentação, que leu um artigo do jornal do Mobral “Aprenda como usar a soja para fazer o leite e o pão [...] passou a palavra a líder da higiene, [...] lendo [...] um artigo “Muito cuidado com a sarna, principalmente as crianças”. [...] convidando os presentes para o culto da palavra (ASTORGA, 1974, p. 6).

Está sendo organizada pelo sindicato rural, Prefeitura e Inspecção Municipal de Ensino a Campanha da verminose, assim pede a colaboração de todos, pais, professores [...] (ASTORGA, 1978, p.24).

Nesta reunião foi anunciado aos pais dos alunos que as aulas terminará no dia 29 do mesmo e que os exames finais serão dia 28 deste (ASTORGA, 1974, p.8).

Os fundos das promoções da Associação de Pais e Mestres, além de proporcionarem melhorias para a escola, destinavam-se à realização da cerimonia da primeira comunhão. A escola também era local de aulas de catecismo, uma vez na semana, no sábado, os professores reuniam as crianças no intuito de inculcar a fé católica. Desta maneira, observa-se que outra maneira de aproximação das famílias da comunidade era por meio da religião, encontros de catequese eram realizados no interior da escola.

5.5 Traços da Avaliação

Com relação ao processo avaliativo e a verificação do aprendizado, realizavam-se, formalmente, de duas maneiras. A primeira, mensalmente, conduzida pelo próprio professor e a segunda, no final do ano aplicado por uma banca examinadora selecionada pela inspecção de ensino antecipadamente.

As avaliações aplicadas mensalmente pelo professor tinham o objetivo de:

[...] diagnosticar o desenvolvimento dos alunos pesquisando e interpretando os conhecimentos, as habilidades e as atitudes dos mesmos tendo em vista as mudanças de comportamento propostas nos objetivos (PARANÁ, Plano de Implantação da Lei 5592/71-Ensino de 1º grau - Zona Rural).

De acordo com a ex inspetora Maria José Lopes, as orientadoras da Inspeção de ensino elaboravam as provas e mimeografavam, nos dias marcados cada professor retirava na inspeção. Essa dinâmica mensal é descrita na ata do dia cinco de outubro de 1966, “Depois do dia 15, procurar as provas que serão aplicadas no final desse mês. Essa é a última prova bimestral do ano” (ASTORGA, 1966, p.48).

Os conteúdos destacados no programa⁴⁹ distribuídos para todos os professores no início do ano letivo e exigidos na avaliação eram trabalhados pelo professor que deveria segui-lo à risca durante todo o bimestre e contemplavam as disciplinas de Língua Portuguesa; Integração Social e Iniciação à Ciências.

A professora Maria Zélia relatou que após receber as questões já elaboradas pelas orientadoras da Inspeção de ensino, ela passava as questões no quadro e os alunos copiavam. Após a aplicação as provas eram levadas de volta para Inspeção de Ensino para serem revisadas e vistas, em ata de reunião do dia dois de setembro de 1966 apresenta essa ação.

Levam no dia de hoje as provas para setembro, se o professor não trouxe as provas que aplicaram em agosto, tragam-na até o dia 15 para serem revisadas, se assim não o fizeram, serão punidos (ASTORGA, 1966, p.46).

Percebe-se que a técnica praticada todos os meses tinha como finalidade o controle dos resultados, a observação do trabalho do professor e a certificação da aplicação da avaliação.

A aluna Sueli Perugini estudante da década de 1970 descreve características das avaliações. “Era uma folha grampeada, umas três folhas, papel sulfite e ele já trazia pronto as perguntas, na escola não tinha nada pra imprimir [...] só pra gente responder tudo”.

⁴⁹ O Programa faz parte do Plano de Implantação da Lei 5692/1971, elaborado pela Secretaria do estado da Educação-Departamento de Ensino de 1º grau. (Arquivos do Departamento de Educação)

O processo de avaliação da aprendizagem se compunha informalmente de outras atividades avaliativas planejadas pelo professor, como se recorda a aluna Jandira: “Ela corrigia caderno por caderno, e dava nota”. No Plano de Implantação da Lei 5692/71 consta o grupo de atividades que compunham a nota do bimestre.

[...] testes de aproveitamento orais e escritos, questionários, tarefas específicas, trabalhos de criação, observações espontâneas ou dirigidas e outras que se recomendem (PARANÁ, , Plano de Implantação da Lei 5592/71-Ensino de 1º grau - Zona Rural, p.81).

Ao aplicar a avaliação mensal e verificar os resultados, a professora Orendina utilizava estratégias para diminuir a defasagem dos alunos, ela aplicava uma avaliação relâmpago. Comunicava os alunos: “Oh, hoje nós vamos ter uma sabatina”. Tudo ensinado naquele mês era recapitulado em forma de avaliação. Observa-se que esse tipo de investigação era peculiar ao trabalho da professora Orendina. Caso os alunos apresentassem dificuldade no domínio do conteúdo, ela revisava. “Eu ensinava, ia no quadro negro e explicava, ensinava. Todo mês eu fazia isso”.

Para os alunos com defasagem por causa da falta de assiduidade, ausência justificada pelo auxílio dado aos seus pais na época da colheita, a professora se empenhava em dupla jornada para amenizar a defasagem, combinava com os alunos que depois da aula eles acompanhariam-na até sua casa e realizava a recuperação dos conteúdos. Assim relata a professora:

Teve um ano que eu tinha o quarto ano e o segundo. Faltaram muito e depois que eles voltaram para a aula, eu dei recuperação na minha casa. [...] depois da escola, iam comigo já. Daí eu deixava eles a vontade lá em casa descansando um pouco, [...] Eu pedia para eles levar lanche e tomar. E dava uma recuperação pra eles.[...] Não tinha outro jeito né, porque eu não queria que meus alunos reprovasse.

Essa situação era causada, essencialmente, por alunos que tinham frequência baixa devido à necessidade de ajudar o pai na colheita. Dessa forma, eram beneficiados com a dedicação da professora que realizava a dupla tarefa sem ganho extra. Tal dedicação representava para professores e alunos a possibilidade de finalização do ano letivo com um melhor rendimento dos alunos, a preocupação era causada pela proximidade do exame final. A aluna Sueli Perugini relata essa experiência:

No final do ano era, falava aquela época de exame. [...] a mãe preparava marmita com almoço com frango, era uma comida assim, forte, ela preparava por que a gente ia fazer um exame que era prova do final do ano né. Então aí vinha diretora. [...] Até aquele dia era muito importante, a gente ficava super preocupada [...] era final do ano. [...] Era o exame. Medo de não passar né, ficar repetente, morria de medo.

De acordo com ata da reunião de maio de 1963, os alunos que tivessem nota superior a 4,5 deveriam realizar o exame final, entende-se que nota inferior estariam automaticamente reprovados.

Fazia parte da organização do dia do exame, o professor solicitar para os alunos trazerem lanche de casa. Essa medida, possivelmente, era com a intenção do professor, neste dia, não necessitar preparar a merenda e, fundamentalmente pela possível demora na realização do exame e a necessidade das crianças estarem bem nutridas.

No dia marcado, os professores ficavam responsáveis em organizarem o espaço para a realização do exame. Desprovido de qualquer tipo de facilidade e muitas vezes, tendo que custear as despesas com produtos de limpeza, transformarem a escola num ambiente a contento da Inspeção de ensino, não era tão simples. Nas atas de reunião é comum encontrar dados que mostrem que as escolas deveriam ser mais cuidadas, mesmo sabendo que o esforço era desempenhado quase sempre por apenas um professor. Assim diz numa ata:

Fiz visitas no final do mês passado e de modo geral está a desejar. Quanto a asseio, o professor deve cuidar mais de sua sala de aula. Oriente os seus alunos, não confunda com orientar como somente mandar executar. Professor deve estar junto encaminhando e ajudando. Com quadro de folhinhas faça quadros, esses além de ornamentar, alegrando o ambiente, servirá para trabalhos escolares. O pátio não deve ser esquecido, pois o mesmo não é depósito de lixo (ASTORGA, 1961-1970, p. 73).

A rigidez da cobrança revela um estado de higiene deficitário das escolas rurais. Por outro lado, faz pensar nas dificuldades enfrentadas pelo professor para a preservação do ambiente escolar asseado.

Para a aplicação do exame final, professores que lecionavam em outras escolas rurais eram convocados para participarem da banca examinadora⁵⁰. “Os dias dos exames de cada escola já estão marcados, e peço que cada professor tome conhecimento dos dias em que tomarão parte da banca examinadora” (ASTORGA, 1961-1970, p.13v). A banca composta por três professores tinha a função de aplicar o exame, corrigir e registrar a nota no livro. À espera da banca examinadora, professor e alunos deveriam estar uniformizados e preparados para realizarem a prova final. Assim constam as instruções em uma ata:

Durante a realização das provas não deverão os professores perturbar o trabalho dos examinadores. O professor da classe deverá permanecer em pé, de preferência no fundo da sala, observando o exame. Poderá interferir no mesmo somente quando, a pedido do examinador. Tem o examinador, neste dia toda autoridade dentro da classe, podendo até determinar a retirada do professor, se este demonstrar deliberada intenção de perturbar a normal aplicação da prova (ASTORGA, 1961-1971, p. 34v).

O rigor das determinações trazia preocupação para professor e alunos. A possibilidade de não passar de ano deixava todos amedrontados. Assim lembra Maria José Malta:

Ah! A gente ficava preocupada, nossa! Com medo de não passar né? Que no final do ano não passou, aí reprova né? Mas graças a Deus nós nunca reprovou, nem eu nem meus irmãos, nem ninguém lá da escola. Ela ensinava muito bem pra gente, tinha muita paciência pra ensinar e a gente nunca reprovou.

O medo da avaliação era um sentimento presente na memória da ex-aluna. O fato de a professora ensinar bem, no seu conceito e de haver um período de revisão dos conteúdos, - conforme consta nos documentos analisados o aviso “Nesse mês o professor não precisa fazer diário, pois suas aulas serão revisão das passadas” (ASTORGA, 1966, p. 49) -, não afastava o medo provocado por aquele ritual de avaliação. Por outro lado, havia também a preocupação, ou melhor, o medo do professor, tendo em vista que sua eficiência não era medida apenas pelo cumprimento das obrigações, mas também pelo rendimento de seus alunos. Vejamos:

⁵⁰ Ver em anexo a relação dos professores convocados para compor a banca examinadora.

Avisamos aos senhores professores que no final do ano letivo a professora que não tiver a aprovação mínima de 70% dos alunos matriculados a mesma será excluída do quadro de professores (ASTORGA, 1961-1970, p. 93).

A aprovação mínima de 70% dos alunos era o principal critério de avaliação da eficiência do professor, uma vez que o descumprimento desta prerrogativa poderia significar a sua demissão.

Uma ex-aluna lembra que, na antiga casa escolar, a banca examinadora era composta por professoras que ela nem se recorda. Mas, na nova escola a depoente recorda que uma das aplicadoras era a ex inspetora Maria José Lopes, que ficou em volta dos alunos indagando, questionando e fazendo perguntas sobre os exercícios da prova. Recorda a aluna Maria José, inconformada com a situação que vivenciou.

Que ela falava: “oh, meninos vocês pensem bem, é uma coisa comum, tirando cinco de seis só pode ficar?”. E eu ficava “como pode ficar? Como pode ficar?” Mais mesmo, quebrei a cabeça pra por a resposta naquela prova lá viu.

Conforme orientação da Inspeção de ensino, o professor não poderia interferir na aplicação do exame. A ex-professora, D. Orendina, lembra desse período e relata que havia um bom relacionamento entre ela e os professores da banca examinadora. Uns colaboravam com os outros. Quando a banca vinha na sua escola aplicar o exame, ela ficava na sala, parada, observando e neutra. Ela, como professora líder e responsável pela escola e pela turma, conhecia cada um de seus alunos, mas mesmo assim não poderia interferir na dinâmica posta. Mais ou menos aflitos todos seriam avaliados da mesma maneira.

Após a aplicação do exame era preparado, pelo professor da escola, o almoço ou lanche para os membros da banca, que passavam o dia todo na escola fazendo a escrituração das notas no livro de presença, uma vez que eram responsáveis pelo lançamento das notas e por qualquer irregularidade que houvesse. Assim:

Os boletins deverão estar todos em ordem. Todo aluno que entra em prova, tem que ter seu boletim. Organize toda escrituração, não somente na execução, mas na organização. Encape, capriche, e encerre corretamente seus livros. Preste atenção ao fazer o diário.

Não rabisquem, não escrevam a lápis. Com ordem é que conseguirão elevar o progresso na aprendizagem (ASTORGA, 1961, p.48).

A exigência em relação ao cumprimento do horário de aula, a elaboração de planejamento, ao preenchimento do diário de classe revela, por um lado, que tais comportamentos foram forjados, tanto nos alunos como nos professores. Por outro lado, revela a dificuldade da Inspeção de Ensino em controlar o trabalho realizado nas escolas isoladas, tendo em vista a sua distância da sede administrativa. A premiação, instituída para o professor que atendia ao padrão de eficiência exigido, indica a estratégia da Inspeção para ter seus objetivos alcançados.

Em relato, o professor Sebastião expõe que o exame final para todos os alunos deixou de ser aplicado, visto que à medida que alcançassem uma média mínima nas provas bimestrais eram dispensados de realizarem o exame final.

Não aí não precisava, porque alcançava a média, e eu não tô lembrado no momento né, mas parece que era quem tivesse 6, nota 6 né, já, até o final do ano já passava direto. Então com a notinha, por exemplo, nota vermelha já existia, quando tinha essa nota mais fraca, então tinha que recuperar esse aluno até a prova, né, até a prova, o exame final.

Os dois processos formais de avaliação apresentados permite refletir sobre as relações entre a Inspeção de Ensino e os professores. Percebe-se que ao elaborar as provas bimestrais controlariam a aplicação dos conteúdos estipulados. Os professores não teriam alternativa de trabalho a não ser o programa ofertado, por outro lado, o exame final apresentava dupla função: avaliar o aluno, medindo seu conhecimento e aferir o potencial do professor. De acordo com o professor, ao atribuir médias mínimas, garantia um melhor aproveitamento do conteúdo e das notas obtidas, desobrigando o aluno do exame final. Deixar de enfrentar a avaliação ao fim da 4º ano foi de certo modo um alívio para os alunos e professores. O medo, a angústia e tensão eram sentimentos que permeavam o período de aplicação das provas.

5.6 Percursos da Profissão Docente

Senhor!

Tu que ensinastes,
Perdoa se eu ensino,
Se eu levo o nome de mestre
que levaste na terra.
Concede-me o amor único
de minha escola,
que nem o sortilégio da beleza
seja capaz de roubar-lhe
minha ternura de todos os dias.

Gabriela Mistral.⁵¹

Nas escolas rurais, o professor era responsável por todas as ações no espaço de seu domínio, sendo que ele executava ao mesmo tempo múltiplas funções, não tendo alguém que o substituísse. A ele era dada a responsabilidade de fazer todas as tarefas: limpar e organizar a sala, selecionar e cuidar dos materiais, preparar os alimentos, além de ensinar a ler, escrever e calcular. Os alunos e o prédio escolar ficavam sob sua responsabilidade.

O comportamento esperado do professor transitava entre os cuidados de asseio com as salas de aula e pátio da escola e o de mestre. Aquele que deve orientar e estar sempre junto ao seu aluno. Os deveres dos professores, assim como o bom comportamento, eram expressos mensalmente em cada reunião pedagógica.

A Escola deve ser considerada como um templo, onde a fé se renova e a vida se aperfeiçoa. Compete somente ao professor que oriente e peça auxílio aos pais de seus alunos e alunas que o ajudem a ter uma escola que toda criança merece ter [...] [...] Porque o professor não a conserva? A escola é o reflexo de cada professor, de sua casa, e como trata os seus [...] [...] queremos salas limpas, organizadas e pátios cuidados. Só não consegue o que não quer realizar. Queremos bons mestres e o mestre bom é completo, cuida completamente da escola e não acha dificuldade em nada (ASTORGA, 1961-1970, p. 59).

⁵¹ A oração foi retirada do convite de formatura da primeira turma do Projeto Logos II, realizado em 1979 no município de Astorga.

Nos depoimentos das ex-alunas Maria José Malta e de Sueli Malta Perugini percebe-se que os alunos auxiliavam o professor em seus afazeres. Essa prática se manteve tanto na década de 1960 quanto na década de 1970, períodos vividos pelas irmãs. Assim relata Maria José:

[...] ela fazia cada um limpar sua carteira, que sentava de dois em dois, então acho que cada um limpava, aqueles dois que sentava, limpava. Eu lembro que a gente limpava embaixo, onde que ia colocar os livros, então, cada um limpava sua carteira. E varre, a gente ajudava ela varre também [...].

E continua Sueli:

[...] a respeito da merenda, ele instruía, como eu mesmo estava na quarta série [...], [...] ajudava a fazer a merenda, a sopa, ele instruía a gente, ele explicava tudo certinho.

[...] a gente chegava um pouquinho mais cedo e cada um de nós, ele pedia pra levar legumes, um levava batatinha, outro levava mandioca, até eu lembro, eu levava muito cará, tinha muito cará, eu gostava muito, eu levava cará. Aí a gente chegava lá um pouquinho mais cedo, ele pedia pra gente ir mais cedo pra poder preparar, pra cascar, picar, quando a gente era maiorzinha, a gente já sabia fazer isso né. Então a gente chegava e deixava tudo picadinho, repolho, couve, sabe, fazia tudo num balde enorme. [...] deixava tudo preparado, tudo preparadinho dentro do balde, aí quando faltava, tipo assim uma meia hora pra merenda, talvez ele mesmo ia lá e acendia o fogo e ponzava cozinhar. Aí de vez em quando um ia lá dar uma mexidinha (risos) Era muito gostoso. Era assim, mas sempre teve a merenda, quando não era sopa era leite em pó. Ele explicava né, orientava a gente.

Quando a escola ainda não possuía um fogão, a merenda era pré-preparada pela professora. No dia em que serviria sopa, por exemplo, fazia em sua casa, deixava secar bem para ficar mais leve. A distância a ser percorrida era de aproximadamente dois quilômetros, ela se revezava com os alunos maiores para carregar o caldeirão com a merenda. No local, no horário do recreio, uma vizinha próxima oferecia água fervendo para acrescentar no caldeirão de sopa tornando-a caldosa. Para a preparação do leite o processo era semelhante, misturava ao leite em pó a água quente e servia aos alunos. Os estudantes por sua vez, traziam consigo bolacha e pão para acompanhar a bebida quente.

Nos finais de semana, para a limpeza da sala, professores e alunos combinavam e meninas e meninos maiores se revezavam. Segundo o depoimento dos professores as crianças auxiliavam na limpeza da escola, no sábado. O dia em

que tinha aula, houve um período em que havia aulas no sábado, a professora lecionava até o horário do intervalo e depois reunia os alunos, escolhia as meninas e meninos grandes para ajudarem. As meninas ajudavam na lavagem da escola e os meninos carpiam em volta dela e puxavam a água da cisterna. Era necessário lavar, jogar água para retirar toda poeira ou barro acumulado durante a semana.

Nos documentos analisados encontramos registros sobre a importância de o professor manter a escola em bom estado e se responsabilizar pela merenda, “Não descuidem da merenda, façam-na diariamente seguindo as orientações da orientadora da merenda” (ASTORGA, 1961-1970, p. 45). Conscientes, os professores sabiam que não havia outra pessoa designada para auxiliá-lo. No depoimento da professora Orendina é revelado à multiplicidade de funções que ocupava em prol do bem estar de seus alunos. Assim diz ela:

Olha, eu era a professora, era servente, era muitas vezes enfermeira, era assim, psicóloga muitas vezes. (risos). Psicóloga analfabeta, (risos) que beleza! Mas a gente, como se diz, fez tudo o que podia, tinha umas meninas que desmaiava na escola, eu acho que mal alimentada, né. Na parte da manhã e eu tinha que cuidar delas, ai eu perguntei para o Dr. Arlos, como que eu fazia, ai ele me ensinou, não põe de costa não, deita no seu colo de bruço e vai conversando que elas voltam. Isso ai ele explicou a causa né. Foram várias vezes. E sangramento do nariz também né. Como isso acontecia. Muito calor, vinha de longe e ficava ainda pulando, brincando né (risos). Mas não teve problema nenhum não.

Sem formação adequada, os professores à medida do possível acatavam as determinações da Inspeção de Ensino. A exaltação de comportamentos desejados se fazia durante os encontros mensais. Contudo, percebemos que nem todo o professor cumpria o que era solicitado. Julia (2001, p. 24) observa essa situação, “[...] medem prudentemente seus atos em seu campo de atuação, distinguindo muito bem o possível do desejável”. O isolamento dificultava o controle das ações dos professores e dos alunos pela inspeção de ensino. Professor e alunos equacionavam as problemáticas diárias na coletividade. Em relação ao não cumprimento das regras a ex inspetora auxiliar D. Maria José Lopes relata que “[...] não era muito fácil dos professores seguirem normas”.

Reclamações foram registradas pela equipe da inspeção, após visita nas escolas. As exigências decorriam de denúncias dos pais e da comunidade local.

Segundo a ex-inspetora, os pais procuravam-na para informar, em especial, sobre as faltas do professor.

Esta inspetoria planeja visitas escolares, e quer ter a satisfação de encontrar seu corpo docente trabalhando de maneira eficiente. Horário corretamente obedecido, planejamento das aulas, que façam o diário, professores e alunos uniformizados. Escola limpa, pátio limpo denota ponto favorável para que o professor vá classificando-se para o prêmio que será oferecido ao final do ano (ASTORGA, 1961-1970, p. 188).

A equipe da Inspetoria de ensino acompanhava o trabalho do professor de perto, por meio de visitas realizadas nas escolas rurais investigando seu trabalho. Contudo, esse trabalho era insuficiente para garantir o funcionamento ideal das escolas rurais.

Por outro lado, o depoimento das alunas exprime que a professora, também tinha compromisso com seus alunos. Em seu depoimento, Maria José Malta expõe que raramente a professora faltava, salvo os dias que não se sentia bem de saúde. Nesse caso, enviava alguma pessoa para dispensá-los e avisá-los sobre o motivo. Assim relata:

[...] talvez problema de saúde. [...] às vezes ela não tava boa, então ela não ia né, mas era poucas vezes. [...] Nós morava perto, ai ela avisava, mas já aconteceu da gente ir lá na escola né e ela não aparecer e depois ir mandar avisar na escola mesmo né, porque daí já avisava todos né? É, muitos morava longe, assim morava do outro lado da estrada. [...] então não tinha como ela ir na casa avisa[...] acho que o marido dela que ia lá avisa, falava que ela não podia ir, que ela não tava bem, mas foi poucas vezes.

Além dos imprevistos de saúde, nos dias de reunião na Inspetoria de Ensino, na cidade, os professores deixavam os alunos de sobreaviso e faltavam às aulas. A aluna Jandira relata que “[...] ela se ausentava porque ela vinha em reunião de professores aqui na cidade né, mas eu não sei quantas vezes que ela vinha, não lembro mais, se era uma vez por mês [...]”. Segundo o depoimento da professora Orendina, era ordem da Inspetoria de Ensino dispensar os alunos em dias de reuniões.

A obrigatoriedade de frequência do professor é relatada nas atas de reuniões do Livro de Avisos das Escolas Rurais do dia 24 de maio de 1961, a inspetora

auxiliar lembra a todos os professores da obrigatoriedade de presença, caso contrário, seriam punidos com "três faltas" (ASTORGA, 1961, p. 4). Desta forma, não haveria outra tomada de decisão por parte do professor, senão a de dispensar os alunos.

A condição de professor leigo e a falta de preparo para o magistério é relatado pela ex-inspetora de ensino do município. Segundo ela, nas primeiras décadas da colonização, nos anos de 1950, de 1960 e de 1970, o ingresso na carreira pública do magistério ocorria por meio de convites informais ou por influência política. As pessoas convidadas tinham, geralmente, um grau maior de instrução, mas não passava da formação do antigo ginásial. Em alguns casos, o próprio professor indicava um parente, que morava perto do local, e assim foi se constituindo o quadro funcional das escolas rurais com professores leigos.

Apesar da lei 4024/1961 exigir em seu artigo 52 que "O ensino normal tem por fim a formação de professores, orientadores, supervisores e administradores escolares destinados ao ensino primário" (BRASIL, 1961), no artigo 116 da referida lei é exposto que se houver insuficiência de profissionais formados, os candidatos a professores do primário passará por exame de suficiência.

Enquanto não houver número suficiente de professores primários formados pelas escolas normais ou pelos institutos de educação e sempre que se registre esta falta, a habilitação ao exercício do magistério, a título precário e até que cesse a falta, será feita por meio de exame de suficiência [...] (BRASIL, 1961).

Sobre essa exigência consta na ata de reunião do dia 12 de agosto de 1964: "Os professores que ainda não prestaram exame de suficiência nesta inspetoria, deverão fazê-lo oportunamente cuja data será designada por esta inspetoria" (LAER, ASTORGA, 1964, p.21 v). O exame, portanto, seria a certificação de aptidão para lecionar nas séries iniciais.

Nesse sentido, para ser professor das escolas rurais bastava ter o 4º ano, saber ler, escrever e contar. Ensinando o que sabia aos seus alunos. É o que depôs a professora Maria Zélia, que iniciou a jornada de trabalho tendo apenas o quarto ano do antigo primário.

Então eu naquela época só tinha o primário, mas assim a gente, igual eu falei pra você, [...] nas reuniões pedagógicas, [...] eles

orientava muito a gente, a gente aprendia muita coisa naquelas reuniões. Tinha as professoras,[...] [...] orientavam muito, explicava. Qualquer dificuldade que as professoras achava, elas orientava, e ia seguindo assim.

Em busca de amenizar os problemas com a qualificação dos professores das escolas rurais, foram necessárias medidas a nível estadual e federal. Uma das ações paranaenses em que o município ingressou foi o programa oferecido pela CETEPAR. O programa foi uma das primeiras iniciativas para melhor capacitar e formar professores que atuavam nas escolas rurais do estado paranaense. De acordo com a matéria publicada na revista Astorga, 1979, o projeto tinha como objetivo desenvolver um trabalho de melhor qualidade nas salas multisseriadas. Guardadas em sua memória, o professor Sebastião recorda do curso que auxiliou nas turmas de alfabetização.

[...] teve um treinamento pros professores pra escola multisseriada né. Depois facilitou com esse treinamento porque pra alfabetização, então foi implantado o método da bola, né. Até esqueci o nome desse professor de Curitiba que implantou isso aqui. Então todas as escolas do Paraná essa época estava implantando esse, esse sistema da bola, e era bom a gente fazia o treinamento.

A mudança na legislação da educação das escolas rurais de Astorga foi impulsionada na década de 1980, causando modificações no âmbito da educação do meio rural. A exigência mínima para ministrar as aulas, fez surgir uma nova mentalidade em relação à formação necessária. A Lei 5.692/71 expõe em seu art. 30. “Exigir-se-à como formação mínima para o exercício do magistério de 1º grau, da 1ª a 4ª séries, habilitação específica de 2º grau” (BRASIL, 1971).

Para escapar da situação irregular, os professores deveriam ingressar em programas específicos para regularização do exercício de sua profissão. Como a maioria dos professores de 1ª a 4ª séries não possuía tal exigência, foi necessário que programas fossem criados pelo governo federal para atender a demanda. Tem-se registrado que em 1979, na cidade de Astorga, o Programa Logos II⁵² e titulóu

⁵² O Programa Logos II foi implantado em diversas cidades que apresentavam semelhante problemática. Seu intuito era de habilitar professores leigos e diminuir o déficit de docentes de 1º grau. O Logos II destaca-se dos demais cursos destinados aos professores leigos por utilizar a metodologia do ensino à distância — ajustando o processo ensino-aprendizagem às possibilidades do aluno e permitindo alcançar uma clientela maior — e pela "amplitude do curso tanto em termos de número de cursistas como de municípios atingidos (Em Aberto – Brasília, ano 2, nº 16, junho de 1983. Disponível em <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/2182/1451>.

vinte e seis professores, notícia comemorada pela administração pública sendo divulgada na revista “Astorga – 1979”.

Os professores leigos de nosso município, através do Projeto Logos II, aqui executado tiveram a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos e passaram da classe de professores leigos para classe de normalistas (ASTORGA, 1979).

Passar da classe de professor leigo para professor normalista representava melhorar a remuneração, assim diz o professor Sebastião: “[...] me sentia às vezes desinteressado, porque o salário aquele tempo tava muito fraquinho, (risos), é então quando fiz o Projeto Logos II, que já era como o magistério. [...] era pra [...] melhorar a remuneração”.

Dos três professores que atuaram na Escola Rural Água Astorga, o professor Sebastião Simão dos Santos recebeu o título de normalista por meio do Projeto Logos II em 1979. A professora Zélia, no curso de sua profissão, ingressou na Escola Normal recebendo o diploma de normalista.

Aquele que resolvesse não participar da formação exigida, seja o motivo qual fosse, poderia perder sua vaga, caso um professor legalizado se interessasse. A professora Orendina até iniciou o curso, mas por problemas de saúde acabou desistindo. Prosseguiu com sua profissão até o fim. Hoje, lamenta o título dado a seus esforços “Professor sem qualificação”. E complementa:

Aposentei como professora leiga. Me dói esse título. Agora além de leiga eles põem sem habilitação. Eu fazia o mesmo que as formadas fizeram, ganhando menos que elas por causa disso, e ainda toma esse palavrão [...] (risos).

Embora exercida a função e cumprido o tempo de contribuição, a professora Orendina demonstra descontentamento e indignação frente aos vencimentos e ao título adquirido por consequência da mudança de mentalidade dos profissionais da educação em virtude da exigência legal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscou-se investigar a história da educação rural do município de Astorga, entre o período de 1957 a 1980, priorizando as práticas escolares e seu cotidiano, com lócus de investigação a Escola Municipal Rural Água Astorga. Interessou-se por trazer à tona, sujeitos que produziram uma prática escolar e sua cultura no momento em que os Governos Federal, Estadual e Municipal efetivaram políticas de ampliação, criando escolas rurais, num primeiro momento, e num segundo de qualificação do corpo docente dessas escolas.

A construção de escolas, no meio rural, veio como resposta à demanda criada pelo desenvolvimento que o município de Astorga alcançou. A década de 1960 configurou-se na que mais se construiu escolas no meio rural de Astorga, totalizando 27 escolas do total de 35 existentes. De 1965 a 1968, 15 escolas rurais foram construídas, quase a metade do total na década, observando um avanço quantitativo para a educação do município.

O crescimento quantitativo de escolas deparou-se com outra problemática: a falta de profissionais com formação exigida por lei que era a formação profissional secundária da escola normal. A estratégia adotada foi a de designar pessoas com o maior grau de instrução local para lecionar nas escolas rurais. A prática chancelada pelo poder público para as referidas escolas, nesse período, foi a de que o sujeito que mais tivesse conhecimento poderia instruir aqueles com menor grau de instrução. Vale lembrar que esta prática não era novidade, já que nas comunidades e nas famílias se exercia um ensino não oficial, onde irmãos mais velhos ou sujeitos com maior grau de instrução ensinavam aos mais novos ou aos com menor grau de conhecimento, como atestam depoimento de ex-alunas.

No contexto rural, as escolas foram criadas espalhadas pelas comunidades e distante da cidade, longe do olhar disciplinador da Inspeção de Ensino. Nascidas como escolas isoladas na lei, ou seja, possuíam uma só turma de alunos, independente da série, entregue a um só docente. Não havia uma composição hierárquica no interior da escola rural, tendo uma multiplicidade de funções delegadas ao professor. Com o controle das matrículas e a formação de turmas seu ofício foi burocratizado, sobrecarregando-o com outras tarefas. Além de educar, se ocupava com o preparo da merenda, limpeza da escola e as tarefas administrativas.

Como estratégia, o professor delegava aos alunos responsabilidades e afazeres que o ajudavam a vencer a rotina. Observou-se que essa dinâmica se manteve ao longo do período estudado, mesmo com mudança legal, que visava uma melhoria na qualidade de ensino, permanecendo a multiplicidade de funções do professor. Por outro lado, percebeu-se que o sentimento de responsabilidade coletiva entre professores e alunos era despertado pelo fato de se ajudarem mutuamente nas dificuldades diárias do professor e também dos alunos.

O projeto educacional das escolas rurais de Astorga apresentava características advindas do cenário nacional, precárias escolas instaladas em casas, ambientes pouco adaptados para o funcionamento da prática educativa. Provisoriamente, a casa escolar Água Astorga foi instalada em uma parte de um casarão, moradia de um lado e escola de outro. Com as adversidades foi necessário melhorar as condições de ensino, a escola foi instalada em outro local, sendo que o projeto de construção apresentava uma preocupação com o bem estar dos sujeitos, atentando principalmente para proteção dos alunos e professor.

Via de regra, após a instalação das escolas rurais e contratação de professores, a organização escolar estava circunscrita nas orientações da Inspeção de Ensino do Município em reuniões mensais com os professores, que recebiam instruções gerais sobre a prática educativa e sobre as suas obrigações. Constantemente era chamada a atenção dos professores sobre a comemoração das datas cívicas, da aplicação das avaliações e exames, da higiene e organização do ambiente escolar.

Nestas orientações, observa-se uma exaltação às celebrações e, na maioria delas o objetivo era cultivar no aluno o amor e respeito à Pátria, sendo a escola responsável por despertar estes sentimentos.

Os documentos analisados deixam ver um descompasso entre comportamento exigido do professor e o que acontecia no ambiente escolar. Nas atas de reuniões eram frequentes as recomendações para que o professor cumprisse com suas obrigações de ensinar a ler, escrever e contar e cuidar da escola como se cuidava de sua casa. Apesar destas exigências, também se observa as reclamações da Inspeção devido à falta de asseio e de cuidado com o prédio escolar e suas dependências. Assim, embora se observassem estratégias do professor para cumprir com todas as suas obrigações, o descontentamento mostrado pela Inspeção de Ensino revela as dificuldades de se cumprirem, a gosto,

com todas as exigências. Sem apoio da Inspeção e variantes como a poeira, o barro, a vegetação que crescia o ambiente ficava com aspecto de descuido.

As práticas educativas executadas, no interior da escola e fora dela, ocorriam intercalando as atividades pedagógicas, o momento de pausa com ações realizadas pelos alunos e professor, as atividades extracurriculares incluindo pessoas inerentes ao processo educativo, além das programações interdisciplinares que ocorriam ao ar livre, estratégia para tornar o ensino mais dinâmico e prazeroso.

A responsabilidade com a verificação do conhecimento do aluno variava entre a aplicação de provas bimestrais e finais. Neste processo, é observada a fiscalização por parte da Inspeção de Ensino que acompanhava as provas bimestrais, rubricando-as uma a uma e aplicava as provas finais, além de fazer a sua correção e lançamento das notas no livro de registros. Este trabalho contava com o auxílio de uma banca, organizada pela Inspeção por meio de rodízio entre os professores. Uma estratégia utilizada como forma de manter o controle sobre a aprendizagem.

Com a promulgação da Lei 5692/71, passou a vigorar a exigência mínima para exercer o magistério de 1ª a 4ª série do Ensino de 1º grau. Nesse sentido, na década de 1970 observa-se a preocupação de que os professores realizem a formação na Escola Normal para legalizarem a situação. No caso das escolas rurais de Astorga, a implantação da referida lei ocorreu na década de 1980, com o chamado Plano de Implantação da Lei de 1971. Contudo, anterior a este Plano, ações estavam sendo pensadas em nível nacional, como o Programa Logos II criado para regularizar a situação dos professores leigos, habilitando-os ao magistério e elevando-os à categoria de professor normalista. A formação era oferecida à distância e cada um poderia adequar seu estudo com o tempo disponível. Em 1979, o município de Astorga formou 26 professores pelo Programa Logos II.

Participar da capacitação representava regularizar a situação legalmente, elevando a qualidade de ensino e, além disso, os professores serem beneficiados com o aumento dos seus vencimentos. Por meio dos documentos, percebeu-se que o professor ao recorrer à formação, abraçaria junto a ela, as adversidades como a distância, a falta de estrutura e transporte. Decisão adiada por alguns e por outros não concretizados. Este fato gerou um sentimento de injustiça por parte daqueles que não realizaram sua qualificação, como atesta Dona Orendina, ao lembrar que

realizava as mesmas atividades recebendo menos e sem o status do professor qualificado.

Uma melhor formação não foi acompanhada por mudanças na estrutura de funcionamento das escolas isoladas. Os professores permaneciam exercendo sua profissão nos mesmos locais afastados e precários, realizando múltiplas funções como: merendeiro, zelador, secretário e diretor. Assim, cumprir com o que a lei exigia, não trouxe modificações na prática da organização escolar. Em relação à prática docente as fontes não permitiram observar alterações, o que requereria novas investigações.

As atividades educativas na Escola Rural Água Astorga se encerraram no ano de 1994, resultante da falta de demanda a escola foi demolida, pois a maioria das novas famílias que se formaram se mudaram para a cidade em busca de melhores condições de vida e de educação. Foram 33 anos dedicados a prática educativa dessa comunidade.

REFERÊNCIAS

FONTES

ASTORGA. Livro de registro de frequência. Astorga: Departamento de Educação, 1949.

ASTORGA. Livro de registro de frequência. Astorga: Departamento de Educação, 1960.

ASTORGA. Livro de registro de frequência. Astorga: Departamento de Educação, 1965.

ASTORGA. Livro de registro de frequência. Astorga: Departamento de Educação, 1968.

ASTORGA. Livro de Avisos Escolas Rurais. Departamento de Educação, 1960-1970.

ASTORGA. Livro Ata de Reunião da Associação de Pais e Professores da Escola Rural Sória São Bento, 1974-1980.

ASTORGA. Revista do município. Astorga: Departamento de Educação, 1979.

ASTORGA. Decreto Lei nº. 1/80, criação das escolas municipais rurais do município de Astorga. Astorga: Departamento de Educação, 1980a.

ASTORGA. Implantação da Lei nº. 5.692/71. Escola Municipal Rural Água Astorga. Astorga: Departamento de Educação, 1980b.

ASTORGA. Municípios: sua história & sua gente. Astorga: Departamento de Educação, 1980c.

ASTORGA. Carta escrita pelo engenheiro chefe da Companhia Melhoramentos. Departamento Municipal de Cultura, 1980d.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. A educação rural como processo civilizador. IN: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs). **Histórias e memórias da Educação no Brasil**. Vol. III: Século XX, Petrópolis, R.J.: Vozes, 2005.

AZEVEDO, Fernando de. **A educação e seus problemas**. São Paulo: Melhoramentos, 1953.

BENCOSTTA, Marcus Levy. Memória e cultura escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. **História**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 397-411, jan./jun. 2011.

BEZERRA NETO, Luiz. **Avanços e retrocessos da educação rural no Brasil**. 2003. 233 f. Tese (Doutorado em História, Filosofia e Educação) - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2003.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 16 de julho de 1934)** . Brasília, DF: Casa Civil, 1934. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 19 fev. 2014.

_____. Presidência da República. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil (de 10 de novembro de 1937)**. Leis Constitucionais. Brasília, DF: Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm. Acesso em: 24 ago. 2014.

_____. Presidência da República. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil (de 18 de setembro de 1946)**. Emendas Constitucionais, Atos Complementares e Atos Institucionais. Brasília, DF: Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1946a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm. Acesso em: 24 ago. 2014.

_____. Legislação Informatizada. **Decreto-Lei nº. 8.529, de 2 de janeiro de 1946 – Publicação Original**. Lei Orgânica do Ensino Primário. Brasília, DF: Lei Orgânica do Ensino Primário, 1946b. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decrei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 24 ago. 2014.

_____. Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 (de 20 de dezembro de 1961)**. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm. . Acesso em 15/01/2015.

_____. Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (de 11 de agosto de 1971)**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em: 05 de out. 2014.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p. 149-164.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. **Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v.30, n. 1, p. 139-159, jan/abr. 2000.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos Pardieiros aos Palácios: Cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo: UPF, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro, PP. 314-332.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Municípios paranaenses : origens e significados de seus nomes**. Curitiba : Secretaria de Estado da Cultura, 2006. 342p. Disponível em: http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/File/Produtos_DGEO/DivisasMunicipais/Origens_Significados_nomes_municipios_pr.pdf>. Acesso em 20/01/2015.

FERRON, José Atamir da Luz. **A construção do imaginário anticomunista em Passo Fundo: o olhar sobre o final da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria. 2008**. 108 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2008. Disponível em: <<https://secure.upf.br/pdf/2008JoseAltemirDaLuzFerron.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2014.

IBGE, **Sinopse do Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8>. Acesso em 22 de fevereiro de 2015.

JULIA, Dominique, **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas: Autores Associados, v. 1, n. 1, ano 1, 2001.

JOUTARD, Philippe, Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes at all (orgs). **História oral: Desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz/ Casa Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2ª Ed.rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Unicamp, 1990. 2003.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARINHO, Ernandes Reis. **Um olhar sobre a educação rural brasileira**. Brasília, DF: Universal, 2008.

MENDES, Marciane Maria. **A escola do campo e seu significado: o ponto de vista de professores e professoras da rede estadual de educação do Paraná**. 2009. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2009.

PARANÁ, **Mensagem apresentada a Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura pelo Senhor Bento Munhoz da Rocha Neto, Governador do Paraná**. Curitiba, Pr., 1951.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação do Campo**. Curitiba: SEED, 2006. Disponível em: <<http://www.educa>

dores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/diretriz_edcampo.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2014.

_____. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento da de Ensino Fundamental. **Educação do Campo: cadernos temáticos**. Curitiba: SEED, 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/caderno_tematico_campo01.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2014.

PASSADOR, Cláudia Souza. **A educação rural no Brasil: o caso da escola do campo no Paraná**. São Paulo: Annablume, 2006.

PAULA, Adalberto Penha de. **Educação do campo: desafios para implementação de uma política educacional das escolas do campo**. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ROSSI, Ednéia Regina. **“Insuladas tribos: a escola primária e a forma de socialização escolar**. São Paulo (1912-1920)”. 2003.165 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, 2003.

SCHELBAUER, A. R. **Da roça para a escola: institucionalização e expansão das escolas primárias rurais no Paraná (1930-1960)**. História da Educação, Dossiê da Revista de História da Educação do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: RS, v. 18, p. 71-91, maio/agosto, 2014.

SCHELBAUER, A. R.; GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Ensino primário no meio rural paranaense: em foco as Escolas de Trabalhadores Rurais e de Pescadores entre as décadas de 30 e 50 do século XX**. Cadernos de História da Educação, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: MG Impresso, v. 12, p. 83-108, 2013.

VENDRAMINI, Célia Regina. **Educação e trabalho: Reflexões em torno dos movimentos sociais do campo**. Cad. Cedes, Campinas, v. 27, n. 12, p. 121-135, maio/ago. 2007.

SITES PESQUISADOS

ASTORGA. Paraná. PR. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/astorga.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tendências Demográficas: uma análise dos resultados da amostra do Censo Demográfico 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tendencias_demograficas/comentarios.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2014.

ANEXOS

ANEXO A: ESCALAÇÃO DAS BANCAS EXAMINADORAS DAS ESCOLAS RURAIS DE ASTORGA, 1962.

				Residentes:
	1	27	Água Férreas Ibaís	M. Arrunção Halila Quiomar Tadra
	2	27	Água Fortaleza	Onégia Trevisan Quiomar Tadra
municipal	3	27	Escola Km. 88	Nelly Gonçalves Eunice Machado
	4	28	Placa Santa Clara	Maria José de Souza Georgete Nassar
	5	28	Escola Gleba Paranaíba	Olindo Silbaldeli Eunice Machado
	6	28	Escola Gleba Paranaíba	Alfadir dos Santos Quiomar Tadra
	7	28	Escola da Sória Xinguí	Clotilde Glisak Ney M. da Gripp
	8	29	Escola de Santa Félix	Lilá Lino Krzesniski Quiomar Tadra
	9	29	Escola Faz. Itaipui	Judith Lamargo F. Ney C. Gripp
	10	29	Escola Faz. Balarotti	Alzira Setuko Avare Ney C. Gripp
municipal	11	29	Escola Faz. Zanin	Fátima Laconcelia José Magnente
	12	30	Escola Santa Galo	José Magnente Quiomar Tadra
municipal	13	30	Escola Água da Sória	José Joaquim de Lima Georgete Toledo
	14	30	Escola de Guarujá	Alfredo Rodrigues Eunice Machado
	15	30	Escola da Granada	Fernande Tristão Lilá Lino
	16	30	Escola Sória Medina	Maria José Picoli Ney da Costa G.
	17	1	Escola do Barro Preto	Olga Pinto Quiomar Tadra
	18	1	Escola Água do Jara	Luzia Pereira Ney da C. Gripp
	19	1	Escola da Água Verde	Aparicio Polícarpio Georgete Toledo
	20	1	Escola Placa. Valaranaga	Noemia Podanowski Eunice Machado
municipal	21	4	Escola do Xinguí	M. Leonilde Sencela Eunice Machado
	22	4	Escola da Água Preta	Mercedes Mocci Georgete Toledo
	23	4	Escola Santa Galo	José Magnente Quiomar Tadra
	24	4	Escola São Manuel	Clarice Olivato José Magnente
municipal	25	5	Faz. São José	Tracy Romeiro D. Eunice Machado
	26	5	Água Astorça	Orendina E. de Deus Quiomar Tadra
	27	5	Água Mirandeira	Geny Ferreira Georgete Toledo
	28	5	Água Aurora	Luis Vilani Lilá Lino
municipal	29	6	Faz. Santa Teresinha	Maria Amália Eunice Machado
	30	6	Escola Sória Medina	Alfredo Rodrigues Quiomar Tadra
	31		Escola Água Jaboticabal	Georgete N. Toledo

ANEXO B: DECRETO DE CRIAÇÃO DAS ESCOLAS RURAIS DE ASTORGA, 1980.



SECRETARIA
OFÍCIO N.º

PREFEITURA MUNICIPAL DE ASTORGA

ESTADO DO PARANÁ

EM

DECRETO Nº 001/80

O PREFEITO MUNICIPAL DE ASTORGA, ESTADO DO PARANÁ,
no uso das atribuições que lhes são conferidas por
Lei;

CONSIDERANDO que o Município de Astorga, construiu, mantém e /
funciona diversas escolas rurais;

CONSIDERANDO que não existe decreto de suas instalações;

CONSIDERANDO que se faz necessário regularizar a situação;

DECRETA

Artº. 1º - Fica criada as escolas Rurais do Município de Astorga, já em funcionamento, a saber: Escola Rural Água Astorga, Escola Rural Duque de Caxias, Escola Rural Olavo Bilac, Escola Rural Água dos Driades, Escola Rural Fortaleza, Escola Rural Água Mirandeira, Escola Rural Noitibó, Escola Rural Tocina, Escola Rural Boiadeira, Escola Rural Bolzon, Escola Rural Santa Josefina, Escola Rural Ermelindo Lopes Barroso, Escola Rural Guaraní, Escola Rural Guarujá, Escola Rural Itaipu, Escola Rural D. João VI, Escola Rural Mirandeira, Escola Rural Butiá, Escola Rural D. Pedro II, Escola Rural Santa Clara, Escola Rural Santa Izabel, Escola Rural Santa Teresinha, Escola Rural São José, Escola Rural Serrinha, Escola Rural Sete de Setembro, Escola Rural Sória Medina, Escola Rural Sória Xingu, Escola Rural Spinelli, Escola Rural Xingu Fazenda, Escola Rural KM 88.

Continua...



SECRETARIA
OFÍCIO N.º

PREFEITURA MUNICIPAL DE ASTORGA

ESTADO DO PARANÁ

RM.

DECRETO Nº 001/80

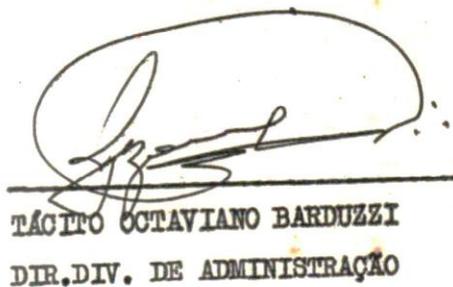
Continuação...

Artº. 2º - Este Decreto entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, em (07) sete de Janeiro de mil novecentos e oitenta.



EGIDIO PRETE
PREFEITO MUNICIPAL



TÁCITO OCTAVIANO BARDUZZI
DIR. DIV. DE ADMINISTRAÇÃO

ANEXO C: OFÍCIO DE ENCAMINHAMENTO DO PLANO DE IMPLANTAÇÃO DA
LEI 5692/71.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO ~~SECRETARIA DE ESTADO~~
DA EDUCAÇÃO

Nome da Escola Escola Rural Água Asterga 06276
 Localidade/Distrito Água Asterga Asterga
 Município

PROTOCOLO

OFÍCIO Nº 01/80

Localidade/Distrito Água Asterga 07. de Janeiro de 19.80.

SENHOR SECRETÁRIO :

Através deste, passamos às mãos de Vossa Excelência o PLANO DE IMPLANTAÇÃO DA LEI 5692/71 - ENSINO DE 1º GRAU, da Escola Ru...
ral... Água Asterga para fins de Autorização de Funcionamento.

Na oportunidade, reiteramos a Vossa Excelência nossos protes-
tos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Manoel José Gomes
Diretor ou Responsável pela Escola

EXMO. SR.
DR. EDSON MACHADO DE SOUSA
M.D. SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SEED/PR

ANEXO D: LIVRO DE REGISTRO MODELO III DA PRIMEIRA ESCOLA RURAL DE ASTORGA.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL



REGISTRO ESCOLAR
(MODELO III)

(Município)

MATRÍCULA, FREQUÊNCIA DIÁRIA E APARELHAMENTO ESCOLAR

Escola Singular (Nome): *Escola Estadual de Assorinda*

Rua e número: Cidade, vila ou localidade: *Assorinda*

Distrito judiciário-administrativo:

(Unidade da Federação)

ÍNDICE

1. Instruções.....	fls. 3
2. Indicador das principais profissões dos pais dos alunos.....	» 5
3. Registro da matrícula.....	» 9-27
4. Frequência diária.....	» 29-64
5. Aparelhamento escolar.....	» 65-69
6. Faltas em branco.....	» 70-78

Serviço Gráfico do I.B.O.E. — 7932

ANEXO F: CERTIFICADO DE CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE PROFESSORES PARA IMPLANTAÇÃO DE ENSINO DE 1º GRAU-DISTRITOS E ZONA RURAL.

ESTADO DO PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
CENTRO DE TREINAMENTO DO MAGISTÉRIO DO ESTADO DO PARANÁ
PROFESSOR GASPAR DUARTE VELLOSO
CETEPAR

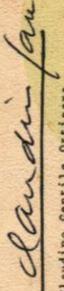


CERTIFICADO

O Centro de Treinamento do Magistério do Estado do Paraná "Professor Gaspar Duarte Velloso", certifica que JOSÉ JOAQUIM DE LIMA ----- participou do CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE PROFESSORES PARA A IMPLANTAÇÃO DO ENSINO DE 1º GRAU - DISTRITOS E ZONA RURAL, autorizado pelo Senhor Secretário de Estado da Educação - Resolução nº 04/79 - realizado no período de março a agosto de 1.979, com duração de 120 horas, no município de ASTORGA, obtendo 100 % de frequência e MB (Muito Bom) de aproveitamento.

Curitiba, 14 de março de 1 980.


 Roldão Roda
 Diretor Executivo


 Claudino Gentile Ortigara
 Gerente de Treinamento

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO CURSO

Nº de horas/aula: 120

Conteúdos:

1. ALFABETIZAÇÃO

- 1.1. Período preparatório
- 1.2. Princípios e técnicas de alfabetização:
 - . Recomendações básicas
 - . Exigências referentes à leitura e escrita para promoção na 1.ª série
 - . O ensino inicial da leitura
 - . Passos essenciais do método de alfabetização do Professor Erasmo Pilotto
 - . Adequação da técnica aos documentação

2. ATIVIDADES DE 1.ª A 4.ª SÉRIES

2.1. Matemática

- . Sistema de numeração decimal
 - . As quatro operações fundamentais
 - . Número fracionário e decimal
 - . Sistema legal de unidade de medidas
- 2.2. Comunicação e Expressão (2.ª, 3.ª e 4.ª séries)

- . Expressão oral
- . Leitura oral
- . Estudo da mensagem lida
- . Hábitos e habilidades de escrita
- . Expressão escrita
- . Ortografia
- . Gramática

2.3. Integração Social

- . Teoria das relações
- . A comunidade familiar
- . A comunidade escolar
- . A localidade ou distrito
- . O município

2.4. Ciências

- . Higiene
- . Agricultura
- . Alimentação

3. DIDÁTICA NA SALA DE AULA

- . Quadro referencial da tarefa educativa
- . Técnicas de ensino
- . Análise de situações-problema a nível de sala de aula

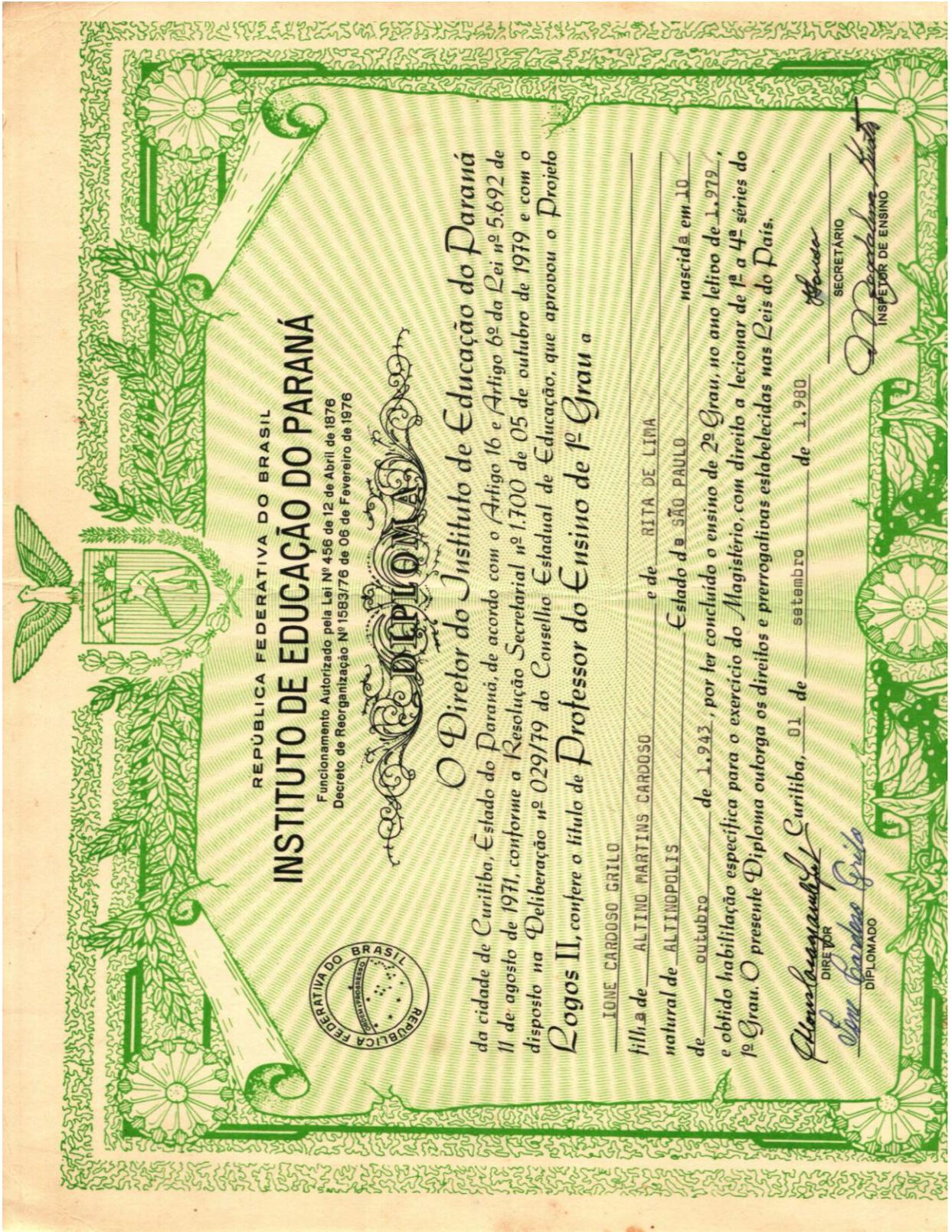
4. ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO ENSINO DE 1.º GRAU

- . Sistema de avaliação do rendimento escolar
- . Documentação escolar

REGISTRO NO CETEPAR	
Número	17414
Livro nº	10-2
Página nº	1
Em	28/09/80
..... Resp. pelo Registro	

CETEPAR - Rua Salvador de Ferrante,
1651 - Boqueirão - Fone: 276-5281
80.000 - Curitiba - Paraná

ANEXO G: DIPLOMA DO PROJETO LOGOS II QUE CONFERE O TÍTULO DE PROFESSOR DE ENSINO DE 1º GRAU.



<p>Nome do aluno IONE CARDOSO GRILO</p> <p>Curso Anterior: Projeto LOGOS II - Del. 029/79 DO CEE-PR.</p> <p>Órgão Executor: CETEPAR</p> <p>Local: Curitiba - Pr.</p>		<p>Período de agosto de 1.976 a dezembro de 1.979</p>	
<p>Nome do aluno IONE CARDOSO GRILO</p> <p>Curso Anterior: Projeto LOGOS II - Del. 029/79 DO CEE-PR.</p> <p>Órgão Executor: CETEPAR</p> <p>Local: Curitiba - Pr.</p>		<p>Período de agosto de 1.976 a dezembro de 1.979</p>	
MATÉRIA	DISCIPLINA	HORAS	NOTA
Comunicação e Expressão	Língua Portuguesa	125	87,60
	Educação Artística	50	91,00
Expressão	Educação Física	10	90,00
	Língua Estrangeira Moderna	60	95,33
	Literatura Brasileira	200	89,50
Estudos Sociais	Geografia	40	83,00
	História	40	80,00
	OSPB	10	95,00
Ciências	Educação Moral e Cívica	10	90,00
	Matemática	120	89,00
	Ciências Físicas e Biológicas	115	94,33
Fundamentos da Educação	Programa de Saúde	60	86,66
	Filosofia da Educação	100	90,00
	História da Educação	100	91,33
	Psicologia Educacional	60	89,75
	Biologia Educacional	40	82,00
Estrutura e Funcionamento do Ensino	Sociologia Educacional	100	92,00
	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau	200	91,00
	Currículo de 1º Grau	40	100,00
	Didática Geral	200	90,00
	Didática da Linguagem	100	88,12
Didática	Didática da Educação Artística	100	91,25
	Didática dos Estudos Sociais	100	91,50
	Didática da Matemática	100	94,62
	Didática das Ciências	100	96,62
	Didática da Educação Física	50	93,00
Estudos Complementares	Recreação e Jogos	100	94,50
	Preparação do Material Didático	40	95,00
	Prática de Ensino e Estágio Supervisionado	524	88,00
	Regência de Classe	1120	
	Informações Pedagógicas Orientação Educacional	100	90,50
TOTAL DA CARGA HORÁRIA:		60	89,33
		4	174

Espaço reservado ao Órgão da SEED

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
 Coordenação de Documentação Educacional

O presente Diploma é autêntico e a Vida Especial do Diplomado está em ordem.

Curitiba, 06/03/81

Amadeu
 Chefe da C. D. E.

Faculdade de Educação Física
 do Norte do Paraná

APOSTILA

Estudos Adicionais, de cursos de magistério de 2º grau, Artigo 30 da Lei 5692/71, conforme termos do Parecer 4471/75 do C. F. E., Decreto Federal nº 77.197/78 e Resolução nº 2.544/82 da S.E.E.D. do Paraná, tendo em vista a sua aprovação nas disciplinas do "Curso de Professor de 1º Grau Especializado em Educação Física Infantil", com um total de 765 horas aula e Estágio supervisionado de 200 horas, para no ano de 1982.

Curitiba, 06/03/81

Marco Antonio Laffranchi
 Diretor Geral

OBSERVAÇÕES

A carga horária mínima de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado é de 500 horas.

A carga horária mínima de Regência de Classe é de 1.120 horas.

Espaço reservado ao Órgão do MEC

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
 DELEGACIA NO PARANÁ

Título: *Prof. de 1º grau*

Diploma Registrado sob n.º *104.415*

Curso *174* Fts *27* Prec. D nº *722/81*

Curitiba, *17* / *03* / *81*

Registra o pro: *Amadeu*

Visto: *Região da Sul*
 DIRETOR DE REGISTRO

Espaço reservado ao Órgão fiscalizador da Profissão

APÊNDICES

APÊNDICE A

Transcrição da entrevista com a prof.^a Orendina Carolina de Deus

Boa tarde hoje nós faremos uma entrevista com a professora Orendina Carolina de Deus

Entrevistador: Boa tarde prof^a Orendina.

Entrevistado: Boa tarde.

Entrevistador: D. Orendina eu fui fazer uma entrevista com a professora Zélia e o prof. Sebastião e eles me contaram que a Sr^a. Também trabalhou na escola rural Água Astorga, eu gostaria de saber quando que a Sr^a começou a trabalhar nessa escola?

Entrevistado: Eu comecei em 1956, no finalzinho do ano. Então eu fiquei até o final do ano fazendo as matrículas, os alunos moravam longe, cada um num sitio. E eu visitei todos e matriculei. E em 57 nós começamos as aulas.

Entrevistador: E a Sr^a lecionou nessa escola durante quanto tempo?

Entrevistado: 20 anos.

Entrevistador: Depois que a Sr^a parou de lecionar na escola rural Água Astorga foi para outra escola?

Entrevistado: Fui para o Antenor Balarotti aqui em Astorga. Lecionei dois anos, um a classe do 2º ano, um amor de classe. (risos). E depois eu tinha crises de bronquite quase todos os dias, ai então, fiquei de licença, fui pra Curitiba e continuei de licença até completar os 25 anos. E com ordem da junta médica. E assim, fiquei até completar o tempo de serviço, porque foi pedido minha aposentadoria por invalidez, a aposentadoria por invalidez saiu, não me lembro de qual o mês, mas daí quatro meses saiu por contagem de tempo. Então foi uma aposentadoria bem aposentada.

Entrevistador: E quando a Sr^a lecionou lá na Escola Rural água Astorga, a Sr^a morava onde?

Entrevistado: Morava num sítio nosso, lá perto. É porque eu comecei a lecionar não tinha casa de escola não, foi a prefeitura alugou uma sala na casa de um vizinho, vizinho nosso, era bem pertinho, uma sala, ele tirou algumas paredes, fez uma sala bem grande, comportava direitinho os alunos, e foi bom, é as crianças frequentavam bem e ficou lá até que eles construíram a casa de escola.

Entrevistador: E demorou para construir essa casa de escola?

Entrevistado: Olha me parece que foram dois anos. E pra mim foi, num foi ruim porque o lugar, a escola era melhor, a casa lá era mais precária, mas era longe pra mim, eram quase três km, eu ia a pé, passando debaixo de arame, enfrentando vaca braba (risos), cachorro dos vizinhos, passando nas portas das casas, mas foi, a gente era novo, a gente era nova, superou tudo

Entrevistador: Então quando foi transferida a escola para outro local, onde ficava? Ficou mais longe?

Entrevistado: Ficou porque a prefeitura não podia fazer no nosso sítio, porque ficava longe para os meninos do outro perímetro, porque lá pega o lado da estrada e o outro lado né, então era pra ficar melhor para o outro lado do perímetro, e ai ficou longe pra mim, mas eu me acostumei eu andava, era acostumada a andar toda vida né.

Entrevistador: Nesses 18 anos trabalhando a Sr^a trabalhou nesse outro local a sr^a morou sempre no mesmo sítio?

Entrevistado: Sim sempre no mesmo local.

Entrevistador: E os alunos ali da escola moravam onde?

Entrevistado: Tinham muitos que moravam na água Astorga mesmo, do meu lado. Então era uma turma boa, ia sempre comigo, eles chegavam na minha casa antes da minha saída e a gente ia juntos, e os do lado contrário da escola, eu chegava já estava todo mundo lá também, fazendo bagunça (risos).

Entrevistador: E esses alunos iam de que forma para a escola? Eles usavam transporte?

Entrevistado: Então, tinha uniforme, no começo, não lembro se a Zélia pediu, mas eu pedi, era xadrezinha.

Entrevistador: o uniforme.

Entrevistado: O uniforme né. O primeiro ano um cadarcinho na gola; o segundo 2 e assim por diante.

Entrevistador: E a família que fazia?

Entrevistado: Era em casa ela que fazia, eles que fazia.

Entrevistador: E o tecido? Onde eles compravam?

Entrevistado: Ah, eles mesmos que iam comprar, aqui na cidade e faziam, não tinha ajuda de ninguém. É o Uniforme, depois passou o guarda pó branco né, todo mundo e tem até hoje.

Entrevistador: E como eles iam pra escola?

Entrevistado: Descalço, pé no barro ou na poeira, (risos), e eles iam todos limpinhos, todos bem organizadinhos.

Entrevistador: E eles iam a pé?

Entrevistado: Ia a pé, eu ia a pé. Eu quis ir uma vez de jipe, mas pra ir de jipe ficava umas, 4 vezes mais longe pra ir. Tinha que pegar a estrada, ir lá no carriador em cima e desce. Então não deu certo. As vezes quando eu não estava bem de saúde, o meu marido me levava, mas se eu estava bem eu ia só a pé.

Entrevistador: Havia alguma criança que morava do lado de lá , que tinha rio para atravessar?

Entrevistado: Não, eram todos do nosso lado. Tinha uns que moravam mais longe, que moravam na fazenda, na fazenda lá esqueci o nome dela.

Entrevistador: Mas eles iam a pé também?

Entrevistado: Iam a pé, era menino grande já, eles começaram no terceiro ano. Eles fizeram o 3º com a Maria Zélia e o quarto comigo.

Entrevistador: E a que horas começavam as aulas?

Entrevistado: A tarde começava ao meio dia, e de manhã começava as 8. Das 8 ao meio dia. Da tarde era 1 hora, começava 1 hora e até as 5.

Entrevistador: E esse horário ele se mantinha durante todo o ano, sempre foi dessa forma? Ou teve alguma alteração de horário, em algum ano que a Srª trabalhou nessa escola?

Entrevistado: É teve um ano mesmo que eu não sei a data, mas, não sei se a diretoria que mandou, concordou com alguém lá que deu opinião, ai passou um horário diferente, mas não deu certo não, foi só um ano e já voltamos.

Entrevistador: E sabe por que foi feito esse horário diferente?

Entrevistado: Era por causa de colheita né, porque os alunos faltavam muito de aula na ocasião de colheita. Teve 1 ano que eu tinha o quarto ano e o segundo. Faltaram muito e depois que eles voltaram para a aula, eu dei recuperação na minha casa. Eles iam na minha casa. Depois da escola, iam comigo já. Daí eu deixava eles a vontade lá em casa descansando um pouco. Eles levavam lanche. Eu pedia para eles levar lanche e tomar. E dava uma recuperação pra eles.

Entrevistador: Depois do período de aula?

Entrevistado: Depois do período de aula. Não tinha outro jeito né, porque eu não queria que meus alunos reprovasse. Então era meia ranziza nesse ponto né. Então eu fiz muito isso ai, e dava recuperação em casa.

Entrevistador: E quando era o período de férias?

Entrevistado: Ah, cada um nas suas casas né. Não tinha nada na escola. A escola permanecia fechada.

Entrevistador: E que mês que era?

Entrevistado: Ah, igualzinho daqui, o nosso era o mesmo da, do município, da escola municipal. Eu era paga pelo estado, (desculpa que eu to rouca hoje, tomei um gelado e não me fez bem).

Entrevistador: Quando era o período de férias?

Entrevistado: Ah, era o mesmo daqui né. Não me lembro. De julho, era um pedaço do mês de julho só. É mais era quase o julho todo. E no fim do ano começava em dezembro, janeiro e fevereiro.

Entrevistador: Quando começavam as aulas?

Entrevistado: Finalzinho de fevereiro, sempre pegava um pouco do mês de fevereiro.

Entrevistador: D. Orendina e como que era a estrutura física da escola?

Entrevistado: Quatro paredes,(risos), de tábuas, e cobertura de telhas, não tinha mais nada, não tinha uma varanda, não tinha nada. A água era de poço, de cisterna. Então a gente chegava já pegava um balde d'água que tava fresquinha, cada aluno tinha o seu copo e uma caneca de tira do balde pra eles toma. As vezes eu chegava e ia servir a água pra eles pra depois ir pro trabalho. Era muito sofrido pra mim, mas eu gostava, eu adorava lecionar lá, pelo seguinte, é que os alunos iam pra aprende, não iam pra bagunça não. Sempre tem uma ovelha negra né, mas a maior parte iam pra aprende e perguntava e queria saber mesmo, era muito bom.

Entrevistador: E como que era pra sr^a trabalhar nesse espaço?

Entrevistado: Era duas classes, no começo foram três,né. Primeiro, segundo e terceiro. Dois anos, depois que entrou a Maria Zélia e separou. Eu fazia assim, no fundo da classe eu arrumava o quarto ano, mas no começo da classe eu arrumava o segundo ano, então quando assim, eu dava tarefa, dava uma explicação pro quarto ano e pedia alguma coisa pra eles fazer e eu ia pro segundo ano ensina, aquelas meninas mais espertas que acabava vinham me ajuda. Ensinar o 2º ano. E foi uma coisa boa, com a colaboração.

Entrevistador: E a sr^a utilizava o quadro?

Entrevistado: É tinha só o quadro negro. Algumas coisas assim, que eu tinha minha irmã aqui, ela diretora do grupo, do Balarotti. E ela às vezes ela tinha material didático e ela passava pra mim . Então tudo que ocupei foi a Orenei, minha irmã que me forneceu. Então, me facilitou muito com isso.

Entrevistador: A senhora gostava de trabalhar nesses espaços?

Entrevistado: Gostava. Eu pensava assim, quando eu aposentar eu não posso nem passar aqui perto, que eu pego chora. Mas não, Deus faz todas as coisas certas. Passava lá tranquila né.

Entrevistador: Quem é que cuidava da manutenção da escola?

Entrevistado: Nós, eu com as crianças. Era assim, tinha aula, de primeiro não tinha aula de sábado e a gente ia no sábado de manhã, escolhia aquelas meninas grandes, e meninos também pra tira água na cisterna e ajudar. E depois passou a ter aula dia de sábado, eu lecionava até o recreio e daí nós íamos fazer a limpeza da classe. Lavar a classe, porque o barro, a poeira, lá era demais. Então a gente, as meninas me ajudavam, a gente limpava a classe. E merenda, eu, quando era sopa, que eu comprei um caldeirão grande, fazia a merenda naquele caldeirão em casa,

deixava secar bem pra ficar mais leve, e levava. E a dona Vitória consorti, era uma sr^a que morava pertinho da escola, ela me dava água fervendo. Ela fervia água na chaleira e ia, mandava lá pra mim, ai eu misturava na sopa. Servia a sopa quentinha também. E quando era leite, eu já batia o leite lá e ela mandava a água e punha também, e tudo eu que fazia, partia, porque não tinha ninguém pra ajudar. Varre a classe, as vezes a gente terminava tava suja, ai eu ia varre e as meninas grandes ficavam pra me ajudar. Foi assim, vencemos.

Entrevistador: E algum reparo, de goteira, de cerca que arrebitou, carpi em volta da escola, esses reparos assim quem é que fazia?

Entrevistado: Oh, carpi os meninos grandes carpavam no sábado, nós ia limpar a classe e eles carpavam né. Carpavam, rastelavam, deixava limpinho, não era grande o espaço. É como é?

Entrevistador: Quem carpava e quem arrumava a cerca?

Entrevistado: Ah, se as criação, porque ali era pasto, estragasse, o dono da terra lá era o seu Carlos Consorti, ele que concertava, e nem pedia os homens pra ajuda, porque era o gado dele mesmo né, entrava lá e derrubava mais. Ele mesmo concertava.

Entrevistador: E no período que a Sr^a trabalhou na escola rural Água Astorga quem era responsável pela educação no município?

Entrevistado: Era a D. Guiomar, que eu acho que era, que ela era inspetora. E foi a D. Maria José Lopes também, foi muito boa pra mim. Ela também foi inspetora. Não sei se é diretora ou Inspetora. Acho que diretora. E A Ziza Abrão. A Ziza Abrão foi uma mão de Deus na minha vida, porque eu fui entregar o material pra largar porque, porque tinha meus dois meninos com problema, então tava muito difícil pra mim, ai ela chamou o Levi, meu esposo e falou pra ele, “Olha quanto que você paga, for pagar pra ficar no seu lugar na roça, quanto que você paga”. Ele falou, “tanto”. Ai ela falou, “pois é, ela ganha um tanto a mais, então, você paga ainda sobra isso pra você, e você ta ajudando lá seus vizinhos, ajudando os alunos pra não fica tudo analfabeto”, ai ele concordou. O moço que até ficou morando na nossa casa, e ele ficava em casa, cuidava assim, na beira da casa e ficou cuidando dos meninos pra mim.

Entrevistador: Quem é que mantinha as escolas era o município ou era o estado?

Entrevistado: Olha era os dois, porque a diretoria trazia merenda, mas o estado também ajudava. Dava caderno, lápis, borracha coisas. Materiais das crianças usa, o estado mandava pra inspetoria e a prefeitura que distribuía.

Entrevistador: E qual o papel da inspetoria de ensino no município? O que ela fazia e qual era o papel dela em relação às escolas e aos professores que trabalhavam nessas escolas?

Entrevistado: Fazia sempre reunião né, explicava como precisava ser. É, fazer o programa, fazer os planos de aula conforme o programa que elas davam, usar todo o material mandado durante o ano. Que no final do ano saia tudo em prova né, aquelas provas finais. Era boa e elas visitavam as escolas também, conversavam com os alunos.

Entrevistador: Dava um apoio pra vocês?

Entrevistado: Dava

Entrevistador: E como era a relação dos professores com a Inspetoria?

Entrevistado: Era boa, pra mim era, porque a gente ia nas reuniões, todo mundo amigo, elas também amiga da gente, assim muito bom.

Entrevistador: E essa reunião era que período?

Entrevistado: Ah, não tinha horário não. A gente chegava, eu não me lembro se era de manhã. Não era depois do almoço, era a tarde começava uma hora, mas não demorava muito a terminar não; Elas falavam o que precisava, distribuíam os programas. É ensinavam a gente às vezes fazer os planos de aula, alguma coisa, pra ficar fácil para os alunos. Então, elas ajudavam sim.

Entrevistador: Nas escolas rurais trabalhavam professores que recebiam do Estado e professores que recebiam do Município, mas todos eles iam à mesma reunião. Qual que era a diferença?

Entrevistado: Assim, não era nenhuma. É todo mundo era de igual para igual. É porque eu era do estado eu ia ter diferença com você, que não era?

Entrevistador: Quando vocês tinham reunião vocês dispensavam os alunos?

Entrevistado: Dispensava, era ordem da inspetoria.

Entrevistador: E qual era a relação entre professor e professor, vocês iam lá nas reuniões, tinham os dias de exame, como era essa relação de professor com professor?

Entrevistado: Era boa também, ajudavam uns aos outros, mas não tem como explicar porque, elas iam na minha classe fazer o exame dos alunos, então eu ficava neutra ali, não podia dar opinião né, elas tomavam conta da sala, mas também as vezes elas pediam opinião comigo sobre um aluno que as vezes ele não fazia uma coisa que podia ter acertado, essas coisas assim, era bom, não tinha dificuldade não.

Entrevistador: As provas que vocês aplicavam, quem é que elaborava?

Entrevistado: A inspetoria, ah, eu não sei qual a pessoa né. Iam prontas, em papel sulfite, todas as provas, era só distribuir para os alunos. Tá tudo ali.

Entrevistador: Era de acordo com o programa que a sr^a dava?

Entrevistado: Era bem de acordo.

Entrevistador: E o salário, quem pagava?

Entrevistado: O meu era o Estado, né. Eu fui municipal uns anos, depois então um prefeito e levou os nomes nosso e passou para o Estado. Ele teve que ir em Londrina aquele tempo, eu não sei porque tinha que ir lá prá fazer o juramento a bandeira, pra tomar posse. Esse sistema de tomar posse, nós fomos lá tomar posse, e voltamos profissional normal.

Entrevistador: E recebia no banco?

Entrevistado: Recebia no Banestado.

Entrevistador: Qual era a sua formação?

Entrevistado: Eu fiz a 8^a série lá em Minas, comecei o magistério, ai, mudamos pra cá, parei porque não tinha como né. Ai, vim me matriculei. Assim bem no fim já. Matriculei na Escola Normal e vim uns dias, mas não. Eu que vinha dirigindo né, de jipe, que naquele tempo as estradas eram precárias, hoje não, hoje é tudo cascalhado, o ônibus vai nas portas buscar. Naquele tempo eu queria vir de ônibus, mas não tinha condição nenhuma. Ai, eu vinha, um dia choveu e quase eu morri no meio do caminho de barro, e o jipe dançando, e ele entrava por meio da lavoura, ai eu larguei, eu abandonei. E quando eu mudei de lá prá cá, já no finalzinho, teve o Logus e eu entrei e não pude continuar, que eu tava doente. Eu tive um bronquite, eu não podia ver giz, (risos), o pó de giz que eles falavam, ai eu ficava com falta de ar e tosse. Então não tinha jeito, ai parei tudo. Aposentei como professora leiga. Me dói esse título. Agora além de leiga eles põem sem habilitação, (risos). Eu fazia o mesmo que as formadas fizeram, ganhando menos que elas por causa disso e ainda toma esse palavrão, (risos).

Entrevistador: A Sr^a se sente ofendida?

Entrevistado: Não, eu estou brincando (risos), eu sei que quem não é formada, não tem habilitação.

Entrevistador: Tiveram muitos professores leigos?

Entrevistado: Não, eu não sei. Ah teve alguns, porque teve uma classe de, que eu frequentei o ano, Logos, tinha, era muita gente, mas quem desistiu foi só eu. Todos eles concluíram. Morava longe, com filho com problema, não tinha como a gente estudar. Agora que eu podia de estudar eu to sem voz (risos).

Entrevistador: Na época que a senhora trabalhou nas escolas rurais tiveram algumas mudanças de leis. A senhora trabalhou um pouco com a lei do ensino primário. E teve a lei 4024 de 1961. A srª lembra dessa lei?

Entrevistado: Foi quando mudou o cruzeiro? Sabe que eu não estou me lembrada

Entrevistador: Mas assim, houve essa mudança de lei. Lá na escola rural Água Astorga, houve alguma mudança?

Entrevistado: não, se tivesse mudado eu lembrava, agora não houve mudança nenhuma, eu lembro que a diretora foi lá, e falou sobre isso, mas também não exigiu nada.

Entrevistador: Nada além daquilo que a srª já fazia?

Entrevistado: Era a mesma coisa, o mesmo programa, e o programa era elaborado por elas, então alguma que elas tenham postos, eu nem notei que era lei diferente.

Entrevistador: Além de ser professora, a srª desempenhava outras funções?

Entrevistado: Olha, eu era a professora, era servente, era muitas vezes enfermeira, era assim, psicóloga muitas vezes. (risos), psicóloga analfabeta, (risos) que beleza! Mas a gente, como se diz, fez tudo o que podia, tinha umas meninas que desmaiava na escola, eu acho que mal alimentada, né. Na parte da manhã e eu tinha que cuidar delas, ai eu perguntei para o Dr. Arlos, como que eu fazia, ai ele me ensinou, não põe de costa não. Deita no seu colo de bruço e vai conversando que elas voltam. Isso ai ele explicou a causa né. Foram várias vezes. E sangramento do nariz também né. Como isso acontecia. Muito calor, vinha de longe e ficava ainda pulando, brincando né (risos). Mas não teve problema nenhum não.

Entrevistador: A srª conhecia as famílias dos alunos? Elas participavam na vida escolar dos filhos?

Entrevistado: Conhecia. Olha pra falar que não era nenhuma, não sei se é demais, mas, acho que foi. Não ia ninguém, elas não iam lá. Olha, quando eu fazia reunião com os pais, ia alguns homens só. As mulheres não iam. Então não tinha muita colaboração.

Entrevistador: Quais séries que a srª atendia?

Entrevistado: 2ª e 4ª

Entrevistador: Isso depois que a profª Zélia entrou?

Entrevistado: Sim, antes era 1ª, 2ª, 3ª e 4ª. Depois nós dividíamos e eu peguei 4º ano também, porque precisava, os alunos fizeram o 3º ano, tudo queria estudar mais, então eu dei o 4º ano.

Entrevistador: Como eram realizadas as avaliações?

Entrevistado: Pelo procedimento, pelo o que eles faziam em casa. Tinha aluno que passava tarefa para casa vinha perfeito, bem feitinho. E outros, “Ah, eu não tive tempo, porque eu fui ajudar na roça”. Ai eu deixava né. Ai tinha um do 4º ano que não tinha feito nenhuma tarefa, e era longe da minha casa. Ai eu falei para o meu marido “Ah, eu vou visitar aquela família”. E eu não conhecia os pais não. Ai eu fui um dia, ele me levou lá, fora do horário de aula, e cheguei lá, quando cheguei, era dois meninos, eles, como dizem “eles vazaram”, né (risos). A mulher veio alegre, me cumprimenta, e eu falei pra ela “eu vim aqui e contei porque. Porque os meninos era

Valter e Nelson, eles não faz tarefa, eles não leva caderno bom, eles leva só um rascunho e tá muito difícil”, e foi bem no começo do ano pra eles não ficar na quarta série senão eles vão reprovar. Ai Ela falou “escuta, eles não leva caderno?”. “Leva um caderninho ruim, cheio de orelha”, ai ela falou, “eu vou buscar o material que eu tenho deles pra sr^a ver”. Tinha até cartolina grande de desenho, pra fazer mapa, eles não levava, ai eu falei, “eu levei um caderno de uma menina do 4º ano”, ela falou “olha a sr^a vai me desculpar, mas eu vou te contar, eu já xinguei a Sr^a muito, falei que nunca vi uma professora relaxada assim, que não dava material nenhum”. Ai eu falei “Olha aqui o caderno da minha aluna. Ela folheou tudo e falou “O meu marido vai pegar eles e bater”. Eu falei “Eu vou te pedir, por favor, bater não, eu não quero que faça isso não, porque eles vão tomar ódio de mim, então a sr^a dá conselho e investiga de agora em diante.” “Na hora deles sair olha o material deles, o que eles estão levando, e quando chega, olha o que trouxeram, porque senão eles vão reprovar”. Eu falei pra ela, “todos os alunos fazem a tarefa, obedece, e eles não”. Eram bons alunos, eram quietinhos, não faziam nenhum mal né. E daí melhoraram e passaram de ano os dois.

Entrevistador: Além daquelas avaliações no final do ano, a sr^a fazia alguma avaliação?

Entrevistado: Sempre eu fazia, ah eu falava pra eles “ Oh, hoje nós vamos ter uma sabatina” (risos), Ai tirava de tudo que tinha ensinado no mês, e fazia. O que eles não sabiam, porque não era prova de valer, eu ensinava, ia no quadro negro e explicava, ensinava. Todo mês eu fazia isso.

Entrevistador: a sr^a tem memória de como era a frequência dos alunos?

Entrevistado: Ah, é no tempo da colheita tinha uns que faltavam, mas não era muito não, porque eu pegava pesado com os pais, né, falava assim “Eu to recebendo pra isso e eu quero ver o fruto do meu trabalho, e vocês também tem que ver o que os filhos estão aprendendo, porque isso vai servir para eles, um bem que vocês podem dar para seus filhos é esse”. Ai eles não faltava né.

Entrevistador: A sr^a tem alguma memória de algum curso que foi ofertado pelo município, pelo estado para melhorar a prática do professor?

Entrevistado: Tinha todo, acho que era janeiro. Não sei se era dezembro ou janeiro que tinha aula para nós. Era ótimo, era o mês inteiro. Elas ensinavam tudo o que a gente precisava. Alguns métodos, como fazer um plano de aula, elaborar bem direitinho. Ajudava sim, os cursos eram muito bons.

Entrevistador: Era a inspetoria que dava os cursos? E do Estado, era ofertado?

Entrevistado: Era. O estado não, eu fiz curso em Minas, porque eu dei 4 anos de aula lá. Quando estava perto de me aposentar, eu tinha 20 anos, eu fui lá pra pegar. Eu tinha 5 anos lá, e só peguei dois, porque eu era de menor e ninguém assinava tudo pra mim, era minha prima que largou a escola pra mim pegar. Então peguei dois anos. Ai ficou faltando 3 que era 25, ai eu terminei aqui.

Entrevistador: D. Orendina a Sr^a tem mais alguma coisa para contar desse tempo que a sr^a trabalhou na Escola rural Água Astorga?

Entrevistado: O que eu tenho que relatar assim, as minhas meninas, eu tenho duas meninas e tinha dois meninos. Os meninos, todos os dois com problema, né. Então, mesmo o Levi ficando em casa, era mesmo difícil. Tinha dia que ele tinha que sair, que ele era verdureiro, ele plantava pra vender. O dia que ele tinha que vender, que saia, então os pais lá que ofereceram, que cada dia uma aluna das grandes, do 4º ano vinha aqui em casa e ficava com eles. Foi muito boa, as meninas vinham e cuidavam deles em casa, e das meninas, porque a mais velha tinha 9 anos, então, elas vinham para companhia deles.

Entrevistador: Então por mais que era difícil, a Sr^a ainda tinha essa problemática, os dois filhos com problemas, a sr^a ainda tem boas lembranças?

Entrevistado: É tenho boas lembranças. A escola não tinha conforto, mas a gente acostumava né, com aquilo. Ia a pé dia de chuva, às vezes eu chegava molhada na escola. Que quando ia chover eu levava uma blusa, a gente ia de guardachuva, mas chuva de vento molha assim mesmo. Ai chegava na escola e trocava. Meu guardapó ficava na escola e punha ele enxuto; ia com outro calçado, eu tinha uma bota de ir na escola né, a bota de zíper na perna toda (risos). Dia de barro, ai chegava na escola, tirava e punha o sapato. É essa dificuldadezinhas fácil de passar.

Entrevistador: Eu agradeço muito pela colaboração e pelo o que a sr^a tem feito pela educação, pela história da educação do município. Agradeço pela tua acolhida.

Entrevistado: Não tem nada que agradecer, eu que te agradeço, recordar é viver né, então eu vivi agora.

APÊNDICE B

Transcrição da entrevista com a prof.^a Maria Zélia Cardoso dos Santos

Entrevistador: Hoje nós estamos aqui com a professora Maria Zélia Cardoso dos Santos e ela vai, é.... Hoje é dia 26 de outubro de 2014.

Entrevistador: É D. Zélia, nós sabemos que a sra. foi professora da Escola Rural Água Astorga, quando que a sra. Começou a trabalhar nela?

Entrevistado: Foi 1963.

Entrevistador: E, quanto tempo ficou trabalhando lá?

Entrevistado: Ah, era assim, é 10 anos,

Entrevistador: 10 ANOS

Entrevistado: é que nós saímos de lá era 1973, então era 10 anos.

Entrevistador: E a sra. Trabalhou em outra escola sem ser a, a escola rural Água Astorga?

Entrevistado: Sim, eu iniciei lá na Sória São Bento que faz, é o mesmo caminho, assim, de daí, la também tinha muito aluno e era meu tio e minha prima, precisava mais professor então a diretora deles pediram, né, pediu que eu ficasse lá, então fiquei na casa deles, meu tio e fiquei 1 ano, durante um ano lá.

Entrevistador: E a sra. Morava onde?

Entrevistado: Aqui em Astorga, meus pais moravam aqui, depois eles mudaram pra Rolandia, mas eu continuei aqui, não fui, assim, La em Rolandia não dei aula não.

Entrevistador: E, o tempo todo tempo que a Sra. trabalhou na, na, na escola rural Água Astorga a Sra, morou aqui em Astorga?

Entrevistado: É, solteira eu não. Lá na água Astorga eu casei e, nesse ano, daí já ta lá era a Orendina que tinha uma professora, e tinha muitos alunos então ela foi dividido, eu fiquei com a 1^a e a 2^a serie e ela ficou com a 3^a e a 4^a, eram duas professora na mesma escola, ela ia de manhã e eu ia a tarde,

Entrevistador: E a sra, é, ia pra escola é, de que forma?

Entrevistado: Não é, é pertinho, era assim, no sítio que eu morava ficava quase em frente a escola, então não tinha dificuldade nenhuma.

Entrevistador: Ah, e essa escola então era instalada em um sítio.

Entrevistado: Sítio.

Entrevistador: A sra. Lembra no sítio de quem?

Entrevistado: Então, o sobrenome era Consorti, então eles doaram aquele terreno pra escola e construíram a escola, assim, até boa, com área na frente, tinha a privada, o poço, cercada de balaustra, assim era uma escola bem, assim, de assoalho, com carteira, tudo, tudo bem arrumadinho.

Entrevistador: Quem é que construía a escola?

Entrevistado: A prefeitura, se eu não me engano foi a, na época do prefeito Anibal, acho que é Anibal.

Entrevistador: E os alunos, onde que os alunos moravam?

Entrevistado: Então era tudo vizinhos, né, porque lá a, naquela época, assim os situantes, eles, tinham, pequena propriedade, e moravam ali, cada um tinha seu pedacinho de terra, Na época lá, naquela região, também tinha bastante, é assim, plantação de café, depois veio a geada, uma geada muito forte, o fogo, dai acabo com o cafezal, mas tinha planta, eles plantavam é, assim arroz, feijão, milho, soja naquela época não tinha tanto não, era mais é milho e feijão.

Entrevistador: E como que essas crianças chegavam até a escola?

Entrevistado: Ai era tudo pertinho e eles iam a pé mesmo, a pé.

Entrevistador: E a que hora começava e terminava as aulas?

Entrevistado: Então de manhã era das 8 ao meio dia, daí eu, do meu horário era da uma as cinco.

Entrevistador: Esse horário, ele se mantinha durante o ano todo, ou havia é um horário alternativo?

Entrevistado: Então, foi no, acho que no ano seguinte, eles, assim, fez um teste pra vê o ano agrícola, foi assim, nesse período as aulas começavam em janeiro, pra terminar antes de dezembro, mas foi só aquele ano, não deu resultado não, então daí os próximos anos já foi assim, é, começava em fevereiro e terminava as aulas em dezembro.

Entrevistador: E quando que era o período de férias?

Entrevistado: Julho era o mês todo de férias,

Entrevistador: O mês todo.

Entrevistado: O mês todo

Entrevistador: As aulas terminavam quando?

Entrevistado: Em dezembro, lá pro dia 15 de dezembro a gente fazia encerramento aqui com a diretora, vinha todas as professoras, fazia a reunião, fazia ata, né, e encerramento do ano letivo,.

Entrevistador: E D. Zélia como que era a estrutura física da escola?

Entrevistado: Ah, era bem feita a escola, era de madeira, mas era assim forrada, assoalhada, só não tinha cantina que faltava, mas era cercada de balaustra, todo bem assim, uma área grande na frente.

Entrevistador: E como era pra senhora trabalhar nesse, nesse espaço?

Entrevistado. Nossa era tranquila tinha QUADRO, dois quadros grande, não tinha problema não, as carteiras também, bem, assim, que acomodava bem as crianças.

Entrevistador: A senhora disse que tinha dois quadros grandes? Como era usado os dois quadros?

Entrevistado: É porque eu dava 1º e 2º né, então eu separava, um era para o 1º e o outro pro 2º.

Entrevistador: Ah, então a srª levava os dois, as duas séries ao mesmo tempo?

Entrevistado. É sim duas séries juntas.

Entrevistador: A sra. Quer falar um pouquinho como que era esse trabalho?

Entrevistado: Então, olha, ali os alunos eram, nossa! Eles participavam bem, era diferente, acho que era diferente de hoje, eles tinham muito respeito, principalmente da, da 2ª serie eles faziam os exercícios dele e ia ajuda a 1ª, tomava lição do, do daqueles menores, eram assim, um clima assim, bem agradável, sem bagunça, eles iam pra estudar mesmo, tinha assim, um, não precisava é, hum... Grita, era assim muito sossegado. Muito bom.

Entrevistador: E a senhora tinha muitos alunos?

Entrevistado: Ah, eu acho que era a base de, de 20, 25.

Entrevistador: Nas duas turmas?

Entrevistado: Sim

Entrevistador: E quem cuidava d. Zélia da manutenção lá da escola? Quando é, quebrava algum, né tinha algum reparo pra fazer, quem é que consertava?

Entrevistado: Então quando era um serviço assim de, um serviço mais pesado, que exigia mais assim né, a gente ia na prefeitura e eles iam lá, mas quando era assim serviço menor era os pais dos alunos que iam, ajudavam pra limpá o poço, prá carpi o quintal, é concertar as, as vezes a cerca, eles ajudavam, nossa participava, o

marido também, ajudava, ia lá, se precisasse, eles eram assim bem, cooperava bastante.

Entrevistador: E na outra escola que a sr^a lecionou, também, era, era assim?

Entrevistado: Sim, era, lá é também.

Entrevistador: Era da mesma forma, Os pais ajudavam?

Entrevistado: Ajudavam, e nossa gente, quando precisava era só chamar, eles até, né, eles estavam sempre dispostos a, prá fazer qualquer serviço.

Entrevistador: E no período que a Sr^a trabalhou na escola rural Água Astorga, quem é que estava a frente da direção da educação?

Entrevistado: D. Maria né, então, então, D. Zizá era inspetora e a D., Maria José Lopes Diretora, então eles tinham aqui, como que falava, que a gente vinha no núcleo, era ali onde era o, em frente ao Bradesco ali. Inspeção, então ali, as professoras era atendida ali, então qualquer problema a gente vinha com a direção, até o seu Paulo Arruda Brasil também e, ele fazia parte ali, a, ali também havia as coordenadoras então quando a gente tinha assim qualquer dificuldade, elas orientavam a gente.

Entrevistador: mas na época a chefe maior, quem era?

Entrevistado: Maria José Lopes, na direção, era ela.

Entrevistador: E assim, quem que mantinha as escolas?

Entrevistado: A prefeitura, assim o material que precisasse, giz, concerto de carteira, quando precisava de uma carteira a prefeitura levava, agora o estado mandava a merenda, só que essa merenda, como não tinha cantina, a professora fazia a merenda em casa e levava, porque era perto, isso, é, mas era assim, uma merenda fácil di faze, era leite, é, um chocolate, é uma sopa assim que tomava no copo, que nem a gente não tinha assim, é pratos, talheres , não, eles tomavam no copo, mas era uma merenda gostosa e eles gostavam.

Entrevistador: E qual que era o papel da Inspeção de Ensino do município? O que elas faziam em relação a educação rural. Como era a relação com os professores, assim...

Entrevistado: Então a gente tinha a reunião mensal, chamava reunião pedagógica, uma vez por ano,

Entrevistador: Uma vez por ano?

Entrevistado: Não uma vez por mês, e uma vez por ano a gente reunia no final do ano, mas todo mês a gente reunia e ali discutia com as, as professoras e a diretora, então a gente fazia assim um círculo, qual era a dificuldade, assim o que que faltava, então ali é é, a gente recebia orientação, e era bem atendida, elas atendia a gente assim com carinho, educação.

Entrevistador: E, e, mas qual que era assim a questão pedagógica, como que elas ajudavam vocês, na questão pedagógica.

Entrevistado: Então as provas, era assim, elas fornecia as questões já elaborada e a gente usava o papel almaço, passava no quadro, pros alunos copiavam a pergunta, respondia, e a gente corrigia aquela prova e trazia pra eles dá o visto.

Entrevistador: E essas provas eram, eram aplicadas de quanto em quanto tempo?

Entrevistado: Acho que era o bimestre, né, bimestral. Cada bimestre valia, dava nota, tinha boletim, tudo, era bem organizado.

Entrevistador: A sr^a era uma professora, é da esfera municipal ou da esfera estadual?

Entrevistado: Então, no inicio eu entrei como municipal, depois o prefeito Anibal ele, com o documento, ele, a gente, ele pegou os nossos documentos, e trouxe tudo pelo

estado, (riso), foi uma benção, passo todo mundo pro estado aquela época, então já fiquei prof. Estadual.

Entrevistador: Mas nem todos os professores eram do regime estadual?

Entrevistado: Não, nem todos.

Entrevistador: Mas, vocês faziam as reuniões mensais todos juntos?

Entrevistado: Juntos.

Entrevistador: Não tinha diferença quem era estadual quem era municipal?

Entrevistado: Não

Entrevistador: recebiam os mesmos materiais e o apoio da inspetoria?

Entrevistado: Até a merenda, tudo era junto.

Entrevistador: E como que era a relação entre os professores?

Entrevistado: Ah, a gente reunia todo mês, era muito boa, principalmente no final do ano que a gente fazia troca, né, de aplica o exame, então trocavam, eu como era lá da Água Astorga vinha pra outra escola, e de lá vinha na minha. Então ali era tão bom , porque os professores ficava o dia todo aplicava o exame, então ali a gente fazia um almoço gostoso pra elas, um lanche, e daí a prefeitura levava e depois vinha busca.

Entrevistador: Mas quando elas vinham, quando havia essa prova de exame final na escola onde a sr^a atuava, no dia da prova onde a sr^a ficava?

Entrevistado: É a, ficava ali, né, mas não deixava assim, só ficava ali dando assistência.

Entrevistador: Mas quem aplicava eram os outros escalados?

Entrevistado: Era os outros, aí naquele dia eles aplicavam o exame já corrigia, e levava para a inspetoria da o visto né.

Entrevistador: E tinha bastante reprovação?

Entrevistado: nossa tinha, poucos alunos, tinha pouca reprovações.

Entrevistador: E o salário, quem é que pagava o salário?

Entrevistado: Então como eu disse no começo era a prefeitura, depois no estado vinha pelo banco. Eu recebia no banco.

Entrevistador: tinha uma Conta salário?

Entrevistado: Isso, naquele tempo não sei se era já o Bradesco ou é o Banestado.

Entrevistador: E qual que era a sua formação?

Entrevistado: Então eu naquela época só tinha o primário, mas assim a gente, igual eu falei pra você, a gente, nas reunião pedagógica, a gente, eles orientava muito a gente, a gente aprendia muita coisa naquelas reuniões. Tinha as professoras que chamava, pedagogia, as professoras, então elas orientavam muito, explicava qualquer dificuldade que as professoras achava, elas orientava, e ia seguindo assim.

Entrevistador: E durante o tempo que a sr^a foi professora, das escolas rurais, muitas mudanças ocorreram na questão legal, de leis, né?

Entrevistado: uhum

Entrevistador: Então, né teve a lei 4.024 de 61 que foi a 1^a lei da educação, ai 10 anos depois né, foi implantado uma nova lei, a de 1971, a 5.692, então a sr^a passou por essas mudanças?

Entrevistado: Sim, nós tinha curso, vinha, eu morava longe, porque daqui, lá da mais ou menos uns 15 km, e a gente não tinha condução pra ir, era de carroça, roda dura, então eu não tinha parente aqui, então eu ficava aqui em Astorga. Ficava na casa das minhas irmãs e ficava aquele período todo. Tinha que recebia orientação, era assim, a formação nossa era assim.

Entrevistador: E a formação era de quanto em quanto tempo, a Sr^a tem memória disso?

Entrevistado: Sempre era nas férias, julho, final do ano também.

Entrevistador: É além da sr^a ser professora, é a sr^a desempenhava outras tarefas dentro do espaço escolar?

Entrevistado: Ah, acho que a única tarefa que eu, era a catequese, que eu formava as crianças, pra receber a eucaristia, ate quando tinha a criança o padre ia lá fazia festinha, e os pais também colaboravam, é só essa outra atividade minha que quando tinha um aluno mais fraquinho, eu levava pra minha casa e dava aula particular.

Entrevistador: No período contrário

Entrevistado: Sim

Entrevistador: Além da Sr^a ser professora né, trabalhava as questões educacionais, lá na escola a sr^a fazia outra, outro serviço?

Entrevistado: Não assim, o serviço que tinha que fazer era de limpeza, naquela época não tinha sim um, é como dizer.

Entrevistador: Tinha zelador?

Entrevistado: É zelador, cozinheiro, não tinha, mas os alunos colaboravam a gente lavava cada quinze dias a escola, lavava carteira, e depois nós enceramos a escola, ficou mais fácil, os alunos colaboravam, cada um tinha seu paninho de limpeza, e a escola era assim, pra limpar o quintal os pais ajudavam, fazer a limpeza, então tinha água boa, tinha privada, e a escola sempre limpinha.

Entrevistador: E, Mas essa limpeza que era feita de 15 em 15 dias era no período de aula?

Entrevistado: É as vezes marcava assim no final de sábado, porque naquela época até no sábado dava aula. Então ficava nesse período de sábado, juntava a turma e fazia a limpeza.

Entrevistador: E eles participavam dessa tarefa, os alunos também?

Entrevistado: Sim, eles gostavam, nossa.

Entrevistador: E as famílias dos alunos, como era a participação dos pais?

Entrevistado: Ah, coitados eles tinha pouca instrução né, então eles tinham assim a professora como assim, uma educadora (risos), tanto na parte moral e na parte do ensino, eles tinham muita confiança na professora, tratava o professor muito bem.

Entrevistador: Mas eles não participavam assim, de ajudar o alunos na tarefa de casa?

Entrevistado: Ah então eles tinham vontade, a maioria era analfabeto, não tinha instrução, não tinha muito.

Entrevistador: Como era a sr^a achava difícil trabalhar com as duas séries ao mesmo tempo?

Entrevistado: oh, fácil não era não né, porque o desgaste era bastante, só que os alunos não era, assim aqueles alunos bagunceiros, que dava trabalho, a gente dava assim eles cooperavam, quando da segunda serie terminava atividade eles iam assim e ajudavam a atividade da 1^a, eles tomava lição, ai então eles colaboravam nesse sentido.

Entrevistador: E a frequência dos alunos, como era?

Entrevistado: Nossa era boa, eles faltavam só quando chovia muito, ou muito frio, assim, faltava mesmo.

Entrevistador: Os alunos da sr^a eram de 1^a e 2^a ano, eles faltavam em tempo de colheita?

Entrevistado: Oh, eles eram assim menores, um pouco.

Entrevistador: E a sr^a tem alguma memória de algum curso que foi oferecido, algum curso importante que foi oferecido para os professores?

Entrevistado: Então, lá, como eu disse, nas reuniões pedagógicas eles orientavam, assim tinha assim curso no período de férias de pintura, é curso de como montar um calendário, ou como fazer um enfeite ou até mesmo, como fala, assim, uma criatividade, não lembro de todas, mas era assim, tinha sim, até, assim, enfeite de natal, é essas coisinhas assim que a gente podia passar pras crianças.

Entrevistador: Tudo aprendido lá nas reuniões pedagógicas?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: A sr^a quer falar mais alguma coisa daquele tempo?

Entrevistado: Assim tive convivência com outra professora, né no período, a gente sempre se encontrava, quando a gentes e reunia pra fazer festinha, os pais também colaboravam, cada um levava assim, um pratinho, era gostoso fazer festinha pra eles, a gente ensaiava eles, algum recital, ou canta, era assim, bem assim, sempre as mães participativo.

Entrevistador: Então ta bom D, Zélia, eu agradeço pela contribuição que a sr^a tem oferecido para a educação, mas antes de terminar a sr^a me disse que é ficou lecionando na escola rural água Astorga até quando.

Entrevistado: De nada.

Entrevistador: A Sr^a sabe quem ficou La no lugar da sr^a

Entrevistado: Olha nesse período, que nós assim ficou ainda a Orendina, então , ela ficou com esse período depois, acho que não chegou 1 ano ou dois , desmancharam a escola, quem tinha sitio menor foi vendendo o sitio e formando fazenda, daí AP prefeitura desmanchou a escola, e pegava os alunos La, ai traziam,

Entrevistador: Isso muito tempo depois.

Entrevistado: É depois

Entrevistador: Porque a Escola Água Astorga foi extinta, na década de 90 né?

Entrevistado: 90 né, então daí nesse período que eu lembro ficou a Orendina, depois ela veio pra cidade também que ela tinha os filhos meio doentes e a prefeitura levava. Então e nesse período também, era difícil, eu precisei ir para cidade para continuar, eu fui fazer o mini ginásio, fui fazer escola normal, e daí a diretora naquela época era a d. Maria José Lopes ainda, então ela pediu para o meu marido Sebastião fica até que ela conseguisse outra professor pra fica ali, ai o Sebastião aqui da cidade ele ia lá, de bicicleta, e os pais dele ainda naquela época também morava lá, as vezes ele parava La na casa do pai dele quando chovia e não dava pra vim, mas ele também sofreu muito aquela época, porque dava uns 15 km daqui lá.

Entrevistador: Depois que a sr^a saiu ficou o Sr, Sebastião?

Entrevistado: Sim ficou

Entrevistador: Então ta bom, d Zélia, eu agradeço muito a colaboração da sr^a ta

Entrevistado: ah, eu que te agradeço reviver essa história desde que fica tão escondida né.

Entrevistador: É verdade, muito obrigada.

APÊNDICE C

Transcrição da entrevista com a prof. Sebastião Simão dos Santos

O Sr. Sebastião concedeu uma entrevista no dia 27 de outubro de 2014 para contar como era a educação e estrutura da Escola Rural de Astorga.

Entrevistador: Boa tarde Sr. Sebastião.

Entrevistado: Boa tarde

Entrevistador: Sr. Sebastião nós sabemos que o Sr. Foi prof. da escola rural Água Astorga, conta-nos um pouco como que foi essa experiência, esse início de carreira.

Entrevistado: Bom, eu comecei no ano de 75, antes a minha esposa que foi professora nessa escola, né. Nós mudamos pra cidade e depois ficou tendo problema de professores lá, porque, nenhum se adaptava de ficar na escola, tinha outros compromissos e a escola praticamente tava tendo prejuízo no ensino das crianças, muita falta, né. Que o professor ia lá um dia e às vezes faltava muito né, até que mudavam né, entrava outro. Passou um ou dois, três professores né, daí eu fui convidado pela diretora D. Maria José Lopes, pra mim assim, é, ocupa o cargo de professor até que conseguisse, até que conseguisse arruma outro né. Então eu comecei no ano de 75, e fiquei, continuei.

Entrevistador: O Sr. Trabalhou em outra escola sem ser a escola rural Água Astorga?

Entrevistado: Sim, depois sim trabalhei, trabalhei na, na escola Sória Medina, é, e depois foram até o tio da minha esposa que era professor lá, tio Zezinho, que ele chamava né. Ele mudou pra cidade e pediu pra mim se eu pudesse é, substituí-lo. Assim, pegar a vaga dele lá, lá na escola Sória São Bento né. Então onde eu parei na escola Sória Medina e passei na escola Sória São Bento, mas eu dava aula em duas escolas, eu trabalhava na escola Água Astorga, de manhã, né, e na Sória São Bento a tarde,

Entrevistador: E na água Astorga a tarde tinha algum outro professor que trabalhava?

Entrevistado: Na água Astorga, não dai não, daí era só eu mesmo.

Entrevistador: Só de manhã que funcionava a escola?

Entrevistado: É

Entrevistador: Onde o Sr. Morava quando o Sr. Iniciou o trabalho como professor?

Entrevistado: Morava aqui na cidade, é ate na rua Acre, perto da escola Sofientini que eu morava, pertinho ali, então era longe, distante da escola que eu ia trabalhar quase 15 km., é.

Entrevistador: e como que o Sr. Chegava até a escola?

Entrevistado: No começo eu ia sempre de bicicleta, né, as vezes eu pegava alguma carona né também, eu ia de bicicleta, mas a maior parte do tempo de bicicleta, mas daí quando eu comecei a trabalhar com duas escolas, daí eu comprei um carrinho e ia de carro, eles subsidiava pra mim as, as despesas, né, então, eu, eu ia de carro.

Entrevistador: quem pagava as despesas pro Sr?

Entrevistado: Era a prefeitura, é , que passava o dinheiro pra gente.

Entrevistador: E os alunos, onde os alunos moravam?

Entrevistado: É... perto não era longe a escola não, é as vezes os que morava mais longe, uns era uns dois km da escola, mais ou menos.

Entrevistador: E como eles chegavam até a escola?

Entrevistado: É a pé andando, porque pra passar pelos carreador né, outros passavam por cerca né, é travessar as cerca pra ir, chega até na escola porque já tinha muita passagem pra i, as vezes na lavoura, no meio da lavoura.

Entrevistador: Era difícil o acesso?

Entrevistado: É, é não era fácil não.

Entrevistador: E qual era o horário de aula, que horário que começava, e que horas que terminava?

Entrevistado: Sim, lá na escola que trabalhava de manhã, era das 8 até meio dia é, e na escola que trabalhava a tarde seria da uma as cinco, é.

Entrevistador: E o horário sempre foi fixo, esse horário, ou teve alguma época que teve uma mudança?

Entrevistado: não, era fixo o horário. É

Entrevistador: E as férias, quando que ocorriam?

Entrevistado: As férias era de janeiro, dezembro e Janeiro. Começavam as aulas em fevereiro né, dia 15 de fevereiro. Ia até 15 de fevereiro as férias né. É do dia 20 de dezembro até mais ou menos 15 de fevereiro. E mês de julho tinha férias o mês todo né. É depois que mudou depois que seria duas semanas só de férias em julho né.

Entrevistador: Mas sempre foi um mês?

Entrevistado: Era 1 mês.

Entrevistador: E como era trabalhar nessa escola?

Entrevistado: Era bom, eu gostava de trabalhar com os alunos né, no no comportamento dos próprios alunos, que eles iam mesmo pra, pra aprender , né, é assim , era uma escola multisseriada, trabalhava com 1^a, 2^a 3^a e 4^a série, toda junta,né, então teve aquele teve um treinamento pros professores pra escola de multisseriada né. Depois facilitou com esse treinamento porque pra alfabetização então foi implantado o método da bola, né até esqueci o nome do, desse professor de Curitiba que implantou isso aqui., é. Então todas as escolas do Paraná essa época estava implantando esse, esse sistema da bola, e era bom a gente fazia o treinamento, trabalhava... ocupava mais o tempo da gente mais com a 1^a série, as outras séries dava explicação, mas já ia os materiais pra eles faze, eles mesmos, os alunos trabalhavam, então quando eu trabalhava com uma série os outros estão fazendo as atividades.

Entrevistador: Era um material impresso.

Entrevistado: É livros né , então, até as vezes quando eles iam fazer visitas nas escolas, os alunos tudo sentado, tudo comportados, até falava para o professor, parece que a escola tava fechada professor, não tem aula (riso), que nada estão todos estudando (risos), quem conversava mais era o professor, que tava(risos),

Entrevistador: E quem cuidava da manutenção e dos reparos das escolas, nesse período?

Entrevistado: Então eram o[...] os próprios alunos com o professor quando era coisa simples, o professor mesmo fazia, né, fazia algum reparo na escola, quando tinha necessidade convocava os pais, os pais dos alunos, né, ai eles, eles participavam, é assim, até na merenda também, quando precisava, ajudavam, colaboravam, quer dizer que não faltava, se não vinha, é as vezes não tinha, atrasava a merenda,

mandada pelo estado, né ou pela prefeitura, então, é usava os da produção lá da, é, é, perto da escola mesmo,.

Entrevistador: Dos próprios agricultores?

Entrevistado: É dos próprios pais dos alunos que mandavam.

Entrevistador: Eles mandavam produtos e quem cozinhava?

Entrevistado: É, então é... é teve uma época que eles mandaram fogão, não tinha uma cantina, mas mandaram fogão a gás né, e até era feito dentro da sala mesmo. É

Entrevistador: O próprio professor?

Entrevistado: É ahan, cozinhava.

Entrevistador: No período que o Sr, Trabalhou quem que era responsável pela educação?

Entrevistado: Com, então era a D. Maria José Lopes, né que era a diretora, depois da D. Maria José Lopes, Passou pra Maria José Puziol né, também foi, foi é, diretora também. É Inspetora municipal, i, ia tive outras que era da direção, a dona. Lucia, é Tinha Lúcia Bonini e a Dirce podanoschi, se eu não me engano foi a Dirce Podanosqu foi a última que eu trabalhei com ela, né. Depois quando, quando foi assim demolidas as escolinhas rurais, e traziam os aluno prá cá, ai eu Passei a trabalhar aqui na cidade, é.

Entrevistador: E, mas quem que mantinha as escolas, era o município ou era o Estado?

Entrevistado: Era o município, o estado mandava bolachinha, a merenda assim vinha do Estado.

Entrevistador: E materiais, assim para vocês trabalharem nas escolas, materiais didáticos, caderno, livros.

Entrevistado: Assim, uma parte vinha do estado né. Que a escola Trabalhei numa escola Estadual, então vinha o material do Estado, mas na outra municipal não, daí seria mais material municipal, É a Água Astorga lá era municipal,

Entrevistador: E a Sória Saõ Bento?

Entrevistado: Era Estadual

Entrevistador: Então tinha diferença, de manutenção um que era de Estado o outro que era de município, tinha diferença?

Entrevistado. Sim a manutenção sim, dava diferença sim, porque vinha material do Estado para a escola Estadual.

Entrevistador: Mas o Sr. Achava diferença até do trabalho pedagógico?

Entrevistado: Não porque o trabalho pedagógico ai seria igual pra todos, prof. Estadual como municipal era a mesma programação, todo, porque tinha que ser cumprido né, então ia igual.

Entrevistador: Qual era o papel da Inspeção de ensino junto aos professores.?

Entrevistado: Então eles davam um, um acompanhamento muito bom, as vezes se não ia melhor talvez fosse o desinteresse do próprio professor, as vezes ne, que as vezes, a gente, como eu mesmo me sentia as vezes desinteressado, porque o salário aquele tempo tava muito fraquinho, (risos), é então quando fiz o projeto Logos II, que já era como o magistério. Então era pra ser, melhorar a remuneração, então como eu trabalhava com dois períodos de escola, então o prefeito ao invés de remunerar melhor ele passou a pagar só meio período a mais só, é então em vez de receber dois períodos de duas escolas, recebia um período e meio só, então quer dizer que não estimulava o professor, trabalha.

Entrevistador: E... como era a relação dos professores com a Inspeção.

Entrevistado. Era boa

Entrevistador: E entre vocês

Entrevistado: Também, é às vezes trocava ideia entre os outros professores, porque naquele tempo nas reuniões, é, pedagógica, as vezes é , quando era encerramento de curso, que as vezes o curso era, pode ser o curso de até de uma semana né, depois do encerramento fazia uma festinha, encerramento daquele curso, ate depois tinha também, entrega de certificado, que todos os cursos que nós fazíamos tinha certificado, né, recebia, eu tenho, ta guardado, eu não sei aonde que estão não, mas tem, uma porção guardados.

Entrevistador: De certificados?

Entrevistado: É

Entrevistador: Quem pagava o salário de vocês?

Entrevistado: Então nós era, recebia na prefeitura, né, pegava o cheque da prefeitura, né. Passava lá assinava a folha de recebimento, pegava o cheque e descontava.

Entrevistador: O Sr. era um professor da rede municipal ou da rede estadual?

Entrevistado: sim, era municipal.

Entrevistador: E os professores que trabalhavam como professores estaduais o Sr. Sabe como eles recebiam?

Entrevistado: É eu acho que eles recebiam direto no, na, no banco já, né, já iam e recebiam no banco.

Entrevistador: E durante que, o tempo que o Sr. Foi professor tiveram muitas mudanças nas leis, nas leis educacionais, porque a 1ª lei de Diretrizes e Bases da educação foi 4.024 de 1961, e depois teve a de 1971, e houveram mudanças nessa legislação em relação a alguns aspectos da educação, o Sr. Lembra?

Entrevistado: Não consigo lembra da época dessas leis, eu não consigo lembra, até a tramitação dessas leis, então eu, mas é até, faz mais de 30 anos, né, que aconteceu, a talvez a segunda né.

Entrevistador: Além de ser professor lá na escola água Astorga, o Sr, desempenhava outras tarefas dentro da escola?

Entrevistado: Da ES..., não, na escola só como professor mesmo.

Entrevistador: Mas assim, além da questão pedagógica.

Entrevistado. Só da parte pedagógica e fazia algum trabalho assim, que fazia pra escola ne,

Entrevistador: Que tipo de trabalho?

Entrevistado: É o quintal, por exemplo tinha um quintalzinho e o próprio professor plantava uma mandioca pra faze, pro próprio aluno né, o professor usufruía daquilo ali.

Entrevistador: Usava também na merenda?

Entrevistado: Usava pra merenda e pra eles, pra comunidade, eles podiam pegavam.

Entrevistador: E os alunos auxiliavam nessas, nessas atividades?

Entrevistado: Não nessas atividades não, Isso não.

Entrevistador: E as famílias dos alunos, o Sr conhecia?

Entrevistado: Quase todos né.

Entrevistador: E eles participavam da vida escolar dos, das crianças?

Entrevistado: sim, quando, era assim, quando convocava para uma reunião, eles participavam, mas não era sempre não, só quando tinha mesmo necessidade., as vezes aqui na cidade, eles faziam uma feira, da, escolar né, , feira assim pra vender produto até, as vezes a escola vinha também vendia né.

Entrevistador: participavam dessas feiras.

Entrevistado: Ahan

Entrevistador: E quais eram as séries que o Sr, atendia?

Entrevistado: Eu , da 1ª a 4ª.

Entrevistador: Como era trabalhar com todas essas series?

Entrevistado: Era complicado, porque a 1ª série ficava mais tempo, que as outras turmas,

Entrevistador; Não tinha muito tempo pra dar suporte para as outras séries?

Entrevistado: Então era, é dava sim, mas precisava saber ter um jogo de cintura pra poder controlar senão não conseguia. Se trabalhasse com uma série, muito, se desse mais atenção pra um, as vezes ficava faltando pras outras.

Entrevistador: Como o Sr. Avaliava os alunos?

Entrevistado: então através provinhas mensais, né e bimestrais que servia da nota pra passar de ano fazia os quatro bimestres, se eles alcançavam nota , dai não precisavam fazer exame, daí já a própria nota já passava de ano .

Entrevistador: Então não eram todos os alunos que faziam o exame final?

Entrevistado: Não ai não precisava, porque alcançava a média, e eu não to lembrado no momento né, mas parece que era quem tivesse 6, nota 6 né, já , até o final do ano já passava direto. Então com a notinha, por exemplo nota vermelha já existia, quando tinha essa nota mais fraca, então tinha que recuperar esse aluno até a prova, né, até a prova, o exame final, é

Entrevistador: E como que era a frequência dos alunos?

Entrevistado: Era boa no sitio assim, só é época de chuvas né, e frio que às vezes complicava um pouquinho, uns as vezes também morava mais longe, que não podia participar, que não podia ir né, é esses problemas, até o dia de muito frio mesmo então era ate difícil de ficar naquele ambiente ali sabe, por causa do frio.

Entrevistador: E nos períodos de colheita, como era a frequência dos alunos?

Entrevistado: É esses maiores as vezes faltavam para ajudar os pais, né , mas os pequenos não, era normal,

Entrevistador: E o Sr, tem alguma memória de algum curso oferecido pelo Departamento de Educação , pelo município, pelo estado, para melhorar sua função como professor?

Entrevistado: Então tivemos, mas não consigo te falar assim o nome desses cursos tivemos muitos cursos de aperfeiçoamento né, mas no momento assim não consigo falar pra você.

Entrevistador: O Sr. Participava?

Entrevistado: Sim, participava.

Entrevistador: E auxiliou no seu trabalho educativo?

Entrevistado: É também.

Entrevistador: o Sr tem mais alguma memória desse tempo pra relatar pra gente?

Entrevistado: Não consigo assim lembrar alguma coisa de interessante da parte pedagógica, agora eu não consigo lembrar assim é.

Entrevistador: Como os alunos eram matriculados? Como era feito a matrícula?

Entrevistado: As matrículas era feita sempre com antecedência, não era assim, era feito projeto quando faziam as matrículas em todas as escolas, a nossa escola também faziam na mesma época né, a matricula né, mas eu agora não lembro pra contar pra você.

Entrevistador: Mas quem fazia a matrícula?

Entrevistado: Então, acho que eram os próprios professores.

Entrevistador: o senhor mesmo que fazia.

Entrevistado: Parece que é, não to lembrado muito bem não, já faz 30, quase 40 anos, 39 anos que eu comecei a trabalhar, e depois quando nós deixamos, depois acabou desligando da função pedagógica né das escolas então, não consegue lembrar.

Entrevistador: Certo, Sr. Sebastião, eu agradeço a colaboração do Sr para que a gente pudesse desvendar um pouco desses acontecimentos da escola rural né, para contribuir ate para a história do município né, e a gente agradece muito a sua colaboração.

APÊNDICE D

Transcrição da entrevista com a aluna Maria José Malta.

Hoje é dia 01 de dezembro e estamos fazendo uma entrevista com a sr^a Maria José Malta.

Entrevistador: Bom tarde Maria José?

Entrevistado: Boa tarde.

Entrevistador: Maria José eu gostaria de saber se você foi aluna de escola rural

Entrevistado: Sim fui.

Entrevistador: E você foi aluna de qual escola rural?

Entrevistado Escola Rural Água Astorga.

Entrevistador: Que ano que a sr^a Iniciou?

Entrevistado: Em 1958

Entrevistador: E quando que a sr^a parou de estudar.

Entrevistado: Foi em 1960.

Entrevistador: Quem foi seu professor?

Entrevistado: Foi a Dona Orendina.

Entrevistador: D. Maria José como era a rotina da Escola Água Astorga?

Entrevistado: Ah estudo normal né, fazia os trabalhos na escola, os dever que o professor passava né, ela, assim antes de ir embora, durante as aulas ela ensinava bastante no quadro, depois ela passava exercícios pra gente fazer em casa, né, passava bastante coisa pra gente fazer né. História, expressão, estuda matemática, fazer tudo as contas.

Entrevistador: Que horas que a Sr^a estudava?

Entrevistado: Eu estudava era uma hora da tarde e saia 5 horas

Entrevistador: E como que a Dona Orendina dava aula, a Sr^a se lembra?

Entrevistado: Ah ela ensinava os dois né, livro, quadro, estudava bastante o livro né, no quadro também, ela utilizava bastante.

Entrevistador: Quem ofertava esses livros pra senhora?

Entrevistado: Ela passava o nome pro meu pai e meu pai comprava o livro.

Entrevistador: E como que era estudar na Escola rural Água Astorga?

Entrevistado: Ah era tranquilo né, estudava lá, difícil quando ficou mais longe, mais quando era perto era bom. Não era assim difícil, era normal.

Entrevistador: Como assim era perto, a escola rural não ficava em um lugar só?

Entrevistado: Não, os primeiro ano, o segundo ano. Porque assim eu entrei na primeira série, e ela passou a gente para a segunda série porque a gente já tinha estudado em casa com um moço que trabalhava com o meu pai, ele tinha bem estudo, então ele ensinou nós, então a gente entrou lá no primeiro ano, mas logo ela percebeu que nós não precisava ficar no primeiro porque nós já estava sabendo, o primeiro ano nos já sabia, então ela deu uma prova, vocês já estão sabendo o primeiro ano, vocês vão entrar no segundo ano. Ai ela passou nós para o segundo ano, nós três. Eu, minha irmã e meu irmão, tudo nós tinha, nós já passou.

Entrevistador: E a Sr^a tinha que idade quando começou a estudar?

Entrevistado: Dez anos.

Entrevistador: E seus irmãos?

Entrevistado: O meu irmão o José lá é uma ano mais novo e a minha irmã Jandira um ano mais velha.

Entrevistador: Vocês entraram na escola na mesma época?

Entrevistado: Tudo na mesma época

Entrevistador: E sabiam as mesmas coisas que foi aprendido com essa pessoa que morava em sua casa?

Entrevistado: Foi

Entrevistador: E como era essa primeira escola?

Entrevistado: Ah era uma casa normal assim, uma sala bem grande, diz que tiraram uma parede do meio para ficar uma sala grande, e era uma casa normal, tinha janela, de assoalho, um lugar assim num sítio, cheio de criação em volta, ali morava o dono da casa, um senhor bem de idade.

Entrevistador: pertinho dessa sala?

Entrevistado: É tinha ate a porta, assim ele fechava a porta, porque pra cá era a escola e lá era lá pra dentro. Era uma casa bem grande.

Entrevistador: Era de parede e meia?

Entrevistado: Isso parede e meia

Entrevistador: Então nessa escola era pertinho da sua casa?

Entrevistado: Essa era pertinho, uns 500 metros, bem pertinho mesmo.

Entrevistador: E depois para onde foi a escola?

Entrevistado: Ai depois, ai nós ficou 1, agora eu to lembrando que nós ficamos 1 ano sem estudo, por causa que a professora não sabia se podia dar aula para o 4º serie, ai depois acho que foi, porque nesse tempo nós tinha 14 anos, nos ficou 1 ano sem estuda, ai depois ela conseguiu arrumar seis alunos pra poder ensinar a 4ª serie. É ai nos fomos na outra escola, ai nós estudou esse último ano do 4º ano, já foi nessa escola nova, é verdade, tinha uma área de lado, tinha vitrô assim, era forrada, era uma escola boa.

Entrevistador: Construíram essa para ser escola mesmo?

Entrevistado: Isso

Entrevistador: A srª sabe quem que construiu essa escola?

Entrevistado: Ah, eu não sei, deve ser a prefeitura, eu sei que os donos do sítio era o seu Jeremias, que morava, não sei se a prefeitura comprou lá, não sei, só sei que foi construída lá, mas um tamanho bom, era já era cercada, bem arrumadinha, ficava num lugar bem sem um matinho.

Entrevistador: E essa escola funcionava que período?

Entrevistado: Ah eu acho que de manhã a dona Zélia dava aula de manhã e a dona Orendina a tarde.

Entrevistador: Como que era o horário de recreio?

Entrevistado: A nós brincava lá com os outros, ficava sentava, a gente já era meio grandinha, então a gente tomava leite, era o leite, e ficava lá acho que era uma meia hora de intervalo. Depois voltava tudo pra dentro da sala e já começava estudar de novo.

Entrevistador: Então vocês brincavam fora dali da sala de aula?

Entrevistado: Isso, lá no pátio da escola.

Entrevistador: A escola era cercada?

Entrevistado: Cercada, ela era cercada.

Entrevistador: E a professora Orendina, ela fazia alguma outra tarefa ali na escola sem ser dar aula?

Entrevistado: Não,

Entrevistador: Ela não fazia outra tarefa como limpar a escola.

Entrevistado: Não às vezes eu to lembrando, quem limpava era o povo que morava lá tinha as moças, então ela limpava.

Entrevistador: E quem fazia a merenda?

Entrevistado: Era a família, o mesmo dono do sítio lá, trazia a vasilha de água quente fervendo pra fazer o leite em pó, e só tomava o leite em pó, e se quisesse tomar outra coisa a gente levava de casa, um pão, uma bolachinha, ai tinha lá o leite pra gente tomar junto né.

Entrevistador: A srª tem alguma memória de alguma vez a srª ajudar a dona Orendina a fazer a limpeza da escola, limpar as carteiras, varrer a sala.

Entrevistado: Eu to me lembrando, parece que ela fazia cada um limpa sua carteira, que sentava de dois em dois, então acho que cada um limpava, aqueles dois que sentava, limpava. Eu lembro que a gente limpava embaixo onde que ia colocar os livros, então cada um limpava sua carteira, e varre, a gente ajudava ela varre também, ajudava sim.

Entrevistador: Tinha muitos alunos?

Entrevistado: Tinha bastante, da nossa quarta até que não tinha muito, mas do começo sim, 2º, 3º, tinha bastante.

Entrevistador: Ela dava aula para todas as séries?

Entrevistado: Todas as series.

Entrevistador: E como era o trabalho dela? A Srª lembra como que ela dava aula para todo mundo junto?

Entrevistado: Então, Cada ano vamos supor, o 1º ano ela tinha uma turminha ela explicava, depois o 2º ano ela ensinava para aqueles La e depois o 3º e a 4[série, era tudo assim.

Entrevistador: E a srª tem memória se vocês ajudavam os alunos mais fracos?

Entrevistado: Não, não ajudava não.

Entrevistador: Vocês terminavam o dever e vocês ficavam fazendo o que?

Entrevistado: Ah muitas vezes, ah eu já ajudei sim, mas apontar lápis deles tinha um menino que falava assim: Aponta o meu lápis, eu pegava o lápis dele, ia lá e apontava pra ele (risos). A única coisa que eu fiz pra ele era aponta o lápis pra ele, mas outras parte não ajudava eles não, é.

Entrevistador: E o material escolar como que era?

Entrevistado: A tinha normal tinha caderno de caligrafia, sabe como é o de caligrafia. Tinha o caderno de aritmética, que era tudo de quadradinho, tinha de desenho, a gente fazia desenho, é fazia bastante desenho, nos caderno, é tinha de 3 ou 4 qualidade de caderno. De caligrafia, de, eles falavam linguagem, é tinha linguagem, caligrafia, o de desenho e de aritmética que era tudo de quadradinho, tudo deste jeito os cadernos.

Entrevistador: E vocês encapavam?

Entrevistado: Sim encapava os cadernos. Ela já pedia para encapar os cadernos, livro também, encapava tudo, era tudo encapadinho.

Entrevistador: A srª fez até que série?

Entrevistado: Até a quarta.

Entrevistador: A srª terminou os estudos na escola rural Água Astorga?

Entrevistado: Terminei lá com a profª Orendina. Terminei lá. Ai teve uma festinha e ai nós recebemos o diploma, nós tiramos foto, tenho até uma foto na escola.

Entrevistador: A srª lembra como que era a escola, sua estrutura física? Da primeira escola como que era?

Entrevistado: Ah, era uma casa simples, simples mesmo, não tinha forro, nada, coberta de telha, né, uma casa até assim, de parede escura, porque tudo madeira velha, não tinha tinta nada, não tinha pintura nessa casa lá.

Entrevistador: Tinha energia?

Entrevistado: Tinha nada, tinha não, eles fizeram umas três, quatro janelas para poder clarear né? Abriam a janela, ai, não era assim vidro (mostrou a vidraça da casa dela, modelo basculante) era janela mesmo, aquela que abre e fecha, de assoalho.

Entrevistador: Como era viver nesse espaço escolar?

Entrevistado: Eu gostava, porque eu sentava bem perto assim, mais perto lá da frente né? Só tinha uma carteira na minha frente assim, eu era da segunda, eu gostava, sentia bem estudando.

Entrevistador: E quando a sr^a não estava na escola o que a sr^a fazia?

Entrevistado: Eu tava na roça, trabalhava até meio dia e depois do meio dia a gente ia pra escola.

Entrevistador: Você morava a que distância da escola?

Entrevistado: A última escola era uns dois km. É passava no meio do pasto, passava de pulador de cerca, porque não tinha porteira lá e tinha cerca e passava pelo pulador. A professora também junto, ia e voltava junto.

Entrevistador: E era difícil o caminho?

Entrevistado: Ah, tinha lugar que era difícil, que era uns trios que não tinha nem estradinha assim, era uns trios de pasto.

Entrevistador: Tinha animais no pasto? Era perigoso?

Entrevistado: Tinha, mas não muito não. As crianças ficavam meio longe pra lá das vacas. Assim sempre cuidava né. A professora também olhava, pra gente presta atenção né. É isso ai. Mas, foi meio trabalhoso, mas valeu a pena né? E hoje se a gente sabe um pouquinho de lê e escreve, a gente aprendeu lá né?

Entrevistador: E como que era o relacionamento de vocês com a professora?

Entrevistado: Ah, era muito bom, que ela era, muito boa professora pra gente, sabe. É, corrigia alguma coisa da gente, que a gente falava errado e falava: “é memo” né? É memo não tá certo, a outra “centium”né. Ela: “ai não é memo, é mesmo”, ela falava e a Geralda “centium” , “não é centium” e ela brigava com a Geralda.

É, mas é difícil né, assim foi um estudo bem puxado, assim sabe, ela mesmo fala que o nosso foi, assim, não foi de 4^a série, foi mais, é foi assim um, mais forte, né? Sei que é eu não era muito boa pra tirar nota não. Eu era meia (risos), era 6,5, 7,0, quando fazia as provas, sabe. E no exame também, fala exame que é o último né, também a nota era assim.

Entrevistador: Como vocês eram avaliados?

Entrevistado: É , no final do ano o exame era o último, não passou, ai reprovava. Na onde era esse casarão ai, onde era a 1^a. 2^a e 3^a série era umas professora, aqui da cidade, mas eu não sei o nome dela e depois no final do ano, da última, da 4^a série que foi a d. Maria José Lopes, que foi aplica, mas os outros era as professoras de aluno, até era mais ou menos, igual a ela, assim, elas ficavam lá em volta da gente, fazendo pergunta pra gente responde, né, é que nem eu falei aquela hora do menino da conta lá né, a conta de subtrair, de diminuir, como é que fala lá. Que ela falava: “oh, meninos vocês pensem bem, é uma coisa comum, tirando cinco de seis so pode ficar?”. E eu ficava, “Como pode ficar? Como pode ficar? Mais mesmo quebrei a cabeça pra por a resposta naquela prova lá viu.

Entrevistador: Foi uma prova oral ou tinha pergunta na prova para vocês responderem?

Entrevistado: Não, a pergunta, ela lia assim e tava ali na prova.

Entrevistador: E qual era a expectativa dessa prova?

Entrevistado: Ah a gente ficava preocupado, nossa! Com medo de não passar né? Que no final do ano não passou ai reprova né?. Mas graças a Deus nós nunca reprovou, nem eu nem meus irmãos, nem ninguém lá da escola. Ela ensinava muito bem pra gente, tinha muita paciência pra ensinar e a gente nunca reprovou.

Entrevistador: E como que era o relacionamento entre os alunos?

Entrevistado: Ah sim, olha era muito comportado os alunos, a dona Orendina nunca chamou a atenção de ninguém, por causa que estava brigando, ninguém nunca brigou, sempre todo mundo combinou, precisa de ver, era muito tranquilo.

Entrevistador: Os pais participavam da vida escolar dos filhos?

Entrevistado: Não, não participava não. Nunca foi numa reunião, não tinha reunião para os pais. Nunca lembro dos pais terem participado.

Entrevistador: Mas os seus pais perguntavam sobre o que tinha acontecido na escola?

Entrevistado: Sim perguntavam, o pai sempre olhava os cadernos da gente pra ver se tava, assim como que tava. Ah o meu pai era assim, ele dava bastante atenção pros filhos nessa parte ai.

Entrevistador: E a sr^a tem memória das dificuldades ou até mesmo lembranças boas que a sr^a teve enquanto estudante?

Entrevistado: Ah eu tinha assim que de chuva tinha que ir. Então era difícil pra gente ir né. As vezes tava chovendo né, e a gente tinha que ir mesma coisa né. Não sei nem se tinha sombrinha, sei lá de que que a gente ia, mas eu acho que era mesmo, fazia aquele barro né, a gente tinha que ir descalço, não podia colocar um calçado no pé, porque se por um calçado, ai não tinha jeito, ai o barro vinha subindo e entrava dentro do sapato, ia descalço.

Entrevistador: E lembranças boas, que a sr^a lembra?

Entrevistado: Ah, lembrança boa é quando a gente fazia piquenique, ai era uma festeira, era bom demais, ai nós ia na beira do rio lá, tinha água lá, arvoredo né, ai cada um levava um lanche, um bolo, um pão, uma bolachinha, um biscoito, cada um e fazia lá. Aquilo lá era muito bom, ai nós passava o dia todo contente, véspera assim de um dia importante assim, 15 de novembro, 7 de setembro. Sei lá uma data que marca né, que tem comemoração, para comemorar aquela data né, então a gente ia fazer isso ai.

Entrevistador: E quando a professora levava vocês para fazer esse piquenique, ela também ensinava algumas coisas?

Entrevistado: Ensinava, antes lá né, ela explicava porque a gente estava fazendo o piquenique né? Explicava, ela falava tudo e depois a gente ia comer, beber. E o descobrimento primeiro ela explicava, porque nós estava lá né?

Entrevistador: Alguma vez a prof^a Orendina deixou de aula para vocês? Se ela tinha alguma reunião?

Entrevistado: Ah, isso ai ela teve sim, é , talvez problema de saúde, também quando as vezes ela não tava boa, então ela não ia né, mas era poucas vezes , não era muita não.

Entrevistador: Ela avisava como?

Entrevistado: Nós morava perto ai ela avisava, mas já aconteceu da gente ir lá na escola né e ela não aparecer e depois ir mandar avisar na escola mesmo né, porque daí já avisava todos né? E muitos morava longe, assim morava do outro lado da estrada né, vinha muitos de longe, então não tinha como ela ir na casa avisar né, ai

eles vinha La e depois ela vinha, mandava, acho que o marido dela que ia lá avisa, falava que ela não podia ir, que ela não tava bem, mas foi poucas vezes.

Entrevistador: E a sr^a se recorda alguma vez da professora dona Orendina r aula?

Entrevistado: Ah assim quando ela foi para ganhar o nenê, que ela tirou licença foi outra professora La na escola, uns três meses, quatro meses, foi pouco tempo, ai ela voltou da aula de novo.

Entrevistador: A sr^a tem mais algo a dizer sobre esse período que a Sr^a estudou na escola rural Água Astorga?

Entrevistado: Ah, eu acho que eu não tenho não, acho que ta tudo certo, pode ser que até tem, mas eu não cosigo lembrar né, porque faz muito tempo já né.

Entrevistador: Quantos anos a sr^a tem hoje

Entrevistado: Sessenta e seis

Entrevistador: Eu agradeço pela disponibilidade que a sr^a teve de conceder essa entrevista, de contribuir com a história da educação das escolas rurais de Astorga, muito obrigada.

Entrevistado: de nada, eu que agradeço.

APÊNDICE E

Transcrição da entrevista com a aluna Jandira Malta.

Hoje é dia 19/12 e nós estamos aqui para fazer uma entrevista com a Sr^a Jandira Malta.

Entrevistador: Bom dia.

Entrevistado: Bom dia.

Entrevistador: Dona Jandira você foi aluna da Escola Rural Água Astorga?

Entrevistado: Sim

Entrevistador: E quando a Sr^a começou a estudar lá. Qual foi a primeira Escola que a Sr^a estudou. Conta um pouquinho, a senhora tem memória de como era essa escola?

Entrevistado: Aonde eu comecei ainda tem a casa lá que é do irmão da dona Zélia o Zezo, eu conheço ele por Zezo, você conhece ele, não conhece,

Entrevistador: Ahan.

Entrevistado: Quando eu estudava lá o sitio era de outra pessoa agora é dele e a casa é a mesma ainda, a casa tinha uma sala grande que funcionava a escola tinha uma sala grande sabe então eu estudei lá, eu acho que eu tinha mais ou menos uns 12 anos de idade quando eu comecei a estudar naquele lugar, nessa casa né que ainda existe lá se você procurar ele, se você procurar a Dona Zélia você acha a casa dele né, ainda tá lá a casa, então aí depois mudou a escola mais para baixo né aí sim, aí fez uma escola mesmo, construiu uma escola por que ali funcionava numa sala da casa.

Entrevistador: Era de parede e meia?

Entrevistado: Isso.

Entrevistador: E tinha morador?

Entrevistado: O dono, o antigo dono que já faleceu, morava no fundo.

Entrevistador: Você sabe por que ele cedeu essa sala?

Entrevistado: Eu não sei, por que faz muitos anos né, eu não sei quando a gente mudou lá já funcionava assim né, e chamava, como é o nome dele, Januário.

Entrevistador: Seu Januário.

Entrevistado: Seu Januário, era do seu Januário, o irmão da dona Maria Zélia, que é o seu Zezo que comprou dele deve te contar direitinho né.

Entrevistador: Então a Sr^a lembra assim mais ou menos o ano que era?

Entrevistado: Ah, eu não lembro mais não, o ano eu não lembro mais não por que já faz muito tempo né, eu tinha a faixa de uns 12 pra 13 anos, agora to com meia sete, você imagina quanto tempo faz né, faz muitos anos, aí mudou lá num outro sitio bem longe, bem longe, bem mais pra baixo, pra lá, aí a prefeitura construiu lá uma escola, só a escola mesmo né.

Entrevistador: Perto de uma estrada?

Entrevistado: é, tinha um carreador que saia na estrada. Num ficava muito longe da e estrada não, era perto da estrada. Então, é assim.

Entrevistador: E aí a Senhora saiu dessa escola que era perto de casa e estudou na escola construída?

Entrevistado: Eu terminei, como que fala. Eu estudei até a quarta série só, eu terminei até a quarta série do primeiro grau lá na escola nova.

Entrevistador: Na água Astorga?

Entrevistado: É na Água Astorga

Entrevistador: Certo. E quem é que foi seu professor?

Entrevistado: Sempre Foi a Dona Orendina, ela dava aula pra primeira série, segunda, terceira, quarta, nós era tudo numa sala só né.

Entrevistador: Todos faziam parte da mesma turma, e ela dava aula pras quatro séries?

Entrevistado: É as quatro séries.

Entrevistador: E tinha muitos alunos?

Entrevistado: Tinha bastante, enchia a sala.

Entrevistador: E como que era assim a rotina na escola, como você saia lá da sua casa e ia pra escola. Conta, primeiro como era lá na primeira escola e depois quando passou pra outra?

Entrevistado Ah, quando a gente sempre estudava quando era meio período né, então a gente antes de ir pra escola, a gente tava lá puxando a enxada né, trabalhando né, carpindo né, aí depois a gente ia pra casa, se arrumava e ia pra escola e quando as vezes era na parte da manhã primeiro a gente ia na escola depois que a gente chegava da escola, que tinha uma vez que era da parte da manhã e outro ano na parte da tarde, a gente chegava em casa e almoçava. E ia de novo pra lavoura né, e a dona Orendina ela sempre deu aula só meio período mesmo, essa escola nunca teve período integral, é sempre foi meio período, e às vezes eu ficava com as crianças dela pra ela dá aula assim, sabe, na, não espera aí, não, tinha o dia todo sim não era, agora que eu to me lembrando pro que as vezes eu ficava com as meninas dela, que as meninas dela era quase minha idade mesmo né, você conhece as filhas dela né. Às vezes eu ficava com as meninas né pra ela.

Entrevistador: Pra ela poder trabalhar?

Entrevistado: É pra ela dá aula né, porque eu chegava da escola, nós ia pra casa, ela também ia, às vezes quando era na parte da manhã, a gente Almoçava e eu ficava na casa dela, e ela voltava lá da aula né. Era assim,

Entrevistador: Você cuidava dos filhos dela?

Entrevistado: É, não sempre, lá de vez em quando eu cuidava.

Entrevistador: E se não fosse essa ajuda, a D. Orendina também não conseguiria?

Entrevistado: Não, mas, isso ai as vezes eu ajudava ela, as vezes quando o marido dela as vezes não tava em casa né, para não ficar sozinha, mas a maioria do tempo eu não ficava não, era lá de vez em quando, só sabe.

Entrevistador: E você morava pertinho da casa dela?

Entrevistado: Nós morava perto, nós era vizinho de sítio, né.

Entrevistador: Ahan, essa primeira escola, que você estudou, que era na casa daquele senhor, é era longe ou era perto da sua casa?

Entrevistado: Era perto, não era muito longe não, ai depois que a escola mudou que ficou longe.

Entrevistador: E como que vocês iam para a escola?

Entrevistado: Nós ia a pé, pulando por cima de cerca de pasto, as vezes tinha aquele pulador, aqueles toco que eles colocava, uns toco assim na, na beira da cerca, no tipo de uma escada, né, um baixinho, um mais alto, um mais alto, e do outro lado também, a gente pulava por cima, vinha aquela turma de molecada da escola, nós passava por meio dos pastos, era assim.

Entrevistador: Eles faziam esse instrumento ai para vocês passarem?

Entrevistado: Isso, porque pra ficar passando embaixo do arame era difícil, né.

Entrevistador: Com quem vocês iam ara a escola?

Entrevistado: Com quem?

Entrevistador: É vocês iam com quem?

Entrevistado: Com quem? Ah nós ia só nós mesmo, eu já era mocinha já, essa época eu já tinha uns 14 anos, sabe quando a escola mudou né, eu já tinha uns 14 anos, eu demorei pra entrar na escola, porque a gente, não tinha escola perto, né, é a escola longe, daí nós mudou lá que a escola era mais pertinho, ai eu já entrei na escola e fiquei só 4 anos, porque eu não reprovei nenhum ano. Eu entrei já na primeira série que nesses tempo já entrei na primeira série, eu já tinha 13 anos né. Não podia perder tempo né. Ai sai da escola quando fiz a quarta série.

Entrevistador: Então você estudou em que período, da manhã ou a tarde?

Entrevistado: Isso, não, é, foi porque algum ano dava certo da tarde, outro ano as vezes era de manhã, e tem os meus irmãos também que estudaram com ela, mas foi pouco depois eles foram mais foi com a D. Zélia, a Maria Zélia deu aula lá também, você já entrevistou ela?

Entrevistador: Já entrevistei ela também.

Entrevistado: Então, meus irmãos estudou, foi aluno dela, né.

Entrevistador: E como nesse período a Dona Orendina, sua professora dava aula, como que era a relação lá na escola de vocês, como ela ensinava, o que ela utilizava para ensinar?

Entrevistado: Ah, ela utilizava um livro bem grosso, livrão, sabe, e ela era aquele livro, que ela passava para nós, né.

Entrevistador: E como que era a rotina da escola? Vocês chegavam na escola e já começavam a estudar? Ou você faziam uma outra atividade antes?

Entrevistado: Ah, era difícil fazer atividade hein, a gente mais estudava mesmo, fazia alguns piquenique lá de vez em quando sabe, mas era difícil né? Mais estudava mesmo.

Entrevistador: Vocês chegavam lá na escola e como era a sr^a lembra?

Entrevistado: Nós chegava e já ia estudar.

Entrevistador: Tinha uma oração, como era a rotina de vocês, a senhora tem memória disso?

Entrevistado: Não, não tinha oração não, a escola nós mesmo limpava, né, tinha o dia da semana que a gente limpava a sala né, a gente se juntava todo mundo ali, limpava a sala, era assim.

Entrevistador: Ajudava bastante o professor.

Entrevistado: Ajudava.

Entrevistador: E assim, tinha o horário de aula, vocês tinham o recreio?

Entrevistado: Tinha, tinha um pouquinho de recreio sim.

Entrevistador: E o que vocês faziam no recreio?

Entrevistado: Ah no recreio, a gente brincava.

Entrevistador: Que tipo de brincadeira?

Entrevistado: Ah as brincadeira às vezes era nossa mesmo, porque ela coitada, ela ficava lá dentro corrigindo caderno né, então nós ficava no canto, nós era uns aluno muito bonzinho, sabe, a turma inteira não deu trabalho pra ela né, tinha uns moleque meio danado, mas era no caminho de escola que brigava longe da escola, né, na hora de ir embora.

Entrevistador: Os alunos respeitavam? Como era a relação de vocês?.

Entrevistado: Tinha uns dois só assim sabe. Que as vezes quando saia da aula lá longe, ai começava a arruma briga com os outro menino né, mas ali na sala de aula eu não lembro que nenhum deu trabalho pra ela sabe, era todo mundo comportado, não é que nem agora(risos), é tudo comportadinho e nós as vezes a gente

inventava alguma brincadeira, mas eu nem lembro mais o tipo de brincadeira, mas era difícil nós brincar, nós era adulto né.

Entrevistador: Ficava só conversando?

Entrevistado: é só conversando né, e a nossa merenda, o nosso lanche era só leite, (risos), ela levava leite em pó que a prefeitura mandava e ai esquentava uma água lá, nem cozinha tinha a escola, precisava de cozinha ela ia na casa do vizinho lá, mandava esquentá uma água lá e fazia o leite e nós tomava, era assim.

Entrevistador: Isso tudo na hora do recreio?

Entrevistado: No recreio.

Entrevistador: No recreio, ela fazia o leite, entregava pra vocês?

Entrevistado: Tinha, tinha canequinha e às vezes assim tinha uma coisa de comer, um lanche né, levava de casa era assim.

Entrevistador: E além de dar aula, vocês limpavam a escola?

Entrevistado: É nós limpava.

Entrevistador: A senhora tem assim lembrança se ela fazia mais alguma outra tarefa sem ser a de professora.

Entrevistado: Lá na escola, não, não fazia não.

Entrevistador: Ela era às vezes merendeira né, por que não tinha merendeira, não tinha zeladora.

Entrevistado: Não, era nós mesmos, ela e nós que se juntavam, nós era mocinhas já.

Entrevistador: Mas todos os dias vocês limpavam a sala ou era só um dia na semana.

Entrevistado: Não, era só uma vez por semana.

Entrevistador: E dona Jandira como que era o material didático que vocês utilizavam lá na escola, que comprava? Material para vocês ler, escrever, caderno.

Entrevistado: Ah, era tudo meus pais, era o meu pai que comprava a prefeitura não dava nada.

Entrevistador: Tudo era comprado

Entrevistado: Tudo era comprado

Entrevistador: E você se lembra assim, conta um pouquinho da estrutura física, de como era a escola. Aí você conta um pouquinho da primeira escola, aquela casa, aquela sala, como era a estrutura, estrutura mesmo.

Entrevistado: Ah, era uma sala de assoalho né, era de assoalho alta, tinha escada pra gente entrar por que era alto o chão, as paredes todas de madeira né, tinha janela, mas não era assim (apontou para a janela de sua casa, de metal com vidros), era daquelas janelas de madeira, sem forro né, não era forrada não, sem forro e a outra lá eu não lembro se ela era forrada ou não, não lembro se ela tinha vitrô isso eu não lembro.

Entrevistador: A mais nova.

Entrevistado: A mais nova, mas eu creio que tinha né, por que foi a prefeitura que fez né, eu creio que tinha.

Entrevistador: E as atividades como eram realizadas?

Entrevistado: Olha, o ensino era muito diferente de agora por que eu vejo as crianças que nem no tempo dos meus meninos já foi bem diferente, eles colavam trabalho no caderno e nós não, não tinha esse negócio de ficar colando nada não, e o modo de ensinar era totalmente diferente né, tudo diferente.

Entrevistador: O que a senhora vê que era diferente, conta um pouquinho o que vocês faziam de diferente que a senhora vê que não era igual?

Entrevistado: Ah, matemática também era diferente, muita coisa, o ensino totalmente diferente por que quando os meus meninos tava na escola que às vezes eu ia olhar o caderno deles ou as vezes eles estavam com alguma dificuldade eu ia ensinar eles do meu jeito e eles não aceitavam, por que do jeito que eu aprendi né. Oh mãe, não é assim, o professor ensina sim, assim, então não tem como, não tem como te ensinar nada né, não tinha jeito de eu ensinar eles porque eu quem tava na escola nesse modelo novo era eles, não tinha jeito eu não sabia como professora tava ensinando eles que mudou muito assim. O método de ensino mudou muito, muito mesmo né, as crianças agora aprendem brincando né e quando eu entrei na aula não era assim não já logo no primeiro dia já foi o a, e , i, o, u, o abc já entrou direito né, tinha que aprender mesmo.

Entrevistador: E sempre copiando?

Entrevistado: Sempre copiando, nós fazia muita cópia, nós fazia muito ditado né, história né, escrevia bastante história.

Entrevistador: Que histórias vocês faziam?

Entrevistado: A gente inventava, ela mandava e a gente inventar, história lá e era assim. Ah, a gente inventava da vida gente, qualquer coisa lá inventava.

Entrevistador: E era bom estudar lá?

Entrevistado: Ah, eu achava bom né, por que eu só conhecia aquele modo de aprender né, aquele método, não conhecia outro né, então eu achava bom por que ela foi boa professora ela tinha bastante paciência, a turma era muito boa né, os alunos tudo bonzinho, tudo comportado né, era bom sim.

Entrevistador: A relação de vocês, era boa, tinha afetividade, entre os alunos e a professora?

Entrevistado: Tinha, por que eles, eu sinto que eles é assim comigo até hoje. Ela considera a gente como pessoa da família dela.

Entrevistador: Então vocês tinham um bom relacionamento?

Entrevistado: Teve, os primeiros vizinhos nosso foi eles, ela né e até hoje, ela mora aqui perto, sempre estou lá na casa dela.

Entrevistador: E a relação entre os alunos, como era a relação entre vocês?

Entrevistado: é, a nossa relação, pelo menos na minha época foi muito bom, agora dos meus irmão eu não sei, por que os meus irmãos eram bem mais novos que eu, quando eles estudavam eu não estava estudando mais, então não sei como foi.

Entrevistador: E como eram as aulas da prof^a Orendina?

Entrevistado: Ah, ela passava dever pra primeira série fazer enquanto eles estão fazendo aquele dever ela já estava dando aula pra terceira série.

Entrevistador: Utilizando o quadro?

Entrevistado: Existia dois quadros, ela dividia enquanto iam série estava copiando o dever do quadro ela já estava dando aula pra terceira série, ou segunda série do outro lado, que era duas carreiras de carteiras, cada carreira tinha um quadro em frente.

Entrevistador: Quando alguns alunos terminavam o dever o que eles faziam?

Entrevistado: Ela esperava terminar, apagava e passava aula pros outros.

Entrevistador: A senhora tem memória de alguma vez ter terminado a atividade e ter que ficar esperando?

Entrevistado: Não, ela controlava muito bem, ela era bem organizada.

Entrevistador: E como que era a relação dos pais de vocês na escola?

Entrevistado: Aquela época não existia reunião de pais, nunca teve, os pais não iam na escola, não tinha reunião, não tinha nada, mas também nem precisava né, nós mesmos ela passava aviso no quadro e a gente copiava e levava pra casa, era

assim. E nem precisava, por que ela não tinha o que reclamar dos alunos, não tinha nada era só pra aprender ler, escrever, ali não tinha nada, naquela época era tudo mais simples, não e que nem agora né, eu ate estranhei, um dia fui aqui no Serafim eu cheguei na porta da sala de aula eu fiquei horrorizada de ver o comportamento dos alunos de hoje, totalmente sem educação, as professoras sofrem com os alunos, a gente respeitava muito a professora né, a tudo o que ela falava a gente obedecia e respeitava.

Entrevistador: E como vocês eram avaliados, tinha avaliação, tinha prova?

Entrevistado: Tinha, ela fazia prova, ela avaliava nós, os dever que nós fazia ela corrigia caderno por caderno, e dava nota né, ela levava aquele monte de caderno pra casa todo dia né, pra corrigir né e lá dentro da sala de aula, na hora da aula a gente fazia também e depois ela sentava lá, tinha a mesa dela que ela ficava sentada lá, aquele que ia terminando ia levando lá e ela ia dando nota, era assim.

Entrevistador: Na quarta série tinha alguma prova diferente?

Entrevistado: Na quarta série já foi mais puxado, mais diferente, mais difícil, né.

Entrevistador: Alguma vez alguém aqui da inspetoria, da secretaria de educação daqui foi aplicar prova lá na escola para vocês?

Entrevistado: Não lembro, não lembro não.

Entrevistador: E algum dia a professora Orendina ter que se ausentar?

Entrevistado: Ela se ausentava porque ela vinha em reunião de professores aqui na cidade né, mas eu não sei quantas vezes que ela vinha, não lembro mais, se era uma vez por mês.

Entrevistador: E nesse dia quem que dava aula para vocês?

Entrevistado: Ficava sem aula.

Entrevistador: E como ela avisava os pais que nesse dia não teria aula?

Entrevistado: As vezes ela nem escrevia nada, ela só falava né, ninguém faltava na aula, ia todo mundo.

Entrevistador: E dia de chuva e de frio?

Entrevistado: A gente ia do mesmo jeito, nós andava descalço, porque lá fazia muito barro, a gente ia descalço pra escola, chegava com os pés dessa altura de barro (mostrou aproximadamente 10 cm), limpava os pezinhos no limpador, uma enxada velha presa em dois tocos de madeira com o corte para cima, mas não cortava não, a gente chegava e limpava os pés ali, ficava alto assim de barro (aprox. 20 cm)

Entrevistador: Era difícil?

Entrevistado: Era, mas naquela época a gente não achava porque a gente estava acostumado né com aquela vida, a gente não achava difícil. Eu sou uma pessoa que eu enfrento qualquer coisa, porque a vida que nós levou lá no sítio foi muito difícil, nós vivemos “uma vida de índio”, que a gente segurava com remédio do mato, se ficava doente ninguém vinha em médico, sarava la mesmo né. Então foi bem difícil, mas a gente não achava difícil. Eu acho que era difícil e a gente não achava difícil e era bom, melhor que agora.

Entrevistador: D. Jandira ficou alguma coisa em sua memória sobre essa experiência enquanto aluna lá na escola rural Água Astorga?

Entrevistado: Já faz muito tempo, as coisas vai apagando da mente né.

Entrevistador: Mas a senhora lembra quando a senhora terminou os estudos, se a senhora começou com 12 anos, s[a sr^a terminou com 16, ai a Sr^a parou de ir na escola, qual foi o sentimento da sr^a?

Entrevistado: Eu não sabia o que era assim, eu era menina muito inocente mesmo com 16 anos sabe, a gente não tinha uma TV, porque uma TV ela abre bastante os olhos da gente, a gente vê muita coisa assim, então a gente não sabia de nada, a

gente não, as coisas que existem no estudo assim, eu nem sabia, e pra falar bem a verdade eu não gostava muito de estudar não (risos), foi até bom parar de estudar até certo ponto, a gente trabalhava muito. Você vê, a noite tinha que fazer dever, tarefa com o claro da lamparina né, não tinha luz elétrica, agora tem lá, mas naquela época não tinha era difícil, a gente com sono, a gente trabalhava bastante né, no pesado né, na roça né, a gente cansava né, depois acabava de jantar dava aquele sono ainda tinha que fazer o dever com claro de lamparina né, então por isso que a gente nem gostava muito de estudar, não é como hoje que o pessoal, as escolas tem bastante brincadeira, tem passeio para os alunos, pra escola não ficar uma coisa chata né, naquela época não tinha nada disso

Entrevistador: E quando vocês iam fazer essa tarefa a noite, seus pais sentavam do lado, como que era essa relação de tarefa de casa?

Entrevistado: Sentava nada a gente tinha que se virar, eles não sabiam também né, eles só sabiam escrever o nome só e lê, eles não tinha como ensinar a gente né, eles não tinha bagagem pra passar pra gente né, É igual hoje que eu tenho só a quarta série, se uma neta minha, se for pra mim ajudar num dever de casa, alguma coisa eu não tenho bagagem pra isso, porque já faz muitos anos que eu conclui esse é 1] grau até só a quarta serie, né, já faz muitos anos né, então não tem como eu ensinar nada, e depois e tudo diferente agora, não é igual o tempo que eu aprendi, não era como agora né, totalmente diferente.

Entrevistador: Então está certo d. Jandira, eu agradeço sua disponibilidade em ajudar para gente recuperar um pouco dessa memória adormecida, para registrar isso o que está na sua Memória para ficar guardado. Agradeço sua disponibilidade e sua participação.

Entrevistado: De nada, mas se você for conversar com meus irmãos mais novos, eles devem de lembrar mais coisas, porque eles estudou nessa escola depois que ela mudou pra lá, eles estudaram lá, eles são mais novos que eu, então eles devem lembrar mais coisas né.

Entrevistador: Então tá bom, obrigada.

APÊNDICE F

Transcrição da entrevista com a aluna Sueli Malta Perugini.

Hoje é dia 22 de dezembro de 2.014 e nós estamos aqui na casa da Sueli Malta Perugini para conversarmos com ela.

Entrevistador: Boa tarde Sueli.

Entrevistado: Boa tarde.

Entrevistador: Sueli, você estudou em alguma escola rural?

Entrevistado: Sim eu estudei na escola rural Água Astorga.

Entrevistador: Em que ano foi isso?

Entrevistado: Foi em 1970.

Entrevistador: Você estudou lá até que ano?

Entrevistado: Até 1.974.

Entrevistador: Quem era seu professor?

Entrevistado: De início foi a Dona Orendina aí depois foi Dona Maria Zélia ai continuou o restante dos anos a Maria Zélia mesmo

Entrevistador: Você estudou até que série?

Entrevistado: Até a quarta série.

Entrevistador: Você terminou lá mesmo na escola água Astorga?

Entrevistado: Isso

Entrevistador: Você estudava que período?

Entrevistado: De manhã e teve uma época que eu estudava a tarde também.

Entrevistador: E como era a rotina lá da escola?

Entrevistado: Olha, a gente ia a pé né, era uns 500 metros mais ou menos aí a gente chegava lá, sempre chegava um pouquinho mais cedo né, sempre as crianças gostavam de brincar né, aí a gente tinha horário certo de entrar aí era uma sala só da primeira a quarta série. Tinha primeira, segunda, terceira e quarta série, tudo na mesma sala, dividia as carteiras.

Entrevistador: Era uma sala multisseriada?

Entrevistado: Isso é tinha quadro negro para cada série.

Entrevistador: Um quadro para cada serie

Entrevistado: É

Entrevistador: E o professor dava aula para as quatro séries?

Entrevistado: Isso

Entrevistador: Isso era com a Dona Orendina

Entrevistado: Também

Entrevistador: Que série que você estudou com a Dona Orendina?

Entrevistado: O primeiro ano

Entrevistador: E com a Dona Zélia

Entrevistado: Aí foi uns dois ou três anos com a Maria Zélia, aí tinha vezes que ela não podia ir e ia as cunhadas dela e outras professoras substitutas né, aí no final, foi no ultimo ano foi com Sebastião.

Entrevistador: Você estudou com o professor Sebastião também?

Entrevistado: Isso, com ele também.

Entrevistador: Você estudou com os três professores?

Entrevistado: Isso é.

Entrevistador: Você achava diferença da metodologia dos três?

Entrevistado: Eu achava que tinha sim.

Entrevistador: Você quer contar um pouquinho?

Entrevistado: A Dona Orendina eu não lembro muito bem não, era o primeiro ano né, eu era muito pequena né, mas ela era bem, um professora muito boa. Agora a Dona Maria Zélia era mais, assim, ela já puxava mais, sentia que ela era Bem mais rígida, uma professora muito boa.

Entrevistador: E depois com o Sr. Sebastião?

Entrevistado: Isso, o último ano foi com o professor Sebastião.

Entrevistador: E que horário você chegava na escola.

Entrevistado: Acho que era 8h.

Entrevistador: E a aula terminava que horário?

Entrevistado: Não to me lembrando, mais acho que era meio dia.

Entrevistador: E no outro período, o que você fazia?

Entrevistado: Ah, eu ficava em casa né, ajudava meu pai, as vezes a minha mãe no serviço de casa e quando era maiorzinha eu ia até pra roça.

Entrevistador: Você lembra um período que você não pode ir na escola por que tinha que ajudar seu pai na roça?

Entrevistado: Não, não teve, meu pai sempre deixou a gente estudar, só depois quando a gente voltava da escola a gente ia ajudar ele, mas nunca ele falou hoje você não pode ir, você tem que me ajudar no serviço não, ele sempre apoiou.

Entrevistador: E como que o professor dava aula, você tem uma memória assim como que era a aula?

Entrevistado: Olha, eu lembro que ele passava o exercício tudo no quadro né, a gente copiava no caderno e muitas vezes ele chamava aluno por aluno pra ir no quadro fazer, resolver no quadro as continhas.

Entrevistador: E como que ele trabalhava com mais de uma série, como ele dava conta de dar pro primeiro ano, pro segundo ano?

Entrevistado: Ele passava, as vezes o aluno da quarta série era maiorzinho, aí aquele ajudava a passar no quadro as tarefas pra quarta série, ele dava conteúdo pra criança e a criança ia lá e passava, sempre tinha uns assim, mais inteligentes, aprendia mais né, então aí ele passava pro primeiro ano o exercício, pro segundo, aí enquanto a gente copiava ele ia pras outras séries passar.

Entrevistador: E tinha mais que um quadro na sala?

Entrevistado: Tinha, um pra cada série.

Entrevistador: Como ele organizava ?

Entrevistado: Ele organizava assim, aí até que resolvia no caderno as matérias aí ele ia acompanhando os outros alunos da outra série né, depois ele passava nos cadernos corrigindo, mais ou menos assim.

Entrevistador: E vocês ajudavam uns aos outros?

Entrevistado: Ajudava, ajudava sim.

Entrevistador: Aquele que tinha mais dificuldade?

Entrevistado: Isso, ele pedia pra ajudar, aquele que conseguia resolver né, então sempre tinha uns mais inteligente, que tinha mais facilidades de aprender né, então aqueles eles ajudavam o professor também.

Entrevistador: E o professor, além dele fazer a parte educativa ele fazia uma outra função, outra tarefa, sem ser a de professor?

Entrevistado: Olha, isso a respeito da merenda né, ele instruía, como eu mesmo estava na quarta série, eu fazia muita, ajudava a fazer a merenda, a sopa, ele instruía a gente, ele explicava tudo certinho.

Entrevistador: Mas você fazia a merenda em que horário?

Entrevistado: No final da, era dez horas, eu acho a hora da merenda né, então, quando faltava um pouquinho pra, aí ele já pedia pras crianças ir lá preparar.

Entrevistador: Fazer sopa? Vocês que preparavam? Tinha um fogão?

Entrevistado: Tinha então agora eu to me lembrando, assim, a gente chegava um pouquinho mais cedo e cada um de nós, ele pedia pra levar legumes, um levava batatinha, outro levava mandioca, até eu lembro, eu levava muito cará, tinha muito cará, eu gostava muito, eu levava cará. Aí a gente chegava lá um pouquinho mais cedo, ele pedia pra gente ir mais cedo pra poder preparar, pra cascar, picar, quando a gente era maiorzinha a gente já sabia fazer isso né, então a gente chegava e deixava tudo picadinho, repolho, couve, sabe, fazia tudo num balde enorme.

Entrevistador: Tinha um balde de cozinhar lá na escola?

Entrevistado: Tinha lá na escola.

Entrevistador: E a água?

Entrevistado: Água de poço.

Entrevistador: Vocês mesmo que tiravam a água do poço?

Entrevistado: Eram os meninos, os maiores. Aí deixava tudo preparado, tudo preparadinho dentro do balde aí quando faltava, tipo assim uma meia hora pra merenda, talvez ele mesmo ia lá e acendia o fogo e pnhava cozinhar. Aí de vez em quando um ia lá dar uma mexidinha (risos) Era muito gostoso. Era assim, mas sempre teve a merenda, quando não era sopa era leite em pó.

Entrevistador: E vocês faziam também o leite?

Entrevistado: Fazia também, ele explicava né, orientava a gente.

Entrevistador: Para a sopa vocês traziam os legumes, tinha mais alguma coisa na sopa?

Entrevistado: Tinha macarrão.

Entrevistador: E o macarrão, vinha de onde?

Entrevistado: Era, acho que a prefeitura que mandava o macarrão.

Entrevistador: E vocês viam quando a prefeitura trazia o macarrão

Entrevistado: Nunca cheguei a ver, não sei como e quando eles levavam a gente não via chegar (risos) Eu acho talvez que era o professor, a gente nunca viu chegar nem o leite em pó, macarrão, óleo.

Entrevistador: Tinha tudo lá?

Entrevistado: Tinha tudo, sal, só que eu não me lembro de ter visto chegar (risos).

Entrevistador: E além de vocês fazerem a merenda, quem fazia a limpeza da sala?

Entrevistado: ah, a gente também fazia, final de semana, no sábado, a gente ia era tudo assoalho né e tinha que ser lavado, aí o professor falava, oh, sábado vamos escalar, cada vez era uma, tinha os alunos que no outro sábado era outros alunos, era revezado.

Entrevistador: Tinha uma escala?

Entrevistado: É Tinha uma escala, a gente ia no sábado, lavava todinha a escola, os maiores né, os meninos também.

Entrevistador: O professor que combinava?

Entrevistado: Combinava.

Entrevistador: O professor também ia?

Entrevistado: Também ia e a gente lavava toda a escola.

Entrevistador: Como era horário de recreio? O que vocês faziam além de comer a merenda?

Entrevistado: Ah a gente brincava, a gente brincava de amarelinha, os meninos brincavam de bola queimada. Até meu irmão sofreu um acidente de jogar betz, esse negócio é perigoso né. E

Entrevistador: Lá na escola?

Entrevistado: Lá na escolas mesmo, o menino foi erguer assim a betz pra bater na bola e ele estava atrás e pegou na cabeça e cortou.

Entrevistador: E o que o professor fez?

Entrevistado: Ah, ele olhou.

Entrevistador: E o professor no momento do recreio ele ficava supervisionando vocês?

Entrevistado: Ele ficava dentro da escola fazendo outra atividade, ele ficava dentro da escola ele nunca ficava lá junto.

Entrevistador: E a escola, era cercada?

Entrevistado: Cercada

Entrevistador: E vocês permaneciam no local cercado?

Entrevistado: Olha que eu me lembre na hora do intervalo a gente dava uma escapadinha. Tinha um sitio que tinha muito poncã, muita fruta, era pertinho, então a gente ia lá pedia umas frutas (risos).

Entrevistador: Você lembra mais ou menos quantos alunos que estudavam ali?

Entrevistado: Não era muito não, eu acho que uns vinte alunos, uns vinte alunos se tivesse.

Entrevistador: Sueli, como que era o material didático que vocês usavam? Você tem memória de como era? Quem comprava?

Entrevistado: Alguma coisa só, pouca coisa, meu pai que comprava a cartilha, caderno, lápis, giz de cera, aquelas coisas pra fazer os desenhos né, e a gente levava também, o professor pedia pra gente levar milho, levava bastante milho numa caixinha de fósforo, quando a gente tava na primeira série, pra gente aprender contar (risos)

Entrevistador: Era material de contagem?

Entrevistado: É, a Maria Zélia eles pediam para gente levar feijão, semente de pepino, várias coisas pra plantar La.

Entrevistador: Plantar ali na escola?

Entrevistado: É, no espacinho lá.

Entrevistador: Para quê?

Entrevistado: Ah, era tipo de um trabalho sabe, ele explicava sobre a germinação da semente, como germinava. Não era pra usar daquela verdura, era pras crianças aprender como germinava as sementes de feijão, a semente de arroz, então cada aluno levava um tipo de semente.

Entrevistador: E vocês observavam?

Entrevistado: Oh, mas era muito interessante, a gente todo dia ia lá jogar água nela e esperar ela brotar (risos)

Entrevistador: Com a supervisão do professor?

Entrevistado: Sempre, ele plantava num saquinho assim né.

Entrevistador: E ficava dentro do pátio?

Entrevistado: Isso, lá fora num cantinho do pátio.

Entrevistador: Aí todo dia vocês iam lá ver?

Entrevistado: Ia todo dia regar, jogar água e observar ela.

Entrevistador: E vocês faziam algumas anotações dessas observações?

Entrevistado: Não, não anotava não.

Entrevistador: Vocês tinham visitas de outras pessoas lá na escola?

Entrevistado: Olha, tinha a diretora, só a diretora. Ah, tinha também o pessoal da vacina. Isso eu não esqueço menina, eu tinha um medo da vacina. Ah, ia também um fotografo, ia de vez em quando tirar foto. Só que eu, justo no dia que ele foi eu falei (risos). O meu irmão tem foto na escola, aí ele chegou em casa e falou, olha, você não sabe o que você perdeu, foi um fotografo tirar foto de nós tudo lá, falei aí meu Deus, fiquei super triste (risos), por que naquele tempo era difícil tirar foto.

Entrevistador: Me conta um pouquinho Sueli, você tem memória de como era a escola, da estrutura física da escola?

Entrevistado: Era de madeira, de assoalho e tinha uma área bem grande pro lado de fora, uma varanda eu pegava toda a frente da escola, tinha janelas que tinha vidro mesmo, de vidro, vidraça e tinha um porão muito grande embaixo daquela varanda, no meu tempo não, antes as crianças falavam que o professor colocava de castigo, mas eu acho que era brincadeira, por que quase cabia uma criança de pé, escuro lá, mas nunca pohnou, no tempo que eu estudei não. Era as crianças que... Era brincadeira (risos). Era pintadinha, bem conservada.

Entrevistador: E como era viver nesse espaço escolar?

Entrevistado: Olha, era gostoso, era. Só que não tinha muito conforto, por que a, banheiro mesmo não tinha, era privada, longe da escola, quando dava temporal, chuva de vento, molhava bastante dentro. Tinha goteira, a gente morria de medo. Quando dava temporal aquilo parecia que balançava tudo né, era uma sala grande, enorme né, então, tinha bastante medo.

Entrevistador: Você costumava faltar nas aulas?

Entrevistado: Olha, de vez em quando eu faltava, as vezes eu estava sentindo uma dorzinha na barriga assim, eu já não ia, falava pra mãe, hoje eu não to bem, eu não ia pra escola (risos).

Entrevistador: Mas você gostava de ir na escola?

Entrevistado: Gostava, gostava sim, até depois eu continuei indo com a minha irmã né, por que ela não queria estudar, eu já tinha concluído a quarta série aí não tinha necessidade de eu ir né, aí fui mais um ano com ela, pra ela poder seguir, Mas mesmo assim ela não conseguiu, ela não terminou a quarta série, até o professor Sebastião foi na nossa casa conversou com ela, fez o impossível mesmo mas ela não, mas aí o que acontece, depois eu fiquei dando aula pra ela em casa. Eu fui professora da minha irmã. Ela aprendeu tudo o que eu aprendi, eu passei tudo pra ela e te a letra dela é mais bonita que a minha (risos)

Entrevistador: E a relação de vocês alunos, como era?

Entrevistado: Olha, lá na escola a gente se dava muito bem, que a gente tinha muito respeito ao professor, mas no caminho tinha muitas brigas, eu mesmo sofria muito violência verbal, tinha as maiores, as repetentes, era mocinha já né e eu como nunca fui repetente, sempre fui menos, então as vezes eu levava um lanchinho que sempre minha mãe preparava um lanche, mesmo que tinha sopa e elas queria, elas tomavam o lanche no caminho.

Entrevistador: E você não falava nada?

Entrevistado: Tinha medo, elas são grande, era grande, até um dia meu irmão, pra me defender, ele até agrediu umas das meninas indo pra escola, por que elas queriam por eu queriam pegar meu lanche de toda forma e elas não levavam nada sabe. Então era assim.

Entrevistador: Era difícil o acesso até a escola?

Entrevistado: Era, era difícil, não era estrada, a gente ia por trilhos, passava no meio de pasto, no meio de grama. Na época de frio mesmo, a grama molhada muito orvalho, bem difícil.

Entrevistador: Sempre a pé e em grupo?

Entrevistado: Sempre em grupinho, a gente passava na casa das pessoas e os alunos iam juntos.

Entrevistador: No período que você estudou a professora Zélia morava onde?

Entrevistado: Morava lá no sítio.

Entrevistador: Sueli, como era o relacionamento entre vocês e o professor(a)?

Entrevistado: Olha, era bom, por que a gente tinha bastante respeito pelo professor, as vezes a gente levantava um pouquinho na sala pra conversar mas era coisa do estudo mesmo né, então eu mesmo tinha muito receio, eu tinha muito receio do professor, respeitava mesmo.

Entrevistador: Seus pais falavam alguma coisa em relação a isso, a questão do respeito pelo professor?

Entrevistado: Não, não falava pro que a gente já, naquele tempo a gente tinha um respeito tão grande até pelos próprios pais né, Até o jeito dos Pais olhar pra gente a gente já sabia. Mas tinha umas crianças que não tinham muito respeito pelo professor não. Era uns meninos que era mais levadinho, agora eu as vezes atrapalhou um pouco a gente aprender por esse medo que eu tinha do professor, por que tinha muitas continhas mesmo, em matemática eu era bem difícil de eu aprender, as continhas de emprestar número, subtrair eu não conseguia aprender, eu fui aprender depois que eu sai da escola. Aí caiu ficha (risos) Aí eu aprendi, ai assimilei, como que era fazer aquelas continhas, mas antes eu não tinha coragem de chegar ao professor e pedir uma orientação certa né, eu tinha muito receio.

Entrevistador: E quando chovia?

Entrevistado: Ah, a gente faltava, por que era muito longe e os pais não tinham carro pra levar né, as vezes a estrada também, no caminho não dava pra passar com carro tinha que dar volta bem longe, a gente faltava.

Entrevistador: E os seus pais, participavam das atividades que tinha na escola. O professor chamava pra conversar?

Entrevistado: Reunião você fala né, muito pouco não tinha quase reunião, era poucos alunos né, as crianças eram Bem mais calma aquele tempo.

Entrevistador: E tinha ajuda dos pais em casa?

Entrevistado: Sim, tinha dos irmos mais velhos, por que meus pais praticamente eles não estudaram, minha mãe mesmo, ela praticamente aprendeu o nome e só, então os irmãos mais velhos é que davam uma ajuda pra gente.

Entrevistador: Você lembra de alguma avaliação que você fez neste período?

Entrevistado: Fazia, era uma folha grampeada, umas três folhas, papel sulfite e ele já trazia pronto as perguntas, na escola não tinha nada pra imprimir aquelas coisas né, ele já trazia pronto, só pra gente responder tudo.

Entrevistador: Você lembra alguma vez de vir uma equipe do departamento da inspetoria aplicar prova pra vocês

Entrevistado: No final do ano era, falava aquela época de exame. Nossa, dia de exame era muito, a mãe preparava marmita com almoço com frango, era uma comida assim, forte, ela preparava por que a gente ia fazer um exame que era prova do final do ano né. Então aí vinha diretora, vinha mais alguém, mas não to lembrada quem era, mas vinha, até aquele dia era muito importante, a gente ficava super preocupada naquele dia, era final do ano, então era prova final né. Era o exame.

Entrevistador: Mas qual era a preocupação de vocês Sueli?

Entrevistado: Medo de não passar né, ficar repetente, morria de medo, por que esse dia era muito importante.

Entrevistador: Além desse exame final o professor aplicava também outras provas bimestrais?

Entrevistado: Ah sim, tinha prova também, tudo prontinha, cada série só entregava e no final passava recolhendo.

Entrevistador: Sueli, o que ficou em sua memória sobre sua experiência de estudar lá na escola rural Água Astorga?

Entrevistado: Olha, ficou assim, que a gente, era um período muito gostoso né, a gente tinha as amizades né, os pais da gente era mais jovens, os irmãos, era tudo unido né, agora a minha mãe faleceu, todo mundo casou. Ah, então, no sábado também tinha catequese.

Entrevistador: Quem dava catequese?

Entrevistado: Era o professor mesmo, não era todo sábado não.

Entrevistador: Você teve formatura da quarta série?

Entrevistado: Acho que não teve não, por que nem foto eu tenho, os meus irmãos mais velhos tem foto e eu não. Então eu acho que não teve não.

Entrevistador: Eu agradeço pela sua entrevista estar colaborando para compor a educação rural de Astorga, pela sua disponibilidade.

Entrevistado: Ah, o que eu consegui lembrar né, por que muitas coisas a gente nem lembra né.

Entrevistador: Muito obrigado.

APÊNDICE F

Transcrição da entrevista com a Inspetora Maria José Lopes.

Hoje é dia 19 de dezembro e nós estamos aqui fazendo uma entrevista com a professora Maria José Lopes.

Entrevistador: Boa tarde d. Maria José?

Entrevistado: Boa tarde

Entrevistador: D. Maria José nós sabemos que a Sr^a foi inspetora de ensino das escolas rurais do município de Astorga, quando que a sr^o começou nessa função e quanto tempo ficou?

Entrevistado: Olha eu comecei em 1970 e fiquei até 1983.

Entrevistador: Como inspetora e antes disso?

Entrevistado: Antes disso eu trabalhei como secretária do Adolpho durante muitos anos né, eu trabalhei no Stela Maris, como secretária, voltei para o Adolpho e fui convidada para inspetora auxiliar, ai fui para a inspetoria regional.

Entrevistador: E quem era inspetora nessa época?

Entrevistado: Inspetor regional era o Sr. Paulo Camargo Arruda Brasil, e ai a d. Tutica, Maria Aparecida de Pozzo, era inspetora de tudo, que eles falavam do ensino primário, né, do 1º grau, tinha a Ziza da merenda escolar e eu como inspetora auxiliar.

Entrevistador: E D. Maria José a gente sabe que a educação escolar de Astorga ela se expandiu, teve um grande crescimento do município na década de 60, porque houveram muitas criações de escolas nessa década, a Sr^a sabe me dizer, a Sr^a tem memória de como foi essa expansão?

Entrevistado: è o que te falei isso acho que foi o aumento da população, do sítio, veio muita gente de fora pra Astorga, principalmente pra Astorga né, então foi isso que foi né, os fazendeiros foi assim, eles pediam escola porque as vezes era longe pra uma criança transportar de um lugar para outro, então eles solicitavam pra prefeitura e era construída ali a escola.

Entrevistador: E eles cediam o terreno?

Entrevistado: Eles cediam o terreno e a prefeitura construía a escola. E ali fundava a associação de pais e professores e expandiam, e ajudavam bastante a escola, com a associação deles né.

Entrevistador: E no período que a sr^a trabalhou como inspetora quem era responsável pela educação das escolas rurais?

Entrevistado: Eu era responsável pelas escolas rurais e tinha as auxiliares, né, tinha da merenda escolar, tinha orientadora, e tinha secretária né, que ajudou bastante nessa parte ai da, elas faziam assim apostila distribuía para as escolas rurais, elas aplicavam provas nas escolas, e a gente visitava, todo mês eu e as meninas faziam visitas nas escolas rurais, todo mês a gente visitava a escola.

Entrevistador: E em relação a competência das escolas rurais, estadual ou municipal, quem era responsável?

Entrevistado: Mais como você fala

Entrevistador: É quem que mantinha as escolas?

Entrevistado: Pois é eu to falando é isso, a prefeitura e o estado. O estado tinha cinco escolas estaduais, era 36 escolas e 31 era municipal, e a prefeitura mantinham as escolas municipais e o estado as estaduais, merenda e a associação também fazia assim, elas faziam promoções, né, comprava muitas coisas pra escola também.

Entrevistador: A própria comunidade?

Entrevistado: A própria comunidade, tinha aquela feira, agrícola que a gente fazia na cidade, e os produtos agrícolas era em benefício das escolas,

Entrevistador: Essa ajuda que vocês recebiam tanto do estado quanto do município a sr^a sabe me dizer como era enviada, como vocês recebiam, vocês recebiam em dinheiro, vocês recebiam em materiais?

Entrevistado: Não recebia material também, material de limpeza, a merenda e esse , tinha o pró município, eles davam uma verba muito grande pro município, então era comprado em material, comprado móveis, tinha uma pessoa responsável por essa parte que era a Lucinéia Xavier Lopes, que ela era responsável por essa parte do pró-município. O dinheiro vinha direto pra prefeitura a gente fazia as compras e a prefeitura que fazia toda a contabilidade, o dinheiro vinha direto para a prefeitura.

Entrevistador: E o estado como que funcionava?

Entrevistado: Era a mesma coisa também, o que dava para o município dava também para a do Estado.

Entrevistador: Sempre em forma de dinheiro, a sr^a nunca precisou até Curitiba buscar material?

Entrevistado: Não a gente ia buscar de caminhão, já trazia o material direto de lá, trazia sabão em pó, detergente, era mais material de limpeza né.

Entrevistador: E material didático?

Entrevistado: Material didático eles davam também, caderno que era distribuído, a prefeitura também dava caderno pra distribuir,

Entrevistador: Onde e como era feito o pagamento dos professores municipais?

Entrevistado: Era da prefeitura, eles recebiam através de Cheque, tinha a folha de pagamento, eles recebiam e do estado já vinha pela coletoria, vinha direto pela coletoria estadual, dos professores estaduais, né dos professores estaduais. Vinha direto da coletoria e os professores recebiam La.

Entrevistador: E qual era o papel da inspetoria de ensino no município de Astorga?

Entrevistado: Era assim, era como se diz, a gente, como que eu falo, orientava tudo né, quer dizer que aquelas meninas é tudo na responsabilidade da gente, que cada um tinha sua função, orientadora, secretária, né cada um tinha sua função dentro da inspetoria. E elas forneciam as apostilas para os professores, né,

Entrevistador: Elas produziam as apostilas?

Entrevistado: As apostilas para as professoras, todo mês aquelas apostilas, no fim do mês as provas era feita aqui, na inspetoria, rodava no mimeógrafo e eram encaminhados para as escolas.

Entrevistador: E como era a relação das escolas com a inspetoria, as escolas seguiam as normas, era difícil?

Entrevistado: Não, era muito fácil de elas seguir as normas, depois entrou aquele projeto também que a Noirma cuidava, que elas foram se especializando, né e quem fazia o projeto recebia como 2º grau, igual que era o normal daquele tempo que era para regularizar e dar esse conhecimento para os professores, todos eles fizeram esse projeto Logos II.

Entrevistador: Como a prefeitura não pagava os professores estaduais como que era a relação de trabalho com esses professores que não eram municipais?

Entrevistado: Era a mesma coisa, tudo junto nas reuniões mensais era junto, tudo que fazia era junto com as municipais. E a prefeitura assumia se precisasse de

alguma coisa das estaduais, era a mesma coisa da municipal, a gente dava também se ganhasse uma todas elas.

Entrevistador: D. Maria José a sr^a lembra como era definido o local onde seria construída uma escola?

Entrevistado: Lembro sim, assim pessoas que vinham geralmente pedir, eles eram, tinham o lugar reservado pra essa construção, né, mais perto das fazendas, perto das casas para não ficar muito isolado,

Entrevistador: Como era decidida a planta da escola?

Entrevistado: isso é ficava por conta da prefeitura né. Tinham um padrão que todas as escolas eram um padrão só. Todas possuíam uma sala, com mitório La fora. A prefeitura que construía sempre um padrão só.

Entrevistador: Então as escolas elas eram semelhantes?

Entrevistado: Eram.

Entrevistador: Tinha alguma escola que a sr^a recorda que tinha mais que uma sala?

Entrevistado: Tinha, tinha sim a escola da granada que tinham duas salas, deixa eu ver qual que era a outra, Paranaguá, tinham duas salas.

Entrevistador: E como era feita a manutenção da escolas rurais?

Entrevistado: Era tudo a prefeitura que fazia tudo esse trabalho, mesmo nas escolas estaduais a prefeitura que assumia o trabalho

Entrevistador: A Sr^a tem memória d. Maria José de algum curso, de cursos ofertados pela inspetoria ofertados para os professores?

Entrevistado: Ah tem, sempre tinha esses cursos, tinha, às vezes vinha da Telepar, esse curso, daqui mesmo tinha as orientadoras que às vezes dava bastante orientação, principalmente nas reuniões né,

Entrevistador: E como a Inspeção ela cuidava ela acompanhava o trabalho do professor, por que nas escolas rurais elas eram distantes da cidade, e como vocês faziam esse acompanhamento?

Entrevistado: A gente ia muito nas escolas, frequentava muito, as vezes eu ia, as orientadoras, e tinham as pessoas igual eu falei pra você a associação, ali os pais cuidavam das escolas, se o professor faltava muito ele ia comunicar, né, o presidente ou outra pessoa, então era assim, a gente sempre estava nas escolas, mas nunca teve problema de professor faltar muito tempo, só quando faltava eles avisavam né, por motivo de doença,

Entrevistador: E quais eram as exigências da época para trabalhar como professor nas escolas rurais de Astorga?

Entrevistado: Ah não tinha exigência porque a gente pegava, assim porque as vezes não tinha como a gente levar gente daqui pra lá porque era muito longe, então a gente pegava aquelas pessoas com mais instrução dali mesmo, aí a gente tinha teste todo ano, fazia teste de, uma avaliação, principalmente os professores novos, tinha um concurso fazia os testes.

Entrevistador: Eles eram selecionados a partir de um concurso?

Entrevistado: É um concurso, aqueles que tiravam os primeiros lugares pegavam as escolas melhores, mais na beira de estrada né, e geralmente a gente pegava a pessoa do local, porque igual a Serrinha era uma escola que não tinha jeito, so tinha o Arlindo ali, e tinha que ser ele mesmo.

Entrevistador: D. Maria José, no decorrer do caminho da educação de Astorga, nesse período que a Sr^a ficou principalmente, mudaram as leis educacionais, então nós tivemos a lei 4024/1961, tivemos a 71 e nós estamos hoje na 9394/96.

Essas mudanças de leis, o que influenciou o trabalho da inspetoria com o trabalho pedagógico das escolas?

Entrevistado: Ah eu acho que a gente seguiu sempre a linha que deu muito certo, porque sempre foi a gente começou com as orientadoras que seguiam basicamente o que era determinado para as escolas estaduais, tinha os planos que a gente seguia direitinho

Entrevistador: D. Maria José no período de 1960 a 1980, a Sr tem alguma memória das matrículas, como eram realizadas as matrículas?

Entrevistado: Eram as professoras mesmo quem fazia as matrículas, na escola, a gente anunciava no rádio, ia lá avisava. Porque assim o prof. Antes de começar ele ia pra escola, fazia tudo ele quem limpava, porque não tinha servente, prof lavava, limpava a escola, fazia a merenda, tudo era ele, então eles iam antes já limpava e já avisava o dia de matrículas, e tinha escola que tinha as vezes dois professores, outros que dava para as quatro series seriadas, as 4 series, 1º 2º 3º 4º.

Entrevistador: D, Maria José a srª tem mais alguma coisa pra dizer sobre as escolas rurais, sobre o trabalho que a srª desenvolveu em um longo período, quais foram as dificuldades, quais foram as facilidades, o que ganhou, o que a educação ganhou nesse período?

Entrevistado: Ah minha filha, tem coisas assim boas e ruins, teve coisa difícil, por exemplo, para ir nas escolas dia de chuva, era difícil, a gente tinha que ir de jipão, porque a Kombi não descia, mas não teve muita dificuldade. a gente trabalhou com uma turma muito boa, uma equipe, a prefeitura ajudava muito né.

Entrevistador: Eu agradeço a participação da srª, para reconstruir a história da educação de Astorga.